

CATHERINE DE HUECK DOHERTY

EVANGELHO SEM RESTRIÇÕES

Título original: *The Gospel without Compromise*
Catherine de Hueck Doherty
(antes de casar-se: Kolyschkine)
Ave Maria Press, Notre Dame, Indiana, USA
1976

Evangelho sem restrições
Edições Paulinas, São Paulo, SP, Brasil
1987
Tradução: Héber Salvador de Lima, S.J.

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

www.madonnahouse.org
www.catherinedoherty.org
<http://writings.catherinedoherty.org>

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

SUMÁRIO

DUAS PALAVRAS DO TRADUTOR	6
PREFÁCIO	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: MAU TEMPO NESTES TEMPOS	20
O que há de errado com os cristãos	20
Era de paradoxos	23
A falsa divinização do homem	25
O homem fragmentado	27
Uma chave para a solidão	30
Os verdadeiros valores	33
A fome mais profunda	35
O inundo está frio	37
Senhor, tende compaixão!	39
O espectro do medo	40
O assassinio moderno de Abel	42
Tempo para a meditação	44
CAPÍTULO II: A IGREJA E O CONCÍLIO	48
A mensagem clara do Concílio	48
De católicos a cristãos	51
Deve a Igreja adaptar-se ao mundo?	53
O que foi feito...?	55
A renovação começa comigo	56
Bíblia e renovação	59
Reformadores sem amor	61
Não é luta contra a carne e o sangue	63
A vós eu clamo, Senhor!	64
Limpando a casa da Igreja	67
Reforma é... Amor	70
Mudando as estruturas	72
Amor apaixonado pela Igreja	73
Flores novas da primavera	75
A brisa do Espírito que derrete gelos	77
Nos braços da Esperança	78
CAPÍTULO III: TRINDADE, <i>SOBORNOST</i> , COMUNIDADE	81
A comunidade da Trindade	81
A Trindade e "sobornost"	82
Liturgia e sobornost	85

Comunidade e mudança de coração.....	90
Os fundamentos da comunidade cristã.....	92
Comunidade é amar uns aos outros.....	96
Treinamento de amor.....	100
A missão dos cristãos de hoje.....	103
CAPÍTULO IV: O AMOR.....	105
A revolução do amor.....	105
O Evangelho sem restrições.....	108
Comprometidos com o Evangelho.....	110
O Amor é a resposta.....	113
Você sabe que Deus o ama?.....	115
"Este Tremendo Amante!".....	117
O Coração de Jesus Cristo.....	119
O Amor é Alguém.....	122
Primeiro: amarás o Senhor teu Deus.....	123
O verdadeiro amor não é fácil.....	126
Amar ou ser amado — eis a questão.....	128
Teologia do amor de si mesmo.....	131
Sem amor, portanto, sem Deus?.....	133
Mostrando as chagas do Amor.....	134
Cristãos de bacia e toalha nas mãos.....	137
Fazendo cursos de amor.....	139
Paremos para notar os outros.....	141
A hospitalidade do coração.....	142
Precisamos de cristãos violentos.....	143
Amai-vos como eu vos amei.....	145
O papel específico do cristão.....	147
Amor, essência de tudo.....	150
CAPÍTULO V: POBREZA.....	152
O mais pobre entre os pobres.....	152
A pobreza do coração.....	155
Anawim de Deus.....	158
Apoiar-se em Deus.....	160
Despojamento.....	163
A necessidade de não possuir.....	165
A noiva do Mendigo Divino.....	167
CAPÍTULO VI: ORAÇÃO.....	174
Oração, caminho para o amor.....	174
"Ensinai-nos a rezar".....	175

Somente os pobres podem rezar	177
Precisamos de mais oração	180
Oração e ação	182
Oração e totalidade.....	185
Contemplação e renovação	187
Poustinia	190
A voz do silêncio.....	192
CAPÍTULO VII: DONS E VIRTUDES	195
A fé	195
Tocando o Cristo.....	196
A fé em diáspora	199
Teologia	201
A Teologia Pastoral	204
O tremendo dom da profecia	206
Perdão	209
Pecado coletivo	210
A ira justa	212
A castidade e o Evangelho	215
Vamos celebrar!	217

DUAS PALAVRAS DO TRADUTOR

Quando duas Irmãs Paulinas me procuraram, na minha residência de Goiânia, em dezembro de 1977, para pedirem que eu lhes traduzisse um livro, minha primeira resposta foi negativa, porque tenho uma aversão pessoal ao trabalho de traduzir. No momento, porém, em que mencionaram o nome da autora do livro, Catarina de Hueck Doherty, todos os muros da minha resistência se fizeram em pó.

Em julho de 1971, tive a felicidade de visitar *Madonna House*, em Combermere, no Canadá. Aí fiquei conhecendo pessoalmente Catarina, a autora destas páginas e toda a obra maravilhosa que ela fundou e dirige. Desta minha visita surgiu o livro "*Apresento-lhes a Baronesa*", publicado, quase dois anos mais tarde, pelas Edições Paulinas, hoje em terceira edição. Por causa disto, não podia deixar de aceitar o trabalho de traduzir o seu livro.

Devo dizer que a "Baronesa", apenas lida, em letras frias, perde muito da sua tremenda personalidade. Muitas das passagens deste livro eu as ouvi dos seus próprios lábios, em *Madonna House*, como mensagens de fogo, tal era o calor vivencial, o vigor de expressão e a fé palpitante com que eram transmitidas. Hoje, ao relê-las e traduzi-las, pareceu-me ver o grande vulto e perfil dessa "Mulher forte" configurar-se e erguer-se entre as linhas do seu livro. Ela é de uma originalidade, espontaneidade e autenticidade que desafiam descrição. Tenho pena do autor que se aventurar a escrever sua biografia. Será tarefa sobre-humana. Ela fala do Espírito Santo como quem acabou de ter uma conversa com ele,

dois minutos antes, ali na esquina! Jejum a pão e água é quase como feijão com arroz para nós.

Entretanto, quando sai do seu *poustinia*, sua cabana de troncos, para vir conversar com seus amigos e seus hóspedes, é a própria imagem da saúde, sempre bem humorada e sorridente. Esta réplica feminina de Moisés, quando, desce da montanha, conversa sobre Deus e conta piadas, algumas delas inesperadas. Por isso a juventude a admira, aceita e segue. Mas fá-lo também, sobretudo, por causa da sua tremenda autenticidade. Catarina fala muito mais com a vida do que com as palavras e vem fazendo isto há mais de quarenta anos.

A juventude de hoje está cansada das belas palavras e dos belos discursos e sermões; eis porque, na minha opinião, o presente livro vai ter ou, pelo menos deveria ter boa aceitação. A autenticidade e convicção interior da autora ressalta de cada linha. Não é necessário tê-la conhecido pessoalmente para notar isto.

Mas Catarina de Hueck, devido à sua autenticidade, é também, de uma grande liberdade interior, o que se manifesta muito em tudo o que ela diz e escreve. Isto lhe granjeou, não digo inimigos, pois é difícil ser inimigo de quem só viveu e vive para os pobres, mas certos críticos, cujas bolhas de sabão ela, talvez, tenha contribuído para rebentar.... Há quem a chame de "esquisita" e meio doída... Tudo isto disseram também de Cristo.

Quando se conhece bem uma pessoa, é mais fácil compreender e aceitar suas palavras. Algumas expressões da autora deste livro precisam deste

aviso inicial. Quando ela fala, por exemplo, dos teólogos e da "multidão" de livros religiosos que hoje se escrevem, não vai, em suas palavras, desprezo algum nem por uns nem por outros. Ela é a primeira a escrever muito! O que Catarina quer dizer é que existe muita erudição, muita teologia de livros e cursos e pouca teologia de vida. Sua primeira preocupação, ao fundar sua comunidade de Madonna House, foi respaldar-se com vários sacerdotes, especialmente o Padre Callahan que prefacia este livro. Recentemente mandou um dos seus jovens sacerdotes especializar-se em teologia.

Santa Terezinha também disse, em seus escritos, que, quando lia livros eruditos e comentaristas bíblicos, ficava em total jejum espiritual e preferia ir diretamente aos Evangelhos. Ninguém, até hoje, viu nisso alguma manifestação de orgulho ou de desprezo da santa pelos teólogos.

O mesmo se diga dos cursos e "encontros" aos quais Catarina se refere, rapidamente, neste livro, com certa ironia. Ela não está criticando toda espécie de cursos e encontros. Não podia fazê-lo, porque *Madonna House* é uma série quase ininterrupta de cursos e encontros para padres, freiras e leigos, sobretudo jovens. Basta atentar bem para o contexto e logo se verificará que ela critica apenas a "moda" de cursos e encontros triunfalistas, verdadeiras fugas da realidade cristã interior e evangélica que é de muita oração, sacrifício, violência contra si mesmo e amor a Deus e ao próximo.

Julguei oportuno acrescentar estas observações minhas para prevenir algum leitor mais delicado e menos avisado. Eu, pessoalmente, considero uma

das grandes graças de Deus, em minha vida, o fato de ter conhecido de perto Catarina de Hueck Doherty e de ter contribuído, com meu livro "*Apresento-Ihes a Baronesa*", para torná-la conhecida e amada no Brasil. As muitas cartas que tenho recebido, nestes últimos 5 anos, demonstram o bem imenso que ela tem feito e está fazendo aos brasileiros. Queira Deus que o presente livro possa continuar esse trabalho de difundir cada vez mais a maravilhosa obra de bondade, amor, fé e esperança que é *Madonna House* e, também essa linda obra de Deus que é a pessoa de Catarina.

Goiânia, maio de 1978
Pe. Héber Salvador de Lima, S.J.

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

PREFÁCIO

Em 1925 o Papa Pio XI lançou seu primeiro apelo à Ação Católica, conclamando os leigos a participarem do apostolado.

Cinco anos mais tarde, 1930, em Toronto, Catarina de Hueck tornou-se uma das primeiras pessoas a responder ao apelo do Papa. Seu desejo pessoal visava a um apostolado individual, mas as circunstâncias, eventualmente, levaram seus esforços a um grupo de leigos que trabalhavam num movimento denominado "Casa da Amizade".

Este movimento cresceu e evoluiu. Em 1938 passou as fronteiras dos Estados Unidos e entrou no campo do apostolado racial, entre os negros do bairro NovaIorquino de Harlem e em outros lugares. Em 1947, em consequência do seu casamento com o falecido Eddie Doherty, um conhecido jornalista, Catarina voltou ao Canadá para fundar o apostolado de Madonna House, em Combermere, província de Ontário.

Durante todos esses anos, tem-se ouvido o eco de sua voz e a mensagem de sua pena. Fazendo conferências de norte a sul do continente americano, num fluxo ininterrupto de artigos, cartas e livros, ela entrou na vida de inúmeros cristãos com a mensagem clara e firme de que é necessário viver o Evangelho. Toda uma geração de sacerdotes, religiosas e leigos, na década de 1950, foi alimentada e amparada por suas idéias em livros como *Dear Sister*, *Dear Seminarian*, *Where God Is*, *My Russian Yesterdays*.

Sua origem e formação russa, bem como o trauma

da Revolução Russa com os conseqüentes transtornos que a levaram das riquezas à extrema pobreza e à condição vivencial de humilde operária, tudo isto despertou no íntimo de Catarina, de maneira muito profunda, o valor e a verdade da mensagem evangélica.

Eu me encontrei com Catarina em 1950 e, meses depois, tornei-me seu diretor espiritual. Nos últimos vinte e cinco anos tenho trabalhado e vivido ao lado dela diariamente. Estou, portanto, credenciado a afirmar, com base na minha experiência pessoal, que o título deste livro, *Evangelho Sem Restrições*, é sua própria vida.

Esta "mulher forte" considera o Evangelho — Cristo e suas palavras — como uma Boa Nova. Ela insiste e afirma repetidamente que o núcleo desta Boa Nova é o amor de Deus para conosco. Sua vida é um exemplo de fidelidade não somente aos mandamentos do Senhor, mas também aos seus conselhos de Pobreza, Castidade e Obediência.

Assim ela se expressa na introdução: "Não discutirei diretamente a grande maré de controvérsias que, nos dias de hoje, surge de todas as partes e nos envolve. Em vez disso, procurarei mostrar a Boa Nova aos meus leitores, espalhados em centenas de cidades. A Boa Nova é o Amor de Deus por nós; seu único grande mandamento é amar. Se estivermos vivendo este mandamento e não simplesmente prestando-lhe homenagem de palavras, seremos capazes de mudar a face da economia, da política, da tecnologia e de qualquer outra coisa que precise ser mudada".

Eu julgo que a Boa Nova apresentada por Catarina, se for vivida integralmente, mudará não somente a face da economia, da política e da tecnologia, mas transformará também os corações dos leitores, desde que também estes aceitem o Evangelho sem restrições.

Pé. John T. Callahan
Madonna House
Combermere, Ontário

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

INTRODUÇÃO

O mundo dos homens de hoje se encontra em reboição. Já esteve em rodadoinho antes, mas o reboição e a confusão de agora é de um novo tipo. É o reboição e a confusão de mentes e espíritos humanos em busca de uma resposta verdadeira para o sentido de sua existência: Deus.

Uma das razões da confusão presente é o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da descoberta de mundos novos, com a conseqüente entrada do homem na imensidão do espaço sideral. O homem partiu para a conquista deste espaço equipado com seus instrumentos, mas são estes instrumentos que estão conquistando o homem. Chega-se quase à impressão de que, quanto mais o homem avança no conhecimento do mundo em que vive, menos ele entende a si mesmo.

Tempo existiu em que ele se julgou o centro deste seu universo. Agora, ao contemplar a imensidão que o rodeia, ele parece ter-se encolhido dentro da mais completa insignificância. Ele se sente fragmentado. Parece não haver mais sentido em sua vida; então plasma milhares de ídolos para si mesmo, na esperança de encontrar uma paz temporária, uma paz psicológica que lhe advirá da adoração de tais ídolos.

Entretanto, mal o homem acaba a criação do seu ídolo — seja ele "status", riqueza, sexo ou poder — logo descobre que a estátua tem pés de barro. Levanta-se, então, e sai à procura de outro ídolo e mais outro, até chegar ao último da série que é ele mesmo. Mas nem mesmo este o satisfaz. Inquieto

sempre, o homem recomeça a busca deste Deus, o qual ele não acredita realmente que tenha morrido.

Obviamente ele não consegue ver que o Deus vivo já o está conduzindo à verdade como a ela conduziu toda a humanidade desde o primeiro dia da criação. Em certo sentido, Deus *está* morrendo, isto é: estão morrendo as concepções errôneas que os homens vêm tendo de Deus há tantos séculos. O verdadeiro Deus está ressurgindo das cinzas desta morte, envolvido num esplendor novo. Será o esplendor da verdade que o homem pode compreender, o esplendor do amor que os modernos buscam tão desesperadamente. Será um esplendor de humildade e mansidão por parte da humanidade que, no fundo, deseja ardentemente alcançar, entender e possuir a Deus.

No meio de todo este "rebu" e desta confusão, o Espírito Santo desce mais uma vez ao mundo com seu fogo pentecostal. Há pouco tempo, dois mil homens de Deus se reuniram na Cidade Eterna a fim de tomarem o Evangelho do Cristo ressuscitado e em perene ressurreição, algo essencial para o homem das nossas ruas, eterno fabricante de ídolos, aparentemente confuso e assustado. O Concílio Vaticano II convidou não somente os católicos, mas também todos os homens de boa vontade a reexaminarem suas consciências, a reconsiderarem seu relacionamento com o humilde Servo Sofredor que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Concílio exortou todos os cristãos a pregarem o Evangelho em toda parte, não com a finalidade de converterem os homens a esta ou àquela Igreja particular, mas para revelar-lhes a face do Amor, a

face de Deus, *anunciando o Evangelho com suas próprias vidas*. Eis aí o grito da Igreja e dos bispos dirigido a seus fiéis e a todos os homens da terra. Sim, porque todos os homens são amados por Deus e todos são chamados para amar a Deus em retribuição, cada um de acordo com a sua consciência, cada um de acordo com sua visão ou conhecimento da face de Deus.

Quanto ao mundo católico em particular, porém, o Concílio impõe-lhe uma tarefa especial: a de penetrar o mundo secular como um fermento de amor e de ternura, levando esta mensagem da Boa Nova à sua vida diária, em todas as frentes: política, econômica e social.

Esta é a essência da mensagem da Igreja para os católicos. É uma mensagem maravilhosa, capaz de levar a luz de Cristo aos mais escuros escaninhos deste nosso mundo contemporâneo fragmentado, confuso e tateante, cheio de sustos e crispado de ódios. Essa tarefa exige que descartemos todas as nossas bagagens inúteis, que ponhamos um fim a todos os jogos de palavras e a todas as disquisições que não conduzem a nada. Sim, agora importa que partamos para a essência das coisas.

Esta essência é muito simples: temos que começar a viver sob o impulso da *fé* e não simplesmente da "religião". Urge tenhamos um encontro com Deus e que deixemos penetrar nossas profundezas. Devemos ter presente que Deus nos amou primeiro e que a nossa religião é verdadeiramente um caso de amor entre Deus e o homem, entre o homem e Deus; não é um mero sistema moral ou dogmático.

Devemos corresponder ao amor de Deus, amando-o apaixonadamente! Como? Através do outro. Importa que amemos nosso próximo não somente como a nós mesmos, mas que o amemos com o coração de Deus. Foi Cristo quem o disse: "Eis como os homens saberão que vocês são meus discípulos: se vocês se amarem uns aos outros *como eu ameí vocês*".

Para conseguirmos amar com o coração de Deus, é preciso que nos esvaziemos de nós mesmos totalmente, de maneira que Cristo possa amar através de nós. Sem ele não nos é possível amar ninguém nem coisa alguma; nem sequer a nós mesmos.

É preciso que nos tomemos pobres. Só desta maneira nos esvaziaremos de nós mesmos e seremos capazes de mostrar aos outros a face de Deus. Então sim, o Amor brilhará até em nossos escritórios, armazéns, bolsas de valores e zonas residenciais suburbanas. Só se nos tornarmos pobres. E não basta apenas a pobreza de espírito, aquela convicção da nossa total dependência de Deus. Devemos ser pobres na realidade de nossa vida diária.

A hora presente não é para cristãos estarem comprando casas de cem mil dólares. Não é o momento de andarmos preocupados com a nossa "imagem" diante dos outros. Não é tempo agora de se verem religiosos gastando milhões em construções, mesmo que se trate de igrejas e de altares. (Não estou sugerindo que nos tornemos indigentes!) É tempo de pobreza no sentido de dar aos outros não somente do que nos sobra, mas também do que nos é necessário. Será que não

podemos viver normalmente e, ao mesmo tempo, coibir nossos desejos imoderados de nos rodearmos de tantas bugigangas dispensáveis e de outros tantos meros símbolos de nosso "status"?

É hora de nos fazermos cristãos na plenitude que vem nestas três palavras: "Seguidores de Cristo". A vida de Cristo se apresenta a todos e a cada um de nós como nosso modelo, não importa qual seja o nosso estado de vida. Temos que traduzir este modelo em nós para que todos o possam compreender.

Somente o amor pode conseguir isto. Ora, a fé é a mãe do amor. Urge, portanto, que comecemos a viver de fé; desta fé que tem nos ritos externos da religião apenas seus serventes e, nos sacramentos, seus sinais visíveis. Precisamos dar um verdadeiro mergulho na Bíblia e na liturgia. A Palavra vai iluminar-nos. Deus, este Tremendo Amante¹ nos nutrirá com sua Presença, dando-nos força e graça para amarmos como ele amou.

Você, leitor, não encontrará, nestas páginas, nenhuma discussão sobre os grandes problemas dos tempos atuais. Estes temas, acontecimentos e tragédias são bem retratados pela imprensa profana e cristã, de norte a sul do seu país. Meu intento é focalizar estes problemas de um ângulo diferente.

Em primeiro lugar, convém que nos situemos realmente bem dentro da agonia dos acontecimentos modernos, entrando no âmago da angústia que com eles se relaciona. Isto exige uma oração contínua,

¹ *This Tremendous Lover*: expressão de Francis Thompson no seu famoso poema, *The Hound of Heaven*. (Nota do Tradutor)

pedindo aumento de fé. Boa parte do mundo acredita que Deus esteja morto e uma outra parte, igualmente grande, não quer nem saber se ele está morto ou vivo. Na oração nós nos lembramos de que Deus não deseja sacrifício, mas sim amor e misericórdia. Então, ao pedirmos fé, percebemos que as condições desesperadoras do mundo exigem que nos tornemos um holocausto, um sacrifício para o Senhor.

Não discutirei diretamente a grande maré de controvérsias que, nos dias de hoje, surge de todas as partes e nos envolve². Em vez disso, procurarei mostrar a Boa Nova aos meus leitores, espalhados em centenas de cidades. A Boa Nova é o Amor de Deus por nós; seu único grande mandamento é amar. Se estivermos vivendo este mandamento e não simplesmente prestando-lhe homenagem de palavras, seremos capazes de mudar a face da economia, da política, da tecnologia e de qualquer outra coisa que precise ser mudada.

Este livro contém algumas das páginas que escrevi em épocas diferentes em todos estes anos. Cada capítulo pode ser lido e meditado separadamente, se bem que existe, em todos eles, creio eu, uma nota dominante que os unifica: o mandamento do Amor.

Ao progredir na leitura, o leitor ouvirá este mesmo estribilho repetido uma e muitas vezes — como uma criança repetindo sua canção infantil. Mas, embora sendo uma repetição à maneira das crianças, ela não é de modo algum infantil. Afinal de contas, Nosso

² Catarina de Hueck e sua obra dividiram as opiniões de muitas pessoas na América do Norte e outras partes. (Nota do Tradutor)

Senhor disse que, se não nos tornarmos como as crianças, não entraremos no seu Reino. Minha oração tem sido sempre esta: "Senhor, dai-me um coração de criança e a tremenda coragem para vivê-lo integralmente".

Se tivermos coragem para levar uma vida de amor com um coração de criança, o mundo mudará. O mundo vai se transformar, se tivermos ânimo e amor para viver o Evangelho sem restrições.

CAPÍTULO I: MAU TEMPO NESTES TEMPOS

O que há de errado com os cristãos

Eu sou, sem dúvida alguma, uma viajante moderna. Certa vez, visitando nossas casas, fora do Canadá, dei a volta ao mundo duas vezes, em termos de milhas aéreas. Onde quer que tenha estado — hotéis, restaurantes, bares, salões de festa, cabanas humildes de gente de cor, suntuosos palácios italianos, belas moradias americanas e européias — em toda parte tive a impressão de que existe apenas um tópico importante de conversa, em nossos dias. Este tópico é *Deus*.

Morto ou vivo, conforme estes ou aqueles, Deus preocupa a mente dos homens com uma estranha e eterna fascinação. Há quem o negue? Não o faz com tranqüilidade. Há quem o aceite? Aceitam-no, muitas vezes, com grande paixão. Infelizmente, porém, na maioria dos casos, entre os que dizem acreditar nele, há muitos que são tíbios e estão longe de possuírem entusiasmo para defendê-lo, como se eles mesmos não estivessem lá muito seguros. Não há neles dinamismo nem fogo pentecostal a abrasá-los.

Entretanto, a impressão mais profunda por mim colhida nestas viagens é que a fome de Deus entre os homens está agora no seu ápice, ainda que os cristãos não saibam como saciá-la. Talvez porque não *reconheçam* esta fome pelo que ela é e, assim sendo, não conseguem descobrir a maneira de saciá-la.

Enfrentemos a realidade. Se existem ateus no

mundo, se boa parte dele não ouviu ainda a Boa Nova ou se, depois de tê-la ouvido, não a aceitou, a maior parte da culpa se encontra em nós, cristãos, que não vivemos o Evangelho. Nada mais fizemos do que abarrotar as bibliotecas do mundo com livros que comunicam, sim, a mensagem evangélica, mas a apresentam, aguada, dessorada.

O Cristianismo tem-se tornado uma questão de ética, de comportamento moral; uma questão de presença nas igrejas, um aprendizado de regrinhas que possam garantir a entrada no céu. A distância que medeia entre a realidade evangélica e os ensinamentos contidos nestes volumes de biblioteca já produziu boa safra de danos.

Minhas impressões de viagem convenceram-me de que o mundo está pedindo o Pão da Vida a gritos; está sedento das Águas Vivas prometidas por Cristo, o que vale dizer, sedento do próprio Deus. Mas os cristãos que possuem este Pão e estas Águas não sabem como reparti-los. Esquecem-se de que todo homem que come o pão do Senhor deve ser também e verdadeiramente "comido" pelos outros. Depois de receber amor, o cristão deve dar amor.

Nestes meus giros pelo mundo, pareceu-me que são poucos os cristãos "enamorados de Deus" e são menos ainda os que já chegaram a perceber que Deus está apaixonado por eles. Eis porque a voz dos que dizem "Deus está morto" grita mais alto do que as vozes que afirmam estar ele vivo.

Deveríamos parar de falar de Deus e começar a viver o Evangelho em nosso dia-a-dia, manifestando a imagem do Senhor com tal clareza, em nossos

corações, que não seja possível a alguém dizer que ele está morto. Deveríamos parar com essas preocupações de teorias teológicas e começar a construir entre nós comunidades de amor.

Vivemos em tempos de Pentecostes. Mais uma vez está presente em nosso meio o amor irresistível do Espírito Santo. Resta-nos apenas abrir o coração a este amor e transformaremos o mundo. Então sim, nossas almas terão o fogo e a chama que Jesus enviou para renovar a face da terra.

Quando os Apóstolos partiram para anunciar a Boa Nova, de acordo com as instruções do Mestre, não levaram consigo nenhum manual de catequese. Eles tinham o Evangelho. Tinham o Espírito Santo. E foi assim equipados que levaram o Reino de Cristo a uma porção imensa do mundo então conhecido.

Por que não podemos nós, cristãos modernos, adotar as "técnicas" dos Apóstolos e dos primeiros cristãos? Bem... é verdade que, agindo assim, poderemos dar com os costados nalguma prisão muito real de pedra e cal ou em outras feitas da rejeição e do ridículo em que nos atiram...

É possível que sejamos crucificados muitas vezes ou até, quem sabe, internados nalguma clínica psiquiátrica, como poderia acontecer a S. Francisco de Assis se estivesse hoje entre nós... E daí?! Pelo menos o Evangelho estaria sendo anunciado aos pobres e o Reino de Deus começaria a firmar ao menos a ponta dos pés no nosso mundo contemporâneo. Cristo veio trazer fogo à terra. Como seria desejável que seu fogo abrasasse os nossos corações nos dias de hoje.

Era de paradoxos

Há uma fome de Deus. Talvez nossa época comunista, ateia, secularizada, pragmática e neopagã passe à história como a era humana da *fome de Deus*. Existe sim uma fome do Absoluto, da verdade divina, do Cristo dos Evangelhos.

Para nós, que vivemos nesta era, é difícil enxergar a nós mesmos objetivamente, numa perspectiva correta. Em toda parte entrechocam-se contradições e paradoxos; os extremismos se tocam.

Na Rússia, oficialmente um país comunista, mais de cem jovens entraram, para um dos poucos seminários que ainda existem. Entretanto, estes jovens cresceram expostos ao ateísmo desde a infância. Um teólogo russo que há pouco voltou dessa nação, pôde constatar quanto e em quantas maneiras a religião e o interesse por ela estão dominando a juventude russa atual.

Na Califórnia, enquanto, lá embaixo, nos restaurantes "topless", garçonetes de busto nu circulam entre as mesas, lá em cima, não muito longe, mosteiros estão sendo construídos nas montanhas. E há multidões que acorrem a ambos os lugares.

Os *hippies* perturbam não pouco a consciência da geração mais velha. Eles surgem, no mundo de hoje, como S. Francisco de Assis apareceu no seu tempo. Eles mexem com algo bem profundo no coração dos homens, mesmo a despeito de suas drogas e seu amor livre. E não é por causa destas duas últimas coisas que causam certo desconforto na consciência

dos adultos, ao seu redor.

Um grito em favor da paz se levanta de todos os lábios, em todos os países, vindo tanto dos jovens como dos adultos. Homens em plena maturidade, ocupando cargos vantajosos nos governos, perguntam a si mesmos se lhes é lícito continuar em seus postos, quando suas decisões envolvem contratos de compra ou venda de novas armas mortíferas.

Há milhões que procuram, em vários cultos orientais, a resposta para sua fome interior. Não faltam os jovens que se voltam para Kierkegaard, Bonhoeffer e Teilhard de Chardin, em busca de alimento espiritual.

Católicos, protestantes e judeus, em todas as partes, estão voltando para as fontes de sua fé, nas Sagradas Escrituras. Enquanto alguns homens estão sepultando o Cristo, outros o estão estudando. A humanidade sente que Cristo a inquieta, mas, mesmo assim não consegue abandoná-lo. Um grande problema para a Igreja, fundada sobre São Pedro, é que muitos homens saem em busca da verdade mas se desviam em bifurcações de erros nalguma parte do caminho.

Aumenta, dia-a-dia, o número de pessoas "civilizadas", no Ocidente, que estudam métodos de controle de natalidade, enquanto povos "primitivos" rejeitam tudo isso. O celibato torna-se um problema cada vez mais angustiante para o clero ocidental, enquanto os padres russos que se casam antes do diaconato, estão requerendo o voto de castidade. Estão fazendo isto por verem que muitos comunistas abraçam o celibato para conseguirem uma dedicação

mais completa ao partido! Então eles perguntam a si mesmos se não podem fazer o mesmo em favor da salvação eterna e por amor do Deus vivo!

Paradoxos! Confusão! Busca! Tudo isto é inerente a qualquer procura do Absoluto. Aí estão os sinais dos nossos tempos. Quem vai saciar esta fome? Como responderemos a esta busca do Absoluto? Quem dará ouvidos a esta voz que fala no silêncio do coração de cada homem? Toda a história humana e até mesmo a própria subsistência do nosso planeta podem depender de escutarmos ou não esta voz misteriosa.

A falsa divinização do homem

Que qualificativo daremos aos tempos em que vivemos? Neopagãos? Entretanto, muitos dos povos que chamamos de pagãos ensinam-nos os caminhos e as maneiras da paz, do amor e da verdade. Será que regredimos a um tempo de "pre-evangelização"? Houve tais tempos antes, mas os povos que neles viveram, antes do Evangelho, acreditavam ao menos em certos deuses e lhes rendiam sua homenagem. Qualquer que seja a etiqueta que preguemos nos tempos de hoje, é certo que nós, os ocidentais, não *encarnamos* a doutrina de Cristo, deste Cristo no qual professamos crer. Será que estamos atravessando uma fase da história em que, numa certa faixa da humanidade, cada homem se considera um pequeno deus para si mesmo? Se assim for, estamos de volta aos tempos da Torre de Babel. Talvez seja por isso que, numa época de tanto progresso tecnológico, no campo das

comunicações, somos cada vez menos capazes de nos comunicar uns com os outros, como indivíduos e como nações.

Qualquer seja a Era em que vivemos — não importa a análise que dela façamos — o certo é que se trata de uma era assustadora. Uma época de contrastes tremendos. Atingimos alturas inconcebíveis no campo tecnológico, quase a ponto de podermos dizer que já conquistamos o espaço e o tempo. Mas, neste mesmo processo de avanço tecnológico, estamos destruindo a natureza e a nós mesmos. Uma poluição generalizada invade hoje a terra, a água, o ar e até os planetas. Na mesma medida em que conquistamos o espaço, destruimos nossa terra. Viajamos cada vez mais rapidamente e inventamos milhões de máquinas e instrumentos que economizam tempo para nós. De repente, sentimos a necessidade de correr aos psiquiatras para descobrir que coisa vamos fazer com o tempo que economizamos!

Nossos milagres tecnológicos inauguram nos espíritos humanos temores e angústias que nunca tínhamos conhecido antes. Assombra-nos o pesadelo de nos tornarmos meros robôs ou simples prolongamentos de máquinas. As máquinas nos desumanizam. Não temos mais certeza do que somos ou quem somos; então saímos à procura da nossa identidade junto aos psicólogos e psiquiatras, em consultórios à prova de som.

Invade-nos um sentimento de culpa porque os próprios meios de comunicação que inventamos estão abrindo nossos olhos para a tremenda confusão que fizemos deste mundo, nós os que nos

considerávamos deuses. Não podemos mais dormir com a mesma tranqüilidade de antes porque o vídeo das nossas televisões traz à nossa sala de estar a pobreza e a miséria de nossos irmãos. E com que vida e realismo!

Por quanto tempo ainda ser-nos-á possível viver no ar poluído que criamos? Até quando a vida nos será tolerável no barulho ensurdecedor de nossas cidades, ouvindo continuamente notícias de violência, tragédia e morte?

Em que era estamos vivendo? Na era da divinização do "eu". Já é tempo de cairmos de joelhos, voltando-nos novamente para o único Deus verdadeiro no qual temos um pouco de fé, para suplicar-lhe que nos limpe da lepra da mente e dó coração. Depois disto, talvez, possamos começar uma nova era; uma era de paz e de amor.

O homem fragmentado

O homem moderno é um ser em fragmentos. Os psiquiatras chamam isso de esquizofrenia ou dão-lhe algum outro pomposo nome científico. Sem dúvida alguma, pode-se dizer que o homem de hoje está dividido em si mesmo; é uma espécie de dupla personalidade. Ele está emocionalmente perturbado, tem medo de assumir responsabilidades e de enfrentar a vida. Este medo das responsabilidades é assustador, especialmente em nossa era tecnológica, já tão insegura com tantas guerras frias e quentes e com tantas ameaças de bombas nucleares penduradas sobre nossas cabeças.

Uma causa parcial desta fragmentação e divisão do

homem dentro de si mesmo pode ser encontrada na rejeição de todos os caminhos da tradição e de quase toda a sabedoria do passado. Dividido e assustado, o ser humano quer romper todos os laços que pareçam prendê-lo a qualquer coisa. Qualquer tipo de autoridade tem para ele o aspecto de amarras que impedem a liberdade dos seus movimentos. Ele se sente como Gulliver, amarrado, com milhares de cordéis, pelos seus antepassados para os quais olha desdenhosamente lá de cima: pequenos pigmeus ignorantes!

O homem atual se entusiasma e se apaixona por qualquer máquina que o ajude a escapar da realidade, a fugir o mais depressa possível para um "lugar melhor". Na verdade o que acontece é que ele vai para não sabe onde e acaba voltando ao ponto de partida.

Muitas das invenções da tecnologia moderna apenas servem para fragmentar o homem cada vez mais. Mas, evidentemente, ele recorre à psicologia e à psiquiatria, na esperança de que estas o tragam de volta à unidade perdida.

Estas ciências, porém, nada mais fazem do que capacitá-lo a dar uma boa olhada dentro de si mesmo e de sua estrutura emocional; após isto, elas lhe dizem que use seus próprios recursos para recolher os cacos e refazer sua integridade. E o coitado não consegue.

Não consegue porque precisa de muito mais do que de ciência. Ele precisa de Deus. Se ele se levantasse e saísse em busca de Deus, logo reencontraria a unidade que procura.

Na Bíblia — Palavra de Deus — há um conselho e uma orientação que poderia ser o começo para a restauração da unidade interior do homem: "Até quando, ó crianças, amareis a criancice, os petulantes acharão prazer na petulância e os insensatos odiarão a instrução? Já desprezastes todos os meus conselhos e negligenciastes minhas admoestações. Não tereis que temer repentinos pavores, nem o infortúnio reservado aos ímpios, quando vier; porque Deus será o teu apoio e preservará teu pé da captura. Porque eu também fui filho pequenino de meu pai, e unigênito vivia sob os olhares de minha mãe e ele instruía-me dizendo: guarda as minhas palavras... Ouve, meu filho e acolhe as minhas palavras pois assim multiplicar-se-ão os dias de tua vida" (Pr 1,22.25; 3,25-26; 4,3.10).

Neste livro dos Provérbios se encontra a sabedoria de que precisa o mundo atual. Em outras passagens do mesmo livro, o escritor aconselha os homens a assimilarem a sabedoria de seus pais e antepassados e, depois de lhe acrescentarem a sua própria, adverte-os a passarem-na adiante para seus filhos.

Muito desta fragmentação do homem moderno e de sua personalidade dividida poderia ser sanado, se ele seguisse o conselho dos Provérbios. Se cada geração preservasse a sabedoria do passado, enriquecendo-a, por sua vez, com oração, espírito de sacrifício, vida pura, e passasse aos filhos todo este tesouro, então haveria uma harmoniosa mistura do velho e do novo.

O que nos faz falta é a sabedoria de Deus. Precisamos muito mais dela do que da psiquiatria ou

de qualquer ciência. Esta sabedoria divina preservaria nossa "inteireza", mesmo nesta nossa era atômica. Mas para tanto é mister deixar de lado "nosso amor pela criança". Urge parar de ser tolos e desejar o que nos é nocivo. Ponha-se um fim a esta aversão que sente o mundo pela verdadeira Sabedoria — que é o próprio Deus — e, ao invés disso, saia cada um avidamente à sua procura. Devemos nos tornar como crianças para chegarmos à maturidade de adultos responsáveis, de um povo de nobreza real, povo sacerdotal e santo: povo de Deus!

Uma chave para a solidão

Será que percebemos a total e trágica solidão do homem, especialmente no nosso mundo ocidental? Esta solidão grita por socorro com todo o volume de sua voz, lá do fundo do seu aparente silêncio. Para abrir-lhe as portas e libertá-la, só existe um meio: a chave do amor.

Fala-se muito de pobreza, em toda parte, ao redor de nós. Teólogos ilustres discutem-na em termos que poucos entendem. Os filósofos fazem o mesmo. As elites culturais, o que quer que elas sejam e onde quer que estejam, fazem da pobreza seu assunto principal e os jovens de hoje também vivem falando dela.

Atentemos, porém para um fato: em todas estas disquisições, ninguém ousa olhar para si mesmo, para bem dentro de sua própria solidão, contemplando-a de frente. De fato, quem não se sente solitário nestes dias? Incluindo os próprios

teólogos, filósofos, as elites e os jovens contestadores. Não duvidemos; a humanidade é hoje uma grande montanha solitária e aí estamos nós: uns no sopé, outros no meio, outros no cume; todos tocados pelo mal da solidão. Entretanto, a solução é tão simples, rápida e evidente.

É verdade que temos obrigação de repartir nossos bens materiais e muitos dentre nós o fazem ou tentam fazê-lo. Esquecemo-nos, porém, de que "não só de pão vive o homem", e o que relutamos em dar ao nosso próximo é o amor; o Amor em toda sua vasta dimensão.

Sim, a solidão tem uma porta de saída, e cada um de nós possui a chave dessa porta. Ela se chama aceitação do outro sem perguntas. Seu primeiro efeito é que, através dela, o outro percebe que é amado e nós, depois de lhe termos dado amor, passaremos a dar-lhe também os frutos deste amor: compreensão, delicadeza, ternura e compaixão.

Sim, temos todos a chave libertadora da solidão do "outro" e ele tem a chave da nossa. A única coisa que nos resta fazer é usar esta chave no lugar certo, abrir e entrar. Este lugar, evidentemente é o coração. Mas aí começa o problema... Temos medo de fazer isso. Temos medo porque esta entrada no coração do outro é comprometedora. Ela nos envolve nele e com ele em termos de amor. Preferimos assumir compromisso com uma favela ou qualquer outro lugar de nossa própria escolha, onde bastem *palavras*, sem ser preciso usar a chave do coração de ninguém. Mas palavras são apenas símbolos da chave que ficou sem uso. Já é tempo, agora, de compreendermos que precisamos usá-la a todo

custo, entrando nos corações uns dos outros. E façamo-lo sem temor.

Sim, incumbe-nos o dever cristão de descermos às profundezas do coração de nossos irmãos e, como disse, façamo-lo sem temor porque, lá dentro, Deus nos espera. Lá ele nos vai ensinar como dissipar esta terrível solidão que oprime os homens nestes nossos dias tão estranhos e tão trágicos. Se não chegarmos a entender que *o homem não vive só de pão*, todos pereceremos.

Quem, melhor do que qualquer outro, conhece bem a solidão dos homens, são os cristãos que estão crescendo em prudência e graça, na escola do amor de Deus. Estes conseguem vê-la nos olhos do padre, da freira; nos olhos dos maridos e das esposas, dos parentes, dos jovens, dos pobres e dos ricos. Sim... também aí!

A solidão assume proporções de verdadeiras garras que constringem os homens do nosso tempo num aperto quase impossível de romper-se. Mas ele pode ser rompido. Pode ser rompido por um amor oferecido no silêncio e na bondade, de um coração para o outro. Poderia ser também um amor expressado em palavras; estas, porém, devem vir de uma alma unida com Deus na oração e na contemplação.

Como dizíamos atrás, não bastará ao cristão simplesmente amar; é necessário amar com o coração do próprio Cristo. Isto só se pode conseguir com a abertura dos nossos corações para a humanidade e com a decisão de tomarmos sobre nós o sofrimento de cada irmão, como fez Jesus Cristo.

Temos que participar da solidão dos homens, identificando-nos constantemente com eles. Isto não se faz sem que, antes, morramos para o nosso próprio eu. Então Cristo viverá em nós e nos amará. Diante de um tal amor, a solidão deixará este mundo e ele será capaz de se aprumar de novo e se refazer. As ilhas se fundirão todas num só continente: o corpo do Cristo indivisível.

Os verdadeiros valores

Um dos maiores males de hoje é a perda de identidade das pessoas, sobretudo entre os jovens. E não se trata de uma fotografia ou documento de bolso. É uma perda de identidade que parece acompanhada da incapacidade de amar-se e aceitar a si mesmo.

Milhares de jovens passam por *Madonna House* cada ano e a maioria deles sofre tanto desta perda de identidade pessoal como da inabilidade de se amarem à si mesmos tais quais são. Será porque não lhes pregamos ainda o Evangelho como deveríamos?

O Evangelho pode ser resumido em dois mandamentos : amar a Deus e amar o próximo como a si *mesmo*. Qualquer cristão, seja ele velho, jovem ou de meia-idade, deve ser capaz de entender que ninguém consegue amar a Deus nem o próximo, se não ama a si mesmo, se não se aceita como uma pessoa distinta de qualquer outra, insubstituível, criada por Deus e por ele amada intensamente.

Deus nos ama não porque sejamos bons, mas porque *ele* é bom! Pode bem ser que não queiramos

aceitar a nós mesmos porque o padrão de medida que usamos para avaliar nossa dimensão é nossa *capacidade de produzir*, nosso "quociente de produção". Aferimos nosso valor de acordo com o que produzimos. Nossa sociedade, cultura e costumes que nos viram crescer, tudo parece ter-nos assediado desde a infância para nos impingir este "sistema de medidas" e forçar-nos a crer nele.

No mundo dos negócios, os salários se elevam de acordo com a produção: quantas unidades vendemos, quantas encomendas conseguimos, quais foram nossas notas na escola, quantas apólices de seguro colocamos na praça... e por aí a fora. Estamos nos medindo como prolongamentos de máquinas e não como seres humanos. Se é verdade que toda falha é repreensível, também é verdade que não há sucesso sem falhas ou erros; pode-se mesmo dizer que os erros têm sido os degraus do sucesso, mesmo na ordem natural das coisas.

Esta deve ser a mentalidade que nos desperte para nosso verdadeiro valor. O que nos valoriza definitiva e verdadeiramente é a encarnação, morte e ressurreição de Cristo: nós valemos três horas de agonia em cima de uma cruz! Mais: nós valemos a vida toda de Cristo, porque "a tal ponto Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho único". Sim, aí está nosso valor. Infelizmente o mundo de hoje, especialmente os jovens de hoje, não parecem perceber esta verdade. Rejeitam a si mesmos e, desta forma, alienam-se de Deus e de seu próximo.

Que iremos fazer de uma situação destas que enriquece os psiquiatras e deixa o resto do mundo pobre e doente? *A resposta consiste em pregarmos o*

Evangelho com nossa própria vida. Praza ao céu que possam surgir no nosso meio pessoas que, depois de se apaixonarem vivamente por Deus, sejam capazes de levar este amor a todos os que se julgam indignos de serem amados até por si mesmos!

Se pudessem ver o amor de Cristo brilhando nos olhos de um cristão, seriam curados todos os que sofrem, em razão desta crise de identidade. O amor estaria "solto" no mundo. Cristo se tornaria outra vez visível na terra.

A fome mais profunda

Uma fome diferente apareceu em todas as partes do mundo. A fome de Deus. Igualmente, de um pólo ao outro da terra, toda a humanidade está procurando saciar esta fome. Entretanto, numa situação difícil de definir-se, ela persiste. Imensas procissões de peregrinos riscam a face do globo em todas as direções buscando santuários para lá matarem sua fome. E como consegui-lo? A resposta é simples: através de um *amor face a face, de pessoa para pessoa.*

Os homens da hora presente estão se balançando numa gangorra, por cima de um abismo, enquanto uma guerra atômica os ameaça pelas costas. Estão todos assustados com a gula, a ambição insaciável da máquina militar e começam a achar intolerável a monotonia das linhas de montagem que estão matando seu espírito. Esta admiração assustada continua diante de um mundo que, de um lado, oferece ar condicionado com outros requintes e, de outro, encurta a vida humana.

Todas estas situações e muitas outras convergiram para uma pergunta: Quem é Deus? O homem, pouco a pouco, começa a entender que os problemas dos nossos dias trágicos só terão solução vinda de Deus, quando começarmos a viver as leis do seu amor.

Este é, pois, o momento em que devemos nos olhar de frente uns aos outros, nós que nos consideramos cristãos, porque a solução do problema desta fome interior do mundo começa numa base de homem para homem. Quer isto dizer que cada indivíduo diante do seu irmão deve compreender que é amado! Amado como amigo! Amado como um irmão em Cristo. Ora, isto tem que ser feito de pessoa para pessoa. *Massificação* não resolve.

O homem só poderá encontrar a imagem de Cristo no rosto do outro, nos olhos do outro. Há inúmeros modos de louvar a Deus, de procurá-lo e de rezar a ele. Mas hoje há um modo muito especial, grandioso, profundo, delicado, repassado de ternura e compaixão: este amor de pessoa para pessoa.

Temos que fazer tudo para que o outro descubra que nós o amamos. Se o conseguirmos, ele descobrirá que Deus o ama e, no momento em que perceber esta realidade, sua fome acabará. Ficará, então, ciente de que Deus lhe preparou um banquete e o convida para sua festa, para beber o seu vinho e comer o Pão que é ele mesmo. Quem participar do Sacrifício Eucarístico, levado por outra pessoa, saberá o que é amor. Nunca mais terá fome. E, sobretudo, entenderá, de maneira infável, até que ponto é amado.

O inundo está frio

A caridade está morrendo e o mundo está frio. O único calor que parece poder aquecê-lo, por um segundo apenas, antes de destruí-lo, é o calor da bomba atômica. Sim, a caridade está nas últimas e, por isso, o mundo se esfria devido ao gelo do ódio de irmão para irmão. Em várias nações de agora os homens estão matando seus semelhantes, e a terra mais uma vez grita cheia de temor e tremor ante a execração de ter que se empapar novamente com o sangue derramado por Caim.

A caridade está morrendo e o mundo está frio. Com o gelo da suspeita e da dúvida. Os homens caminham no meio de uma névoa — a treva branca — que parece não vir de parte alguma e vem de todos os lados. A névoa distorce a realidade, torna quase irreal o que é real. Ela traz suspeita de dúvida consigo, porque traz temor.

A caridade está morrendo e o mundo está frio. Por causa dos medos que geram desconfianças e confusão. Por causa dos medos que bloqueiam a inteligência e tomam as pessoas neuróticas e psicopatas.

Tudo isso porque a caridade está morrendo. Mas, afinal, que é a caridade e por que está morrendo? A caridade é amor. O amor é uma pessoa. O amor é Deus. Então Deus está morrendo? Sim, ele estará sempre morrendo, enquanto os homens persistirem em crucificá-lo no seu Corpo Místico.

A caridade está morrendo também porque os homens recusam o amor de Deus. Porque eles recusam o próprio Deus. Dizem que não precisam

dele. Que podem viver sem ele. Ou então dizem que ele não existe, nunca existiu. Dizem que Deus foi simplesmente uma lenda, um arquétipo que as sociedades primitivas descobriram nos consultórios dos psiquiatras. Dizem que ele foi simplesmente um ópio do povo, uma bebida estupefaciente preparada pelas classes dominantes para conservar pobre a gente pobre e deixar os oprimidos mais oprimidos ainda.

Cristo talvez esteja ainda sendo crucificado em seu Corpo Místico, mas, aleluia, ele está vivo! Ele ressuscitou dos mortos. Ele é Deus, vive em nós e continuará a amar-nos até nosso último suspiro, a despeito do que possamos sentir a seu respeito.

O Coração Sagrado de Jesus reina soberano sobre os homens, sobre o imenso mundo das criaturas, sobre todos os universos descobertos pelo homem ou que ele ainda possa vir a descobrir. O Galileu vencerá de novo. Vencerá outras e outras vezes. Hoje e sempre!

A caridade também pode ressuscitar nos corações dos homens, se eles pararem um pouco para refletir sobre o Amor, sobre Deus, sobre o fato incrível, mas verdadeiro, que *Deus os amou primeiro e que tudo quanto devem fazer para acabar com as lutas internas, guerras, bombas atômicas, suspeitas, dúvidas e temores, está aqui: comecem a retribuir-lhe com amor o amor que ele lhes dedica. E façam o mesmo com todos os seus irmãos.*

Se isto fizerem, a luz e a chama da caridade será tão intensa que já ninguém terá que temer bombas atômicas ou o ódio dos outros.

Senhor, tende compaixão!

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos mortos vivos! Em favor daqueles que, nos lábios, professam um credo de amor e se chamam de seguidores vossos, mas, nas suas ações renegam tanto o amor como a vós.

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos mortos vivos que deviam estar abrasados de zelo pela casa do vosso Pai, mas na realidade dormem profundamente o sono da indiferença diante do sofrimento, injustiça, tristeza e morte que assolam seus irmãos, sem sentido nem finalidade.

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos vivos que vão por este mundo, pregando o ódio entre as raças e as nações... conclamando os homens à violência, realizando ações tenebrosas e, depois, continuam adorando-vos aos domingos.

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos mortos vivos que, ocupando cargos de honra e confiança, violam e atraindoam tudo isso até mesmo enquanto juram "dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade", e assim agindo, crucificam a vós que sois a Verdade.

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos mortos vivos que, apesar de já possuírem

tantas coisas, ambicionam muitas e muitas outras e as conseguem a qualquer preço, geralmente à força de ameaças, explorações, injustiças, coerções e força bruta... e enquanto fazem tudo isso, apresentam-se a vós nos primeiros bancos de vossas igrejas.

Senhor, tende compaixão!...

Suba até vós minha oração, como o incenso... em favor dos fiéis que partiram desta vida, porque foram fiéis a vós e a nós.

O espectro do medo

O medo passou a morar neste mundo. Sua grande sombra penetrou nas grandes salas governamentais e nas mentes daqueles que governam. Como uma névoa fria e negra, o temor se esgueirou em todos os cantos e escaninhos do mundo. Mora nos palácios e nas choupanas; nas fazendas e nos apartamentos. Fez também seu lar nos corações dos pobres deste mundo que não têm sequer um teto sobre suas cabeças. Ninguém escapa à sua influência.

O medo é filho do ódio, da ignorância e do preconceito. Não suporta a luz do amor, da paz e da verdade.

Por que permitimos que nossos dias se encham destes pensamentos e ações que geram medo? O comunismo não poderia ter encontrado um solo tão fértil para semear seus ódios que tão bem crescem, se nós não lhe tivéssemos preparado este mesmo solo de maneira tão estranha. Será por que nós

recusamos o amor? Será por tê-lo trazido apenas nos lábios? Será que deixamos nossa ignorância e nosso preconceito borrar a face do Amor em nossos irmãos? De que outra maneira poderia o medo ter vindo morar conosco e pairar sobre nós e ao nosso redor como uma névoa que dificulta a visão de um homem para outro?

Há vinte séculos que a ternura de uma voz perpassa pela terra: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos". O amor perfeito expulsa o temor. O amor perfeito dá a própria vida. Teremos esquecido tudo isso? Parece que sim. É melhor para nós, então, que o recordemos antes que seja tarde demais; antes que o medo nos tenha manietado com suas fortes e nefastas amarras; antes, enfim, que morram em nós nossos espíritos. Sim, parece estranho, mas se deixarmos que o medo nos domine, será possível que nos matem também as almas aqueles que só têm o poder de matar os nossos corpos. E seremos nós que lhes teremos dado tal poder!

Comecemos, pois, a amar. Comecemos a voltar nossa face para Deus. Não façamos perguntas acerca de teto ou moradia, mas simplesmente tomemos como decidido que partilharemos algo com aqueles que não possuem ou com aqueles que têm maiores necessidades. Comecemos a viver o Evangelho sem restrições e o medo será banido. O amor começará a reinar e, talvez, então, experimentemos o seu fruto: a paz. Todos os abrigos antiaéreos poderão ainda tornar-se despensas ou, melhor ainda, quartos de brinquedo para crianças, se o amor vier de volta. Tais abrigos se tornarão lugares de vida em vez de

baluartes contra a morte.

O assassínio moderno de Abel

Deus perguntou a Caim onde estava seu irmão Abel. Caim respondeu: "Sou, por acaso, o guarda de meu irmão?" A muitos de nós, hoje, Deus faz a mesma pergunta e quantos, de fato, não daríamos a mesma resposta! Caim matou seu irmão porque tinha inveja dele. Nós matamos nossos irmãos lentamente, deliberadamente, quase com uma malícia premeditada. E isto não acontece porque nós — as nações ricas — tenhamos inveja de outros países. Nada disso; nós as deixamos numa situação tal que ninguém pode invejá-las. Estamos matando, distribuindo morte, não por inveja, mas por causa da avareza e da ambição que nos domina.

Compramos matéria-prima das nações pobres e lhes pagamos uns centavos miseráveis; quando chega, porém, nossa vez de lhes vendermos as mercadorias processadas com esta matéria-prima que de lá veio, cobramos deles dólares e mais dólares. Sabemos muito bem que as nações pobres não podem melhorar seu nível de vida com este dinheirinho que lhes pagamos e que, pouco a pouco, depois de muita miséria e sofrimento, elas acabarão morrendo de fome.

Aí então, colocamos nossa máscara de caridade e, generosamente, derramamos sobre elas alguns dos muitos milhões ou bilhões que nos sobram, quando já é tarde demais, quando já não há milhões nem bilhões que as possam salvar da miséria e da morte.

Sou, porventura, o guarda do meu irmão? Se

examinássemos, em profundidade, nossa consciência ocidental, a consciência das sociedades opulentas, encontraríamos razão para tremer, porque ficaria bem patente que aumentamos nossas posses com a morte do nosso irmão. Nossas posses! É tudo o que nos preocupa hoje. Milhares de aviões, portadores de morte, armas assassinas de todos os tipos, estão sendo vendidas pelas nações poderosas aos países do Oriente Médio. Estamos todos encantados com esta situação em que eles prolongam as nossas vidas na mesma hora em que destroem a vida de outros, em guerrilhas e guerras sem fim.

Sou eu, porventura, o guarda do meu irmão? Claro que não! Sou apenas o seu assassino. É de se perguntar, com surpresa e admiração, como conseguem olhar para si mesmos no espelho, ou ir à igreja, aos domingos, os fabricantes destes engenhos de morte. E aí estão incluídos todos os que nisto trabalham, desde o presidente da empresa até o seu faxineiro noturno.

Não é, de modo algum, surpreendente que tenhamos caído nas malhas da nossa própria culpa. E que estranha culpa, nascida de nosso desejo desmedido e desordenado de possuir as coisas boas da vida, de elevar nosso "status" ou nível de vida a um ponto que chega a ser bárbaro, na sua sensualidade hedonista. Daí nasce um sentimento de culpa que não pode deixar a pessoa em paz com Deus, com seu próximo e nem consigo mesma.

Sou eu, porventura, o guarda do meu irmão? Não. Mas, finalmente, os meus irmãos, filhos das nações pobres, estão se reunindo, dando-se as mãos para enfrentar-nos. E que terrível confronto será este!

Porque, enquanto nossos olhos contemplam essa massa descomunal de nossos irmãos pobres que se congregam (corpos macilentos que nós exploramos até ao limite extremo de sua resistência física), de repente toda esta imensa multidão se transformará na figura de Cristo. Um Cristo de cordas na mão, como aquele dia, no Templo! Ele vai expulsar-nos! A nós os traficantes do seu Templo, os agiotas, os vendedores de morte! Vai expulsar-nos com as cordas da sua ira que tão justamente merecemos!

Sou eu, porventura, o guarda do meu irmão? Eis a grande pergunta que precisamos fazer-nos. De nossa resposta depende a sobrevivência política, econômica, social e individual do nosso tempo.

Tempo para a meditação

As pessoas perambulam por aí cheias de medo: medo psicológico, medo espiritual, medo intelectual. Todos olham ao redor e ouvem explosões de bombas, vindas de todas as partes. Vai-se para a cama com receio de que nossa cidade venha a ser atacada durante a noite. Já não se viaja sem medo neste mundo de hoje; nem de avião, nem de trem ou qualquer outro meio de transporte; medo de algum seqüestro ou qualquer outra coisa errada.

O medo afunda raízes trágicas no coração dos homens e, com ele, vem a dúvida. Olhem para todos estes bombardeios e destruições recentes! Como posso crer num Deus que permite tais coisas?... E, assim, surge a dúvida venenosa. Ninguém se lembra de que Deus é bom, terno, compreensivo e cheio de perdão. Não se pára um momento a fim de refletir

que não foi Deus quem começou os bombardeios ou quem começou os seqüestres de aviões, as mortes e mutilações dos campos de guerra.

Surge, dentro de nós, uma estranha e ebuliente agressividade que atira sobre Deus a culpa de todas estas desgraças. Chego a pensar que, talvez, seja filho destas dúvidas o temor e a loucura que hoje nos envolve de todos os lados.

Este é um tempo que pede tranqüilidade. Tranqüilidade para olhar e ouvir. Para descobrir a verdadeira perspectiva de nossa vida nos planos de Deus. Em toda parte as pessoas estão recolhendo, agarrando e amontoando coisas. Ninguém sente que deva fazer algo por alguém. É a eterna avareza das mãos que agarram: "Este ouro é *nosso*, o petróleo é *nosso*; é *nossa* a eletricidade". Muitas vezes predomina o "eu" e o "meu" em vez do "nós" e o "nosso". Quando as nações atingirem este estágio de avareza, elas se desfarão em pedaços, porque avareza gera orgulho, e orgulho é o maior pecado diante de Deus. A avareza, de fato, é mera empregadinha a serviço do orgulho. Agarrar, para mim só, o que pertence a todos é um pecado muito grave e muito triste.

A mortalha deste pecado cai sobre o mundo todo na hora presente, quer o percebamos ou não. Cai como um nevoeiro negro, através do qual caminhamos todos nós. Não é de admirar, portanto, que estejamos cheios de temores. A resposta, mais uma vez é parar, olhar e escutar. E, então, o sopro de Deus vai dissipar o nevoeiro, se lho permitirmos. Temos que estar convencidos do que ele nos disse: "Amai-vos uns aos outros". Convencidos de que só o

seguimento fiel deste conselho pode trazer salvação para o mundo.

Tudo tão simples e, ao mesmo tempo, tão profundo. Logo que pararmos a fim de olhar e escutar, perceberemos intimamente o que nos diz o coração, e é importante ouvi-lo porque esta é a era do coração mais do que do pensamento conceitual. Paremos, pois, para escutar a voz do coração. Quando percebermos que nosso irmão é nossa alegria, que nosso irmão é nossa vida, nessa hora o temor cairá por terra vencido. E nos encontraremos de novo, face a face. Já não haverá nevoeiro por cima de nós nem ao redor.

Quando nos encontrarmos uns aos outros, encontraremos o Cristo, porque "o outro" é Cristo no meio de nós. Nos olhos do irmão veremos os olhos de Jesus. Exatamente como quando olhamos para um quadro ou imagem dele. E nestes olhos descobriremos ternura além de toda compreensão, uma ternura que só pode ser absorvida pelo coração. Nestes olhos veremos uma misericórdia que nos abraçará como um manto quente num dia de inverno. Nestes olhos veremos uma delicadeza e suavidade de mãe envolvendo o filho com seus braços.

Ao olharmos, assim, para a face de Cristo, exclamaremos numa súbita alegria: "Pai, eu te encontrei!" Pois é somente através do Filho que podemos encontrar o Pai. Cristo é o caminho para o Pai, mas, por estranho que pareça, neste caminho a gente precisa parar, olhar e escutar. Um vez dissipados todos os nevoeiros, a paz se aninhará em nossos corações. E compreenderemos que, seguindo

a Jesus, com o auxílio do Espírito Santo, chegaremos ao coração que tem sido sempre o nosso primeiro e último destino: o coração do Pai.

Tudo tão simples! Quantos de nós cheios de temores! Quantos encolhidos na solidão! Pois bem, se assim for, basta parar, olhar e escutar. A voz do Senhor falará aos nossos corações e, pouco a pouco, os olhos de Deus estarão brilhando diante dos nossos, destilando bondade e amor. Se aceitarmos a mensagem destes olhos, teremos que passá-la adiante para nossos irmãos. Só assim a paz reinará sobre a terra. Mas se você ou eu quisermos imitar as nações de hoje, então nunca haverá paz. Somente trevas, tragédias, mais temores e mais guerras.

Estamos na borda de um precipício. Diante de nós ficam a Fé, o Amor e a Esperança. Atrás está um abismo. De certo modo estamos entre dois abismos, porque Deus é também um abismo de amor e de bondade. Pois bem, que direção tomaremos? Que abismo escolheremos? Depende de nós a escolha. Esta é a hora das opções. Mas pode ser também considerada a hora de parar, olhar e escutar. Para escolher! Mais que tudo, porém, esta é a hora de muita oração.

CAPÍTULO II: A IGREJA E O CONCÍLIO

A mensagem clara do Concílio

"As alegrias e as esperanças, as dores e ansiedades dos homens desta época, sobretudo dos que são pobres e afligidos de qualquer forma, estas são também as alegrias e as esperanças, dores e ansiedades dos seguidores de Cristo."

As palavras acima foram tiradas da *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, em sua introdução.

Tudo quanto o Concílio tinha a dizer ao povo de Deus e a toda a humanidade está contido nas poucas palavras desta frase. Haverá quem entenda isto num segundo e haverá os que levarão, talvez, a vida inteira para entendê-lo. A frase introdutória, acima citada, não foi escrita por um simples homem ou por um grupo de homens. É uma afirmação pentecostal. Inspirou-a o divino Espírito Santo e louvemos a Deus, Senhor da criação, pelo fato de que o papa e os bispos tenham tido suas mentes e corações suficientemente preparados para aceitar esta inspiração divina e a tenham transmitido a nós. A questão está agora em nossas mãos. Nós somos o povo de Deus e os seguidores de Cristo.

Mais uma vez, em linguagem que até um ginasiano pode compreender, foi-nos reafirmada a essência do Evangelho que nossa mentalidade burguesa está sempre procurando evitar. Infelizmente nossos teólogos e moralistas têm contribuído para esta fuga do Evangelho com a super-sutileza dos seus

argumentos e com a ênfase repetidamente colocada mais na letra do que no espírito da lei. Esquecemos a visão formidável de um homem crucificado, numa pequena colina da Palestina. Um homem que era também Deus e que nos deixou esta mensagem simples e sem concessões: *"Nisto conhecerão os homens que são meus discípulos: se vocês se amarem uns aos outros COMO EU AMEI VOCÊS"*.

De que outra maneira poderemos tornar nossas as alegrias, esperanças, dores e tristezas dos outros, senão amando-os como Cristo nos amou? Se não fizermos isto não teremos o direito de nos chamarmos "seguidores de Cristo" ou "cristãos". É exatamente por nos darmos este nome, sem traduzir o Evangelho em nossa vida e em nossas ações, que nos tornamos um escândalo para nossos irmãos. Não vejam, nestas palavras, dureza, ira ou hostilidade; elas são antes palavras de angústia, ansiedade e dor, além de qualquer capacidade de expressão!

Olhando para o mundo opulento do Canadá e dos Estados Unidos, do fundo de suas favelas e de seus "Harlems", com os olhos dos pobres dentro dos meus, sinto um grito de agonia em meu coração. O cristão medíocre não entende que o amor é feito para servir; que ele é "daltônico", incapaz de distinguir a cor das pessoas, sua raça e seu credo; que ele sobrepuja as diferenças de língua, cultura e posição social. Temos que amar com o coração de Cristo ou, então, não amaremos de forma alguma.

Diante disso, é difícil entender por que tantas discussões a respeito do problema habitacional, direitos civis, direitos humanos etc. O fato de estas coisas terem que ser discutidas, mostra-nos como

estamos longe das palavras introdutórias do documento conciliar! Não tomamos ainda sobre nós as alegrias nem as tristezas de ninguém. Não aprendemos ainda a amar nem com o próprio coração, muito menos com o de Cristo.

"Se um homem lhe pede a camisa, dê-lhe também o paletó", diz o Evangelho. Entretanto, discute-se ainda a questão do envio de trigo para os países pobres e o transporte deste mesmo trigo, quando, na verdade, nós deveríamos hipotecar nossas casas, se fosse necessário, para ajudar nosso irmão. Caminhamos entre o temor e a culpa porque já estamos ante o trono do tribunal divino. Sob a luz de neon dos nossos grandes centros urbanos, passamos horas na cama, virando de cá e de lá, sem poder dormir, mesmo apesar de nossas pílulas. Por quê? Pela simples razão de que, bem ao fundo de nós mesmos, sabemos que banimos o Cristo dos nossos subúrbios residenciais. Sabemos também que lhe fechamos as portas de todos os empregos, porque ele é negro, porto-riquenho ou qualquer outro tipo "indesejável".

Os tranqüilizantes já não tranqüilizam ninguém, porque nossas consciências estão diante do olhar de Deus que tudo vê. Sabemos que nos sobra comida e bebida e gastamos demais em divertimentos; em razão disso o rosto macilento dos pobres e famintos ronda nossos leitos, em pesadelos noturnos. Não há música de fundo nem cobertores elétricos que possam serenar nosso sono, porque escutamos os gemidos de mulheres dando à luz em antros asquerosos por esse mundo além.

A opção é clara, pois: ou amamos com o coração de

Cristo ou morremos uma morte esquisita que nos transformará em robôs mecânicos. Sem dúvida alguma, portanto, aquelas palavras de abertura do documento conciliar, são uma chamada que Cristo nos faz, através do Espírito Santo, num último esforço de acordar-nos e transformar-nos em cristãos autênticos.

De católicos a cristãos

Nós, os católicos, precisamos tornar-nos cristãos. Precisamos ter um confronto pessoal com Deus e, auxiliados por ele, tentar resolver nossas crises de fé. É neste campo que tudo começa: o da fé. Se não dermos à nossa existência esta dimensão de fé, sem fugas nem concessões, vivendo-a em nosso cristianismo, nada terá sentido algum. Os altares voltados para o povo, os novos métodos de catequese, novas descobertas na ação pastoral, novos níveis de envolvimento da Igreja com o mundo secular... tudo isto ficará totalmente estéril sem um confronto pessoal com Deus.

Todo o sentido e essência do Concílio Vaticano II é uma exigência de conversão de cada cristão para o Evangelho de Cristo: é isto que o cristão pode dar ao mundo secular e não há nada mais profundo a procurar. É disto que ele tem fome: do Evangelho, de Deus.

Importa que, antes de qualquer outra coisa, os cristãos se tornem "um com Cristo" através de uma conversão que palavra alguma pode expressar. Eles devem estar "com Cristo", de acordo com as palavras do Evangelho: "Quem não está comigo está

contra mim!" E é preciso estar com ele totalmente, sem racionalizações ou restrições! A única pessoa que pode e vai agir sobre este mundo através do cristão é o Cristo ressuscitado, Senhor da história. Então, na sua união total com este Cristo o cristão marcará também sua presença total no mundo.

A união perfeita com Cristo exige que passemos por esta conversão requerida de cada cristão pelo Concílio Vaticano II. Enquanto que — liturgia, teologia, filosofia — serão apenas instrumentos e instrumentos tais que só se adaptarão às mãos daqueles que se tiverem voltado inteiramente para Deus, na decisão de viverem o Evangelho sem restrições. Em outras palavras, estes instrumentos só terão êxito nas mãos daqueles que decidirem fazer funcionar o mandamento do amor em cada momento de sua vida.

Diante disso, o problema da autoridade, por exemplo, irá desaparecer, uma vez que os cristãos vão se tornar o "time de Cristo". Num time ou numa equipe há respeito mútuo e reverência, porque todos possuem a mesma motivação e buscam o mesmo "gol" ou a mesma meta. A visão do conjunto é essencial para qualquer curso de treinamento dado a cristãos, especialmente àqueles que estão engajados a ministérios específicos dentro da Igreja. Destarte o estudo e o papel da teologia, antropologia, sociologia, psicologia, missiologia etc., entrará no seu lugar certo, como peças de um quebra-cabeças.

Enquanto a visão individual de cada cristão não tiver chegado ao mesmo foco da visão conciliar, não teremos a tranquilidade do plano de Deus, mas sim a confusão de Babel. Só existe uma coisa que

possamos dar ao mundo que ele ainda não tenha: Deus e o seu amor! Mas antes de dar Deus ao mundo é necessário que nos unamos a ele, para que nos tornemos "um com ele". Este "programa" de vida, este "ângulo" de visão do cristianismo permanecerá invariável até a parúsia, no céu. Nunca houve programação de vida mais eficiente para trazer o evangelho à vida de cada um.

Deve a Igreja adaptar-se ao mundo?

Será que a Igreja deve adaptar-se ao mundo e às suas idéias modernas com a finalidade de ser melhor ouvida e entendida? Depende muito do sentido desta palavra "adaptar-se". Se por ela queremos dizer uma mudança que vise a expressar as verdades eternas de forma e modo mais inteligíveis para o homem moderno, a resposta é "sim". A resposta é afirmativa também, se esta adaptação significa a entrada de membros bem dotados da Igreja, homens ou mulheres, no campo das ciências — como no caso de Teilhard de Chardin — a fim de levar a mensagem eterna ao mundo científico e de fazer a grande síntese da ciência com a revelação divina.

Diremos "sim" igualmente a uma adaptação que abandone os simbolismos que, embora claros para uma geração passada, se tornaram totalmente obscuros para as pessoas do nosso tempo. Entram nesta categoria os títulos, hábitos ou indumentária e formas culturais que pertençam ao passado e que jamais voltarão.

Mas, por outro lado, a Igreja não pode adaptar-se ao mundo tal qual ele se nos apresenta nos

ensinamentos e nas parábolas de Cristo. A este mundo não há adaptação possível; com ele não pode haver compromisso. A Atitude da Igreja e do cristão com respeito a ele deve ser uma atitude profética, pregando, em altos brados, a palavra de Deus, prontos até mesmo para sermos apedrejados como o foram os profetas enviados pelo Senhor.

Cristo veio para despertar os homens, arrancando-os de sua complacência, indiferença e hedonismo, a fim de poderem segui-lo. Não! Quando se trata de comprometer a palavra e a mensagem do Evangelho, não se pode ceder. A expressão de Jesus é suficientemente clara: quem não está comigo, está contra mim. É preciso que o cristão e toda a Igreja pregue a alegre novidade de Cristo sem concessões, mesmo quando o mundo, em vez de considerá-la "Boa Nova", a toma como notícia inquietante e perturbadora. Cristo veio para isto mesmo: trazer inquietude à consciência humana, e os cristãos que continuam sua missão nesta terra devem, igualmente, continuar a inquietar.

Talvez parte dos problemas que surgem nesta área sejam simples questão de semântica. Muitas pessoas não entendem que existe certo tipo de "conformismo-fidelidade" baseado num amor que nunca faz concessões ao que venha a comprometê-lo. É o conformismo de identificação com a verdade, que "toma a forma" da verdade, como Cristo no seu tempo. É a fidelidade dos profetas que tanto se destaca no Antigo Testamento, quando eles pregavam a palavra do Senhor a uma geração de cabeças-duras muito semelhante à geração moderna.

O cristão é alguém que ama e transmite mensagens de amor. O verdadeiro amor nunca se compromete, nunca se "conforma" com nenhuma outra coisa que não seja a verdade.

O que foi feito...?

Poder-se-ia escrever uma pequena meditação toda na base de uma série de perguntas. Vejamo-lo.

Que foi feito da caridade (sinônimo de amor) na Igreja pós-conciliar? Como poderão nossos irmãos ateus e não cristãos chegar ao conhecimento de Deus, se nós não o amamos e muito menos amamos nosso próximo e nossos inimigos?

Que foi feito da noção de pecado? Talvez quase nos esquecemos de como se soletra esta palavra, uma vez que tão pouco se fala ou se escreve sobre ela. Será que o pecado se tornou obsoleto e arcaico? Ou, pior ainda, não se terá tornado uma palavra indecente, indigna de ser pronunciada por cristãos, especialmente por cristãos "esclarecidos"?

Que foi feito da devoção a Maria, Mãe de Deus, que mesmo os mais modernos teólogos bíblicos *concordam* ser a Mãe de Deus? Não deveriam os católicos esquecer o "sim" desta mulher que tornou possível a encarnação do Verbo?

Que foi feito do demônio, o príncipe das trevas? Talvez ele se tenha tomado um "engravatado homem de negócios", como o descreve Dostoyevsky em um dos seus romances, um camarada a quem mal se deva dar atenção. Ou será que o pensamento pós-conciliar já acabou com ele também?

E a Igreja não estará precisando de uma reforma? A resposta aqui é um reboante "sim". Mas uma tal reforma deve ser feita dentro dos ditames da caridade e os imutáveis ensinamentos do Amor. Não de acordo com a inteligência de homens que procuram ajeitar a doutrina de Cristo dentro dos moldes dos seus próprios pontos de vista. Afinal é o Evangelho de Cristo ou o nosso que pretendemos pregar?

Das respostas dadas a tais perguntas depende o futuro do cristianismo. Quem sabe se a Igreja não voltará às catacumbas? Ou imitará a dispersão da "diáspora", quando os cristãos se espalhavam em pequeninos grupos pelo mundo. Será que veremos esta Igreja feita em pedacinhos? Ou chegará ela a formar uma comunidade de amor que mostre as chagas de Cristo a todos os Tomás incrédulos da hora presente?

Qual destas alternativas irá acontecer?

A renovação começa comigo

Um estranho cansaço, talvez mais do que mero cansaço, uma dor profunda parece estar penetrando nas mentes e corações dos católicos. Trata-se de um sofrimento causado, muitas vezes, pela imprensa católica em seus livros e publicações. Suas críticas são necessárias, é claro, contrariamente cairíamos na estagnação; estas, porém, são críticas que visam constantemente o magistério e órgãos administrativos da Igreja, críticas perenemente negativas que só trazem à luz os erros e fraquezas do povo de Deus (especialmente nos seus

representantes mais altamente colocados). Tais comentários podem criar depressão interior nas almas e nos corações, uma depressão cujo peso leva as pessoas a um tremendo desânimo e tristeza.

Freqüentemente também a imprensa católica tem comentado a essência do Concílio Vaticano II e a conversão que ele espera dos homens, isto é: uma abertura individual de portas e janelas a fim de que cada um possa começar a renovação dentro de seu próprio coração e de sua mentalidade!

Realmente, o que o Concílio fez foi trazer os cristãos de volta ao Evangelho, sublinhando sua essência que é o amor. Os homens precisam começar a amar. Uma vez que é impossível provar a existência de Deus com argumentos intelectuais dirigidos aos que não crêem, então eles devem ver este Deus em nossas vidas. Esta é uma prova existencial: o cristão clamando o Evangelho em sua própria vida.

Se este tipo de vivência, de fato, acontecesse, haveria no mundo mudanças de profunda repercussão e alcance, tanto na ordem política como na econômica e social. O sentido de crítica deve começar, portanto, dentro de cada um de nós: a autocrítica. Daí é que partiria a mudança para toda a Igreja, para o povo de Deus. Afinal, é coisa sabida que são as falhas humanas individuais que entram o crescimento de todo o corpo, o Corpo Místico de Cristo. Uma vez convencidos de que a mudança deve começar "em casa", as discussões necessárias serão feitas com alegria, porque motivadas e radicadas na caridade de Cristo.

Infelizmente, ainda nos dias de hoje, há um

sofrimento desnecessário, entre os cristãos, que dificulta e entrava a ação do Divino Espírito Santo em todos nós. Isso resulta da interminável onda de críticas meramente negativas que surgem das profundezas inconscientes e subconscientes de tantos homens e mulheres. São pessoas que, por alguma razão, reprimiram sua agressividade na adolescência e, agora, de repente, lhe abrem todos os diques, na expressão livre e impetuosa.

Somos humanos, o que vale dizer pecadores. Mas somos também criaturas de Deus. A hora presente pede caridade de parte a parte. É tempo de construir sem destruir, porque o espírito do Evangelho ensina que o homem deve tirar do seu coração riquezas novas e também antigas e tratar umas e outras com amor e delicadeza.

Somos uma geração cansada e doente. Mas somos também uma geração faminta de Deus e de amor; ajudemo-nos uns aos outros, portanto, com humildade e com amor, através da oração. Demonemos as mãos e caminhemos, assim unidos, em direção à luz e ao fogo que o Espírito Santo esparziu sobre nós com tanta riqueza e intensidade, através do Papa João XXIII e do Concílio.

E comecemos em casa, descobrindo a trave cravada em nosso próprio olho, antes de sairmos por aí à cata de cisquinhos no olho do vizinho (os bispos são nossos vizinhos, nosso próximo também, lembrem-se disso!). Somente com um coração cheio de amor, seremos capazes de dizer a verdade numa crítica amorosa e construtiva, porque estaremos dizendo a verdade de Cristo. Só ele, verdade eterna, é sem pecado e sem defeito. Só ele tem direito de pegar

um pedaço de corda e sair por aí expulsando, do seu templo, os negociantes.

Não nos esqueçamos nunca de que é também a cada um de nós que se dirigem aquelas palavras de Jesus: "Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra!" Certamente faríamos menos críticas destrutivas se repetíssemos estas palavras, com mais freqüência, em nosso íntimo.

Bíblia e renovação

Uma das coisas mais importantes para o Povo de Deus é uma escala de valores bem ordenada e prioridades bem definidas. A *confusão* é o pior inimigo da tranqüilidade no coração dos cristãos. Gente confusa não pensa direito. Infelizmente, o mundo está repleto de cristãos confusos; tremendamente cheio deles!

O Evangelho afirma claramente que a primeira e fundamental preocupação dos cristãos deve ser a busca do Reino de Deus. Uma vez começada esta busca, com todas as forças da vida concentradas, todo o resto lhes será dado gratuitamente. Assim sendo, a primeira preocupação dos cristãos que andam por aí tão preocupados com a atualização da Igreja ou a mudança da sociedade, não nos parece que deva ser a reforma dos bispos e sacerdotes, mas sim a reforma interior de suas próprias vidas. Será que, com estes zelos intempestivos de críticas, estamos sinceramente buscando o Reino de Deus? Acho que estamos é criando outras formas de confusão e, simultaneamente, não percebemos que nossa fé está sendo tão solapada por todos os tipos

de concessões e racionalizações que fazemos na vida prática.

Qual o processo pelo qual uma pessoa se torna confusa? Simplesmente permitindo que a desordem entre em sua mente e em seu coração. Para eliminar a confusão e restaurar a clareza, basta procurar estabelecer a ordem de valores do Reino. Isto requer de nós uma decisão generosa de tirar um pouco de tempo de nossas atividades (mesmo quando estamos fazendo o bem) e entrar, de vez em quando, no silêncio do Senhor. Enquanto estivermos na solidão fecunda deste silêncio de Deus, com a Bíblia na mão, pouco a pouco o tremendo vozerio do mundo morrerá dentro de nós e aí será ouvida, então, a voz de Deus. O livro sagrado, que na espiritualidade oriental é como uma nova Encarnação de Cristo, vai transmitir-nos mensagens profundas à cuja luz estaremos habilitados a discernir os pontos mais importantes da nossa agenda cristã.

Se não agirmos desta forma, é de temer que acabemos por nos afogar no nosso barulho interior de diálogos, encontros, reuniões, discussões e debates em que, ou todos falam ao mesmo tempo, ou falam sem ouvir os demais. E é bom também que paremos um pouco de ler o que outros escrevem sobre a Bíblia e comecemos a lê-la e meditá-la no silêncio do coração. Desta forma teremos alguma coisa a dizer quando retomarmos nosso lugar no mundo e, sobretudo, teremos aprendido a escutar! Isso nos deixará numa posição propícia para ajudarmos os outros a perceber que o Reino de Deus deve ser procurado antes e acima de tudo, e que as demais coisas da vida nos serão concedidas por

acrécimo enquanto o buscamos desta forma.

Reformadores sem amor

As bibliotecas estão abarrotadas de livros escritos por pessoas que tentam analisar, explicar e decifrar o que está acontecendo no mundo de hoje. São livros cheios de perguntas: Que devemos fazer? Que direção tomar? etc. Livros e revistas católicas não são diferentes. O Vaticano II mesmo abriu muitas janelas neste sentido e trouxe à tona semelhantes análises. É coisa maravilhosa para qualquer indivíduo, incluindo os católicos, que ele examine sua consciência como indivíduo e como grupo; mas não é nada bom passar o nosso tempo examinando a consciência dos outros!

É bom para um cristão tomar parte em marchas de protesto contra injustiças ou em marchas a favor da paz; mas é totalmente contrário ao Evangelho transformar as marchas da paz em marchas do ódio. Dentro mesmo da Igreja Católica, pode dar-se o caso em que seja lícito e bom que alguém faça frente a alguma autoridade, qualquer que ela seja; fique bem claro, porém: a maneira de tais confrontos deve imitar o exemplo de S. Tomás Morus que disse a verdade, sem temor, a reis e prelados, mas não tentou, depois, tirar o corpo fora das conseqüências advindas da sua franqueza. E outra *grande* observação: tudo o que ele fez e disse foi com caridade!

Aqui temos o ponto crucial da nossa confusão moderna, confusão quase total que, no momento, está abalando muitas mentalidades, tanto velhas

como novas. Como pode alguém ser pacificador, se não tem paz no coração? Como podemos sanar os sofrimentos dos nossos irmãos negros, dos "pobres ricos" e dos "ricos pobres", se nossos corações estiverem vazios do óleo da compaixão e do vinho do amor? Esquecemo-nos de que mudanças e renovações nunca começam com o "Pedro", não continuam nem terminam no "Pedro". Elas começam comigo. Sou eu quem deve alimentar os famintos, visitar os doentes e vestir os nus.

Quando Cristo nos mandou amar nossos semelhantes, não fez exceções. Entre estes semelhantes estão também os membros da ordem estabelecida contra a qual estamos nos insurgindo.

Nossas marchas de protesto e nossos escritos, por mais belos que sejam, acabam vazios de qualquer efeito e sabem por quê? Talvez pelo fato de não termos começado ainda a pregar o Evangelho *com a nossa vida*. Tudo cai no mundo e é deixado para trás como sementes em terreno pedregoso. O único fruto que produzem é mais confusão nas mentes dos homens.

Cristo disse que devemos ser como crianças, porque delas é o Reino dos Céus. Assusta um pouco refletir sobre aquela outra frase: "Seria melhor para ele (a pessoa que causa escândalo) ser atirado no fundo do mar, com uma pedra de moinho atada ao pescoço, do que escandalizar um destes pequeninos". Entretanto, parece que esta última alternativa é que está acontecendo hoje.

Muitos deixam as coisas para o "Pedro fazer"...
Graças a Deus pelas exceções: são aqueles que

verdadeiramente pregam o Evangelho com suas vidas. Estes são também os que têm as respostas certas!

Não é luta contra a carne e o sangue

O mistério do amor e o mistério da maldade chegaram, hoje, a um confronto visível e palpável na Igreja. É, realmente, uma visão muito estranha que se contempla. Talvez seja precisamente pelo fato de estar o fogo do amor tão visivelmente aceso em nosso meio, que o Príncipe das trevas saiu para fora com toda a sua fúria desembainhada.

Em cada cidade, em cada aldeia, em cada agrupamento humano do mundo de hoje, estes dois mistérios se defrontam, revelando, simultaneamente, a pobreza e a riqueza dos cristãos. Não causa mais admiração o fato de que os incrédulos encontrem, hoje, mais razões do que nunca para defenderem sua incredulidade.

Realmente, nada repele mais um homem da religião do que a hipocrisia dos que a trazem apenas nos lábios.

Convenhamos, porém, em que o problema é mais profundo do que as aparências no-lo apresentam. Por que razão, exatamente, existem cristãos que recusam dar aos outros o amor e a justiça que Deus exige como condição de entrarmos no seu Reino? Há corações cristãos que deveriam estar repletos de amor e, no entanto, transbordam ódio. Os cristãos deveriam ser mensageiros da paz; no entanto, há muitos deles que soltam apenas gritos de guerra. Deveriam adorar apenas um Deus verdadeiro e, no

entanto, criam para si mesmos milhares de outros deuses e pautam sua vida de acordo com valores que nem de longe se assemelham aos valores do Evangelho de Jesus Cristo.

Que explicação existe para uma situação tão trágica? Ignorância? Mas como é possível, se nosso país está cheio de escolas católicas, universidades católicas! Então o que se ensina nessas instituições?

Porventura a educação católica, o treinamento e formação católica perderam, a tal ponto, seu sentido e sua força que já não venham ensinando nem a essência da nossa fé, o mandamento do amor?

Por que existe tanta racionalização e tanta contemporização? Talvez uma resposta possa ser que Deus permite tudo isso a fim de que examinemos nossas consciências a respeito do primeiro e o maior dos mandamentos e comecemos a perceber que existe um mistério de maldade em ação no meio de nós, o Príncipe das Trevas. Ao dar-nos conta desta presença nefasta, começaremos novamente a combatê-lo, voltando-nos, antes de mais nada, para a realidade de Cristo. Em seguida tomaremos as armas da oração e do jejum, as únicas armas com que poderemos expulsar o demônio tanto de nossa vida pessoal como do ambiente nacional.

A vós eu clamo, Senhor!

"De minhas profundezas clamo a vós, Senhor!" Se alguém me perguntasse porque estas linhas voltam com tanta freqüência a meus lábios e à minha pena, eu diria que é porque tenho a impressão de, muitas

vezes, estar vivendo em profundezas. Que tipo delas? Confusão? Espanto? Dúvida? Caos interior e exterior? Não, são profundezas de um estranho sofrimento, estas em que me sinto, mergulhada: a dor de ver a Igreja dividida, rasgada pela falta de caridade. "De minhas profundezas clamo a vós, Senhor!"

Sim, clamo em favor dos periódicos e revistas católicas, na esperança de que possam publicar algo positivo sobre a Igreja e não mencionar apenas problemas e escândalos.

Clamo ao Senhor em favor dos sacerdotes, pedindo-lhe que conceda aos padres a graça de compreenderem o que significa ser sacerdote e qual o sentido profundo do sacramento da Ordem. Peço a Deus que lhes revele qual a diferença entre suas próprias necessidades e as de milhões de outras pessoas que têm fome de Deus. Peço que, depois de compreenderem esta diferença, esqueçam suas necessidades e se tornem, eles próprios, alimento para aqueles que têm fome.

Diariamente o sacerdote oferece o Sacrifício do Calvário. Somente suas palavras podem transformar o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele que, diariamente, se alimenta de Cristo deve perceber que também ele tem que se transformar em alimento dos outros, esquecendo-se dos seus próprios interesses para preocupar-se e ser consumido pelos interesses dos irmãos. "Das minhas profundezas clamo a vós, Senhor!"

Clamo ao Senhor por todos os religiosos. Peço para eles e para elas suficiente visão e coragem a fim de

que não abandonem suas congregações e seus conventos, mas, pelo contrário, permaneçam neles e cooperem para a restauração dos mesmos, de acordo com o espírito e a visão maravilhosa de seus fundadores e fundadoras. Rezo para que eles se esqueçam de si mesmos e imitem o Deus pródigo de amor que os chamou à vida religiosa em suas respectivas congregações e ordens para que também eles saibam prodigalizar amor até à morte.

"De minhas profundezas, Senhor, eu clamo a vós!"
Clamo em favor dos pais que, inteiramente concentrados na tarefa de dar a seus filhos todos os benefícios de nossas sociedades ricas, se esquecem de lhes dar Deus, o único necessário. Peço ao Senhor que toque os pais com a saliva de sua graça — como no caso do cego de nascença do Evangelho — para que eles possam vê-lo e conhecê-lo a fim de poderem comunica-lo aos filhos.

"De minhas profundezas, Senhor, eu clamo a vós!"
Clamo em favor do laicato, tão numeroso e tão poderoso. Peço a Deus que purifique os corações dos nossos leigos de qualquer ódio do "outro", seja ele quem for, especialmente se forem nossos irmãos ou irmãs de cor ou outro grupo minoritário e sem privilégios, cujo sofrimento está sempre presente aos nossos olhos.

Clamo pelos leigos que falam e escrevem sem paz no coração e sem caridade alguma. Peço a Deus que suas palavras tenham raízes na palavra de Deus, de modo que possam levar paz, tranqüilidade e amizade aos corações dos homens.

Clamo ao Senhor por todas as pessoas, em qualquer

parte do mundo, para que elas venham a se tomar instrumentos da sua paz, procurando antes consolar do que serem consoladas, antes compreender que serem compreendidas, antes amar que serem amadas.

Bobagem minha estar escrevendo tudo isso, não é?... Entretanto, não consigo evitá-lo. E pretendo continuar nestas profundezas em que o Senhor me colocou. Talvez permanecendo aí, ainda que isto pareça idiotice, talvez este clamor, vindo das minhas profundezas, possa torná-las frutuosas e frutuoso também o sofrimento que nelas experimento. Assim o espero!

Limpando a casa da Igreja

E de vital importância não perdermos de vista a verdadeira natureza de nossas metas, neste clima maravilhoso de renovação, depois do Vaticano II, quando um vento tão esperado de mudança sopra com toda a sua força. E olhem que não é difícil perder esta visão!

Centenas de perguntas que há muito clamavam por respostas estão agora sendo examinadas; muitas dúvidas estão desaparecendo ou sendo resolvidas. Mas, por outro lado, há sempre, para levar em conta, a impaciência do homem consigo mesmo e com os outros, no seu desejo de mudar e transformar tudo ao mesmo tempo. Neste processo surgem novas dúvidas, novas tentações e novas perguntas. E com que rapidez tudo isto aparece. São obstáculos que quase parecem barrar o sopro fresco

e revigorante que baixou do Espírito Santo sobre os padres conciliares.

Convém lembrar aqui a pequena parábola de Jesus que relata o exorcismo de uma pessoa. Um grupo de demônios tinha sido expulso desta pessoa e, conseqüentemente, sua alma ficara limpa e em ordem. Mas parece que esta alma não se manteve suficientemente vigilante, de forma que, passando algum tempo, ela se viu novamente dominada por outro bando de demônios, desta vez maior do que o primeiro.

Qual é, portanto, a meta, a verdadeira essência do Evangelho que o cristão deve procurar sempre e nunca perder de vista? A resposta é a mesma, eternamente repetida: *amor*. Resposta simples nos lábios, mas de difícil complementação na vida, a não ser que seu conteúdo se mantenha sempre vivo em nossas mentes.

"Amar a Deus e amar o próximo" é, realmente, um mandamento muito curto e muito simples, mas para conseguirmos amar a Deus como ele deseja ser amado, temos que começar de baixo para cima, pela segunda parte do mandamento. E para conseguirmos amar o próximo, importa começar procurando entender quem somos nós, pobres criaturas.

Quem não for pobre ainda, tem que tornar-se tal, seguindo o conselho de Cristo no Sermão da Montanha: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus". Compete-nos levar aos homens este Reino dos céus, trazendo-o do céu à terra, onde, de fato, ele começa.

Amar o próximo é, de certo modo, convencer-se de que ninguém pode amar a Deus sozinho: só se consegue amá-lo com o outro e através do outro. Donde se infere que o homem deve esvaziar-se de si mesmo e esquecer esta palavrinha a que dá tamanha importância: "eu". Em última análise, isto é sentença de morte para todo tipo de amor-próprio e de orgulho no homem. Como conseqüência, surge em nós a humildade e mansidão do próprio Cristo.

Amar o próximo significa tudo isto e mais ainda. Não se pode esperar atingir a perfeição deste amor rapidamente ou sem esforço. É uma longa jornada que passa pela liturgia e pela Eucaristia, onde acharemos o auxílio e a força necessárias para chegarmos à perfeição desta caridade. Para o homem moderno isto quer dizer destruir o homem velho e construir o novo. Ambos os processos são penosos; dolorosos para a mente, para a alma e para o coração.

Na verdade, trata-se do próprio sofrimento de Cristo no qual nós temos que entrar a fim de podermos levar ao mundo a essência deste ensinamento. Por estranho que pareça, devemos entrar também na oração, nas vigílias e no silêncio de Cristo. Somente aí nos encontraremos realmente com ele. Somente aí a escola do amor nos ensinará a perfeição da paciência, este martírio do amor que nos cumpre a todos sofrer a fim de nos tornarmos centelhas acesas levadas pelo sopro do Espírito. Unicamente desta forma é que o Concílio Vaticano e sua renovação conseguirão firmar raízes no mundo, depois de tê-las aprofundado em nós e depois de nós mesmos nos termos enraizado em Cristo.

Reforma é... Amor

Em que pontos a renovação é mais necessária e aonde deve ser levada com maior urgência? A reforma preconizada pelo Concílio deverá centralizar-se em esforços que visem fazer dos cristãos uma comunidade de amor. Deus disse que "não é bom que o homem fique sozinho"; ele já conhecia, portanto, as comunidades de amor porque a primeira e eterna comunidade de amor é a Santíssima Trindade.

Assim sendo, cada cristão em particular deve tornar-se membro desta comunidade de amor, parte da Santíssima Trindade, integrando esta união na sua própria vida diária. Daí ele passará a formar uma comunidade de amor com cada pessoa que encontra. As outras pessoas do mundo são estranhas para nós; mas o que é um "estranho"? Apenas um amigo que ainda não encontrei. A amizade é fruto do amor.

A família deve transformar-se numa comunidade de amor para, depois, estender-se, transbordando este amor na formação de uma comunidade com seus vizinhos, isto é, com o resto do mundo que entra na órbita do seu relacionamento ordinário. Desta forma, sempre se começa por si mesmo, passando pela *metanóia*, esta mudança de mentalidade e coração, este esvaziamento do próprio "eu" que facilite a entrada da luz vinda da união com a Trindade. Passando através de nós, esta luz iluminará e atrairá outros.

Este processo se aplica a todos os homens, tanto aos que ocupam postos no Magistério da Igreja, no seu

relacionamento mútuo, como aos que estão sob seus cuidados. Estende-se aos sacerdotes e aos membros de ordens e congregações religiosas. Todos estes verão os seus esforços de perfeição totalmente frustrados, se não começarem uns com os outros, amando uns aos outros. Não conseguirão consolidar as estruturas da Igreja. Sem isto não haverá renovação. Muito pelo contrário, surgirá apenas caos e confusão, porque sem amor ninguém pode construir ou consolidar coisa alguma na Igreja cujo Fundador é o próprio Amor.

A Igreja está em agonia porque a caridade está morrendo e o amor parece mergulhado num profundo sono. Ferida por seus próprios filhos que lhe negam o tributo do amor, esta Igreja está procurando ser reformada por aqueles que estão dispostos a renovar tudo e qualquer coisa menos a si mesmos.

Existem muitos, louvado seja Deus, que compreendem esta importante lição e põem mãos à obra de uma reforma pessoal, com a graça de Nosso Senhor. Estes homens e mulheres devem resignar-se a tomar sobre os ombros o terrível fardo de caos e confusão que existe nas almas de seus irmãos e irmãs. Como Verônica, este grupo escolhido tem que permanecer de pé, ao lado da Igreja, enfrentando com ela os açoites que parecem vir diretamente de Satã.

A Igreja está em agonia e o remédio é: mais amor, mais compreensão, mais compaixão e mais simpatia para com os confusos, os sofredores, os que deixam a Barca de Pedro e, assim agindo, rasgam a túnica inconsútil de Cristo. O mundo tornou-se, mais uma

vez, um verdadeiro Coliseu. Os que entenderem a necessidade de começar uma renovação dentro de si mesmos, serão atirados às feras da confusão, da apostasia, das críticas, rejeições e hostilidades. Serão moídos como trigo de Cristo. Alimentados pelo Deus do amor, deverão estar preparados para o martírio, no sacrifício total. Este invisível derramamento de sangue pode vir a ser semente de uma nova fé, ou trilha para encontrarmos a que se perdeu.

Mudando as estruturas

Em muitos círculos católicos, percebe-se uma profunda inquietude a respeito da estrutura da Igreja. Estrutura! Parece que esta palavra já não pode ser usada sem conotações desagradáveis. Que algumas das estruturas da Igreja precisem ser mudadas, todo mundo concorda; mas ninguém sabe como mudá-las!

Muito bem; aceitamos que algumas delas estejam pedindo mudanças, mas a construção que venha substituí-las deverá estar fundamentada na loucura de Cristo e de sua cruz, não nas areias da inteligência e sabedoria humana. Então haverá, certamente, uma crucifixão — mas haverá também uma ressurreição. Se construirmos sobre qualquer outro fundamento, que não seja Cristo, que garantia teremos de que as *novas* estruturas serão as verdadeiras?

Talvez pelo fato de eu ser russa, oriunda, portanto, de um ambiente e uma cultura diferente da ocidental e, mais provavelmente ainda, devido ao fato de ter

sido educada na Bíblia, só vejo um meio de mudar as estruturas da Igreja: *permanecendo com elas!*

Sim, eu disse *com elas*. Levanto minha voz com humildade e com franqueza, sem temor das conseqüências, mesmo que estas sejam morte numa cruz. Permaneço imóvel, como a árvore crescida ao lado das águas vivas que correm dentro do mistério da Igreja.

Durante os anos da minha experiência de apóstola leiga, podia dizer que sempre vivi dentro das estruturas e também experimentei perseguição e crucifixão. Somente Deus sabe que influência teve a minha vida sobre essas estruturas, mas o certo é que algumas delas *realmente* mudaram.

A questão, portanto, é a seguinte: deixar as estruturas ou permanecer dentro delas, enfrentando a possibilidade de mil mortes? Deixá-las por desespero ou mudá-las do lado de dentro? Isto só poderá efetuar-se com o amor do próprio Coração de Cristo, amor que ele está disposto a outorgar-nos se, sob a sombra da fé, decidirmos entrar na essência do mistério da Igreja. Não nos é possível permanecer apenas na periferia da vida da Igreja. Aí nunca entenderemos coisa alguma: é preciso penetrar bem fundo no seu tremendo e impressionante Mistério.

Amor apaixonado pela Igreja

Não sou teóloga, mas entendo, sem compreender, que nós os leigos temos o poder de empurrar de novo a Igreja para o fundo escuro das catacumbas. Embora as portas do inferno não possam jamais

prevalecer contra ela, contudo, ela pode tornar-se um mero punhado de pessoas procurando o fundo dos abrigos para salvar suas vidas, quando sua missão é ser luz brilhante no cume da montanha!

Temos, na hora presente, real e verdadeiramente, um número sempre crescente de carismas com os quais nos vem também um aumento de responsabilidades muito graves. No tremendo Mistério da Igreja, nós pecadores e vasos de argila estaremos ante estas duas alternativas: ou mostraremos a verdadeira face de Cristo a um mundo que dele está faminto, ou borraremos esta imagem. Não adianta ficar demasiadamente preocupado com a parte humana da Igreja: haverá perigo de se quebrarem os vasos de argila e se derramar o bálsamo da salvação — o amor — destinado todo ao coração dos homens.

Sinto a agonia da Igreja nos meus ossos, estes dias. São longas as noites, minhas noites insones que parecem envolver-me numa sufocação da qual não me posso libertar. Rezo ao Espírito Santo por todo o laicato, sobretudo pelos leigos inteligentes dos nossos dias, para que eles saibam "negociar" bem com os talentos recebidos de Deus.

Amemos a Igreja com um amor apaixonado, lembrando-nos de que ela, em seus sacramentos e em todo o seu ser, é um mistério de amor, porque Cristo, sua cabeça, é um mistério de amor. Preocupemo-nos, antes de mais nada, com encarnar este mistério de amor em nossas vidas; só depois disto é que voltaremos nossos olhos para os "vasos de argila".

Esta última parte, porém, requer de nós muita reverência, indo aos nossos irmãos pecadores com o coração cheio de caridade, paciência e compreensão. Contrariamente, baixará sobre nós o nevoeiro da confusão e perderemos de vista a Deus que é amor.

Tenho certeza de que dou a impressão de um disco, tocando sempre o mesmo estribilho ou canção. Que fazer! Se alguém realmente se sente num estado de agonia por causa da Igreja, não pode ter outra canção para cantar e, afinal de contas, será que se pode cantar demais uma canção de amor?

Flores novas da primavera

Muitos padres ainda estão deixando a Igreja, o que projeta uma sombra de infinita tristeza sobre os corações não só de católicos como também de cristãos de todas as denominações. É uma tristeza que deverá passar, naturalmente, porque não podemos esquecer a virtude teologal da esperança, se bem que, na hora presente, ela pareça sepultada sob toneladas e toneladas de negativismo: dos velhos, dos jovens e dos que estão entre ambos.

Negação é uma palavra pesada e sombria que o dicionário assim define: "contradição", "recusa em consentir". A tonalidade da sua cor é escura... Entretanto, surgindo deste escuro e mesmo de sob o peso do negativismo, está sempre presente a esperança. Ela desabrocha, como as flores na primavera, cheia de alegria, juventude, humor e riso, dizendo "sim" à vida e ao próprio ser. A esperança consente em aceitar a existência como esta vem das mãos de Deus. Ela possui a fé, não

uma fé cega, mas uma fé inteligente, realista, compreensiva, baseada na graça do Batismo. Esta esperança busca seu ser e sua alegria na fonte imensa do mistério do amor.

Pouco a pouco está recomeçando o fluxo de jovens que entram para os seminários e de moças que procuram a vida religiosa. Um jovem dizia, num desses debates de dinâmica de grupo: "Sim, eu sei para onde estou indo; vou entrar no seminário porque desejo ser padre. Não quero destruir, mas sim construir. Meu pai é pedreiro e boa parte do seu trabalho é feito com pedras. Pedras são sempre pesadas, mas quando se aprende a manejá-las e colocá-las, constroem-se lindas casas. Creio que, à maneira de S. Francisco de Assis, somos chamados hoje a consertar a casa da Igreja de Cristo. Pois bem, eu vou ser uma das pedras, e Deus será o pedreiro".

Por sua vez, dizia uma jovem: "Sei muito bem que esta congregação tem apenas vinte freiras! Pouco importa; eu serei a vigésima primeira, com o auxílio de Deus. Entro com os olhos abertos e meu coração cheio de amor por estas freiras que ficaram e que devem ter sofrido muito. Entro com a fé e a esperança de que serei uma boa religiosa".

O fluxo de que falei acima, referindo-me ao ressurgimento das vocações, talvez não seja muito grande; um mero fio d'água que mal merece atenção... Também, ninguém dá atenção às flores silvestres, quando apenas começam a levantar suas cabecinhas, azuis e vermelhas de sob a camada da neve. Não importa que sejam poucos; estes jovens são a prova de que a esperança não nos deixou

ainda. E onde existe esperança, fé e amor, aí está Deus. Aleluia!

A brisa do Espírito que derrete gelos

O Espírito está trabalhando no homem moderno; algumas vezes de modo claro e patente, outras mais silenciosamente. A juventude está se voltando por métodos de oração antigos e novos, agrupando-se em comunidades e encontros de formação. Já não se fala tanto da "morte de Deus"; pelo contrário, muita gente está falando a respeito do Senhor da história e sua ação no mundo; fala-se também de penitência, jejum e oração.

Sim, uma brisa suave sopra novamente através de nossa terra, deixando velhos e jovens cheios de paz. Os homens recomeçam a dar uns aos outros a alegria do Senhor, em vez de se darem flores de papel ou mesmo flores naturais.

Muitos, cansados das críticas e dos comentários negativos a respeito da vida e da Igreja, estão adotando atitudes mais positivas a respeito de ambas. Os teólogos católicos raramente são lidos pelos jovens ou por seus pais, mas vejam a Bíblia. No momento, parece ser o livro mais lido em todo o mundo. Sempre o foi aliás.

Sem dúvida alguma, aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, percebem que há uma vitalidade que vem crescendo, se bem que, talvez, pouco visível, como a vida subterrânea das plantas no fim do inverno. É um crescimento, calmo e suave, estranhamente distinto da "igreja subterrânea".

De vez em quando, chegam-nos notícias de jovens que entraram em conventos, especialmente os de vida contemplativa. Não faltam os que se reúnem em grupos que lembram congregações religiosas. A brisa está se transformando em vento aqui e ali. Vamos rezar para que este vento caia, bem cedo, em línguas de fogo, sobre todos os cristãos, sejam quais forem, de modo que, um dia, cada um de nós possa mostrar a face de Cristo ao outro.

Silenciosamente, sem fanfarras de publicidade, o Espírito do Senhor está novamente e verdadeiramente vivo nos corações dos homens.

Nos braços da Esperança

Enchamo-nos de esperança porque esta é a era do Espírito. Atravessamos tempos confusos e o Vaticano II, um dos primeiros sinais da chegada do Espírito em nossos dias, sacudiu-nos a todos vigorosamente, como o fazem os ventos mais poderosos que varrem a terra, deixando atrás de si uma aparência de destruição. Mas, depois que eles passam, nota-se que as árvores derrubadas estavam todas ocas e com raízes podres. E mesmo estas não caem em vão porque destroem, na sua queda, muito mato inútil que atravancava os caminhos — os caminhos do Senhor!

Sim, enchamo-nos de esperança, apesar de notarmos que o vento do Espírito andou confundindo a muitos, andou derrubando muitos costumes velhos e arcaicos modos de agir todos os quais, realmente, já deveriam ter sido mudados há muito tempo. Agora já nos é possível avaliar o que, de fato,

aconteceu; percebemos, então, que tudo foi muito simples e muito lindo e que só Deus poderia tê-lo feito.

O que aconteceu foi que o Espírito Santo, advogado dos pobres, que sempre esteve em nosso meio, manifestou-se mais uma vez! Como no primeiro Pentecostes, ele sacudiu todos os homens com seu sopro renovador. Reavivou em nós as brasas de certas verdades que nos pareciam evidentes, mas que nunca tínhamos traduzido e "encarnado" em nossas ações diárias. Tudo isto nos deixou, a princípio, certa impressão de que estávamos sendo impelidos não para a luz do Espírito Santo, mas em direção a uma escuridão muito estranha, terrível e inquietante.

Agora, porém, as névoas se dissiparam e começamos a perceber que, apesar de meio assustados ainda, fomos atirados nos braços da esperança; desta esperança que salva, sempre alegre e maravilhosa.

Que ela encha nossas vidas, portanto! É tempo de exultação, tempo de agradecer a Deus pelos dons do Espírito, sempre renovados, eternamente renovados. Agradecemos-lhe pelo dom da fé que faz nossa esperança crescer aos pulos e saltos.

Sim, é tempo de andarmos todos cheios de esperança, porque qualquer que tenha sido a treva que baixou sobre nós, já está se dissipando e o povo de Deus está se voltando para a oração. Quando o homem procura Deus na oração, então Deus lhe dá a chave do seu próprio coração e do coração de seus irmãos. Com esta chave ser-nos-á possível levar a

todos os homens a fé, a esperança e o amor.

Que a esperança transborde de nossas vidas, porque
é o tempo do Espírito.

Aleluia!

CAPÍTULO III: TRINDADE, *SOBORNOST*, COMUNIDADE

A comunidade da Trindade

A palavra "comunidade" está nos lábios de todas as pessoas, hoje em dia. Com muita frequência, os teólogos, filósofos e as comunidades religiosas de homens e mulheres estão discutindo a maneira de como se formar uma comunidade. Os leigos se mostram também interessados no assunto, tanto jovens como adultos.

Parece uma espécie de palavra mágica que surgiu não se sabe de onde, reluzindo como moeda nova. Entretanto, ninguém parece mencionar o fato de que "comunidade" é uma realidade tão velha quanto a terra e o universo. Talvez mais velha ainda, por que ela pertence à eternidade.

A Trindade é uma comunidade eterna, cuja existência não teve princípio nem terá fim. Trata-se simplesmente de uma comunidade de amor: Deus Pai amando Deus Filho e este amor gerando o Espírito Santo.

O homem precisa entrar primeiro em contato com a Trindade, se quiser formar uma comunidade com seus semelhantes; de outra forma, não será possível. Mas, como realizar este contato? Ninguém lhe pode dar fórmulas prontas para isto, basicamente, porém, há dois elementos envolvidos neste processo: a oração e o homem. O homem pode encontrar a Deus através do homem porque a encarnação de Cristo levou a ele toda a humanidade, do mesmo modo como ele entrou plenamente em

toda a humanidade.

A oração põe o homem diretamente em contato com a Trindade, mas também o devolve inevitavelmente aos seus irmãos. E, novamente, em virtude da encarnação, o homem foi admitido à Comunidade da Trindade, à Comunidade do Amor.

Nenhuma comunidade pode ser constituída entre os homens, se eles decidirem que não precisam da Trindade ou de Jesus Cristo, ou se julgarem que podem criar seu próprio Deus. Em tal caso, reinaria o caos em vez de se ter uma comunidade.

O segredo de se tornar uma comunidade está no total envolvimento com o outro, juntamente com um completo esvaziamento de si mesmo, de modo que cada um possa dizer: "Eu vivo; não, já não sou eu quem vive: é Cristo que vive em mim". Aí sim, a comunidade cristã começa a existir, e o Espírito Santo que foi, realmente quem a formou, torna-se uma chama, ardendo no meio de nós. Serão as centelhas deste fogo que irão acender o mundo.

Oração e amor... amor e oração: filhos da fé, irmãos da esperança! Estes são os elementos que se requerem para a formação de uma comunidade. Nenhum outro pode servir.

A Trindade e *sobornost*

Uma nova palavra está fazendo sua aparição, ultimamente, nas revistas católicas. É um vocábulo muito familiar aos cristãos do rito bizantino ou, mais acuradamente, a todos os que seguem a espiritualidade oriental. A palavra é *sobornost*.

Sobor tem o sentido geral de catedral, normalmente aquela que é a sede do bispo da diocese e na qual, nas grandes solenidades, seus sacerdotes se reúnem com ele para oferecer a Eucaristia e louvar a Deus. Algo assim como catedral metropolitana.

Sobrania significa uma reunião, num sentido semelhante ao da palavra "liturgia", que, básica e historicamente, significa um agrupamento de pessoas com a finalidade de realizarem algum trabalho comum.

Sobornost, apesar de ter *sobrania* como raiz, apresenta, entretanto, uma conotação diferente. Esta palavra tem certo parentesco com "colegialidade", mas, ainda aqui, está muito distante do sentido desta palavra, tendo um significado muito mais profundo para os orientais. Não é uma palavra para ser usada a cada hora ou petulantemente, como acontece com tantas palavras estrangeiras que entram no nosso vocabulário. Absolutamente; trata-se de uma palavra sagrada que impõe respeito; vem de grandes profundezas para encarnar-se nas ações, como uma primavera de vida, subindo do coração mesmo da Santíssima Trindade.

Talvez a própria realidade trinitária seja o melhor contexto que nos facilite captar o verdadeiro sentido de *sobornost*, porque na vida trinitária há uma perfeita e total unanimidade de mente e coração (se assim podemos nos expressar). Ora, *sobornost* começa no coração daqueles cuja vida de oração se passa toda diante da Trindade, tornando-os um reflexo do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quando o povo de Deus atinge uma verdadeira

união, conforme o ideal da perfeição cristã, interligado entre si pela vontade do Pai para formar uma comunidade, este povo assimila, em sua vida, a obediência do Filho e, para sua total união de mentes e corações, depende do Espírito Santo, o Paráclito ou advogado que o Pai enviou para recordar ou reavivar em nós tudo o que o Filho ensinou.

Portanto, *sobornost* é a unidade das almas, mentes e corações dos cristãos que verdadeiramente desejam pregar o Evangelho com suas vidas e vesti-lo, por assim dizer, com sua própria carne. *Sobornost* é a manifestação da unidade que Cristo nos pediu para viver e irradiar quando disse: "Que eles sejam um, como tu, Pai em mim e eu em ti..."

Sobornost não deve criar entre os fiéis nem dependência de uma autoridade, nem independência, nem mesmo interdependência. A essência desta palavra eleva a vida a planos e níveis muito mais altos e espirituais; exige uma inefável unidade no Corpo Místico de Cristo. O cristão se funde tão totalmente nesta unidade e, conseqüentemente, na união com o Pai e o Espírito Santo, a ponto de surgir na terra, verdadeiramente, um corpo trinitário, como deve ter acontecido com Cristo durante sua vida neste mundo.

Sobornost só é atingido através de oração constante e intensa. E os membros das comunidades, leigas ou religiosas, que assumem este ideal, devem se transformar em servos uns dos outros, em virtude de um profundo amor. A função da autoridade numa tal comunidade — bispos, sacerdotes, superiores, pais e mães — seria a de humildes servos de Javé, pessoas de bacia e toalha na mão porque os cristãos

devem lavar os pés de todos os homens como fez Cristo com os Apóstolos.

A autoridade deve ser a serva de todos, deixando-se crucificar livremente pela salvação dos outros. Autoridade, dentro da compreensão espiritual de *Sobornost*, deve amar profundamente Deus e os homens. Os membros da comunidade que funcione à luz deste ideal devem, pois, distinguir-se pelo serviço e amor aos outros, com todas as suas atenções, sentimentos e idéias convergindo para uma única coisa: eles já não são *muitos*, mas apenas *um* no Senhor Jesus.

Sobornost é o mistério concedido por Deus aos homens como a solução evangélica para os profundos problemas espirituais com os quais se defrontam as famílias, as comunidades, tanto religiosas como leigas. Quem sabe não será, um dia, a solução para os problemas da comunidade das nações cristãs!

Repitamos, *Sobornost* não é palavra para ser usada levemente; é um grande mistério só compreensível e atingível através da oração.

Liturgia e *sobornost*

Na medida em que se processa a renovação da Igreja, há momentos em que me sinto confusa e, só depois de muito tempo e oração, consigo ver claro novamente. Sendo russa de nascimento e formação, trago a santa Igreja no mais profundo do meu ser, do meu pensamento e da minha fé: a Igreja é uma ênfase fabulosa na espiritualidade oriental russa. Assim sendo, ao pensar na renovação da Igreja,

pareceu-me estar faltando alguma coisa, algo que eu não podia entender, sobretudo na renovação litúrgica.

Alegrei-me imensamente e compreendi a introdução do vernáculo na liturgia; vi também muita beleza e sentido no altar colocado frente a frente com o povo. As guitarras, os violões e os cantos novos, com novos ritmos, aceitei-os tranqüilamente como parte integrante da renovação. Aceitei esta nova música com verdadeira alegria. A concelebração causou-me a mais profunda felicidade interior. Quanto à comunhão sob as duas espécies, não foi novidade para mim, uma vez que na Rússia e nos demais ritos orientais, esta maneira de comungar existe desde tempos imemoriais. Mas senti-me muito feliz ao ver que também a Igreja ocidental ia ter a felicidade de fazer esta experiência.

Mas, o tempo ia passando, e a constante seqüência de ensaios ou experiências destas novas práticas rituais começou a preocupar-me e a deixar-me confusa. Parecia-me que os resultados esperados não apareceriam. A impressão que me ficava é que não se estava formando uma "comunidade de amor", tanto por parte dos que ofereciam como dos que participavam do sacrifício e dos que recebiam o Senhor juntos.

Ouvi os comentários de teólogos eminentes e grandes liturgistas, para não mencionar os religiosos da linha de frente. Ovi grupos de vanguarda, destes que estão "por dentro" das últimas novidades e consultei também os que "estavam por fora". Fiquei cada vez mais confusa.

Todo mundo parecia pensar que as coisas acidentais é que eram fundamentais, confundindo essência com acidente, deixando transparecer, deste modo, que também eles estavam confusos. Às vezes viam-se pessoas que, depois de assistirem a estas missas "avançadas", deixavam a igreja sem falar uns com os outros, sem dar as boas-vindas ao estranho que chegava ao meio deles. Era como se, lá dentro, enquanto ouviam e participavam da missa, sentissem uma maravilhosa união uns com os outros para, depois, ao sair, se fecharem estranhamente no seu individualismo.

Levei muito tempo para descobrir o que eu estava enfrentando. Acontece que eu fui educada numa idéia muito simples que é parte de mim mesma e de minha fé: o cristão nunca está sozinho, simplesmente por ser cristão. Não importa que eu reze o terço sozinha ou com outros, que eu faça privadamente a *Via Sacra* ou me una a outros em orações vocais... Não importa que eu me feche na minha solidão total, que eu passe o tempo lendo a Palavra de Deus na capela ou em meu quarto! Em todas estas ocasiões, em todo este tempo, toda a comunidade cristã está comigo, está diante dos meus olhos.

Portanto, o problema era este: o ideal que precisa ser vivido com ou sem renovação é este *sobornost*, uma comunidade formando um todo indivisível ao qual você pertença e do qual nunca possa ser separado, precisamente porque você é misteriosamente *um com os outros* que fazem parte do mesmo todo, do mesmo *sobornost*.

Este conceito de unidade com os homens — estamos

todos atados uns nos outros com laços de amor — é uma parte existencial e "encarnada", por assim dizer, no Cristianismo oriental. O Ocidente desenvolveu, pelo contrário, um pronunciado individualismo, devido, talvez, a fatores históricos com os quais não estou familiarizada. Os americanos, sobretudo, parecem valorizar muito o seu senso de individualidade.

Alguns anos atrás, o conceito do Corpo Místico de Cristo tinha começado a dominar a maneira de pensar dos católicos; hoje, porém, a expressão "povo de Deus" é bem mais usada. Para uma mentalidade russa como a minha, a palavra "corpo" ainda leva mais conteúdo de significação e transmite mais idéia do que esta de "povo de Deus". Corpo e sobornost se coadunam melhor. O ideal contido nesta palavra encontra sua essência e sua própria razão de ser no santo Sacrifício da missa. Somente Cristo traz esta identificação e é nele e no seu amor por nós, que estamos todos unidos. Igualmente é daí que vem nosso amor por ele e pelo outro.

Portanto, na mente oriental e russa não tem muita importância se uma missa está sendo celebrada privadamente (ainda que não se celebre este tipo de missas na Igreja russa com muita freqüência) ou se é missa com ou sem música, com ou sem comunhão sob as duas espécies. Não são estas coisas que formam a comunidade de amor. Estes elementos são úteis mas secundários. Nós orientais acreditamos em nossa unidade, a vivemos e a sentimos em qualquer forma de oração que conheçamos. Em certo sentido, é inconcebível, para um russo, rezar sozinho porque qualquer que seja a forma assumida por sua oração,

ela torna presente em seu coração todo o Corpo de Cristo, todo o Povo de Deus. Ele simplesmente não pode rezar sozinho.

Como disse atrás, observei a renovação pós-conciliar com grande alegria e júbilo, acolhendo pressurosa tudo quanto já enumeramos, como instrumentos válidos para ajudar-nos a criar uma verdadeira comunidade de amor em toda a Igreja ocidental.

Mas acontece que o Ocidente parecia "por fora" desta idéia, e eu cheguei a temer, confesso candidamente, que a sagrada renovação do Vaticano II parasse em fatores secundários, em vez de mergulhar o cristão moderno no que há de mais profundo e central do amor de Deus.

A essência da missa é a consagração. Aqueles dentre nós que estiveram presentes naquelas missas secretas dos campos de concentração, missa cuja celebração podia custar a vida do celebrante e de todos os presentes, estes sabem o que estou querendo dizer.

Muitas vezes estas missas consistiam apenas na consagração do pão e do vinho, ambos roubados dos nazistas ou dos comunistas. Não havia cantos nem violões; nada mais, além do pão e do vinho, que pudesse perturbar a essência da missa ou distrair-nos dela. Os que presenciaram estas ações litúrgicas a tal ponto as viveram em si mesmos, que não conseguem mais esquecê-las. Havia lá a unidade com os cristãos do mundo inteiro, com toda a humanidade; era uma realidade vivencial ou vivida. Realmente, a comunidade de amor que se forma entre prisioneiros ou entre aqueles que são

perseguidos, desafia qualquer possibilidade de expressão.

Não me entendam mal; sou a favor de todos os meios, devidamente aprovados, que possam ajudar a levar os cristãos a compreenderem que a base da formação de uma comunidade de amor é a recepção de Cristo no santíssimo Sacrifício da Eucaristia. É deste dom essencial de Deus para nós — o dom de si mesmo no Sacrifício e no Sacramento — que surge a formação de uma tal comunidade. Tudo quanto nos leve a compreender isto é válido.

Temos que nos lembrar sempre de que, como cristãos, nunca estamos sozinhos diante de Deus porque somos parte integrante uns dos outros, atados, unidos e unificados pelos vínculos do amor.

O amor é uma Pessoa; o amor é Deus. As experiências que atualmente se sucedem no Ocidente são uma tentativa de levar este conceito de comunidade de amor aos cristãos, tirando-o da cabeça e passando-o ao coração. Peço a Deus que nunca confundamos a essência das coisas com seus aspectos secundários e acidentais.

Comunidade e mudança de coração

Hoje há uma preocupação generalizada pela coexistência pacífica. Em toda parte se buscam respostas que satisfaçam a esta exigência bem como às mais profundas necessidades do homem no campo da amizade e da paz. É o que se percebe em todos os países, entre povos de todas as raças e representantes de todos os credos.

As pessoas se ajuntam em grupos pequenos e grandes, formando comunas e comunidades de todos os tipos e tamanhos. Daqui a alguns meses, um ano ou dois, algumas destas comunidades se dissolverão. Muitos jovens se põem a caminho, em peregrinações extremamente longas, em busca de compreensão, comunicação em profundidade, em busca de uma resposta que lhes traga unidade e paz.

Toda essa busca será vã, a não ser que cada um de nós comece a trabalhar numa mudança pessoal do próprio coração. Isto é válido para todos quantos fazemos parte de uma comunidade maior, como família, paróquia, cidade, nação. Não haverá jamais comunidade alguma, baseada na paz, sem uma profunda transformação do coração. A pedra fundamental da comunidade é o amor que tudo abraça e aceita o outro com profunda humildade, seja ele preto, branco ou amarelo; doente ou cheio de saúde; bonito ou feio; moço ou velho.

Aceitar o outro como ele é, sem tentar "manobrá-lo" ou ajeitá-lo aos nossos moldes, é o começo que se requer para constituir-se uma família, aldeia ou nação. Sem esta base de um amor que desabrocha na aceitação total, não há paz possível, seja ela individual, nacional ou universal.

Como é que se consegue uma transformação do coração? Com nossos próprios recursos isto é impossível; mas a oração e só ela pode realizá-la. Sem dúvida, já é tempo de recorrermos a esta oração; é a única coisa que nos resta, uma vez que todos os outros meios falharam.

Pode-se dizer que a tecnologia nos traz um milhão

de mudanças por minuto, mas sem a mudança do coração não seremos capazes de utilizar as transformações operadas pela tecnologia; poderemos, isto sim, abusar delas com detrimento do bem comum; abusar delas para destruir-nos uns aos outros. E não é o que está acontecendo?

Então, rezemos ao Espírito Santo e façamo-lo agora, para que ele nos ajude a mudar nossos corações, porque desta mudança depende o futuro da humanidade.

Os fundamentos da comunidade cristã

Pelo modo como todos falam de comunidade, na hora presente, poder-se-ia pensar que o mundo inteiro está ansioso por unir-se, talvez unicamente para não estar sozinho. É que, às vezes, tem-se medo da solidão. A vida pode tornar-se uma ameaça e a solidão é, certamente, um dos grandes males do nosso tempo, como ficou dito atrás. É bom lembrar-se, no entanto, de que comunidades e comunas não se organizam num dia nem podem ser erigidas simplesmente por uma ordem ou diretriz emanada "de cima", de alguma autoridade qualquer. Tampouco se consegue formar uma comunidade simplesmente para "estar-se juntos" ou para sermos "menos solitários". Estas razões não são suficientes para aglutinar grupos humanos de maneira profunda.

A comunidade é uma realidade orgânica que deve ter seu princípio de vida no coração. Requer-se uma causa, uma razão profunda para que ela surja; uma razão maior que nós mesmos, mais vasta e mais

importante que o próprio bem comum. Geralmente esta razão é espiritual: somente o Espírito pode manter as pessoas unidas.

Comunidades não são coisa de hoje; elas podem ser encontradas em todos os períodos da história humana e em todos os países; existem hoje na Índia e em outras nações do extremo Oriente. Em todos os casos e lugares, o que as mantém unidas é o vínculo de profundas convicções espirituais e o culto prestado a alguém muito superior ao próprio "eu". As que, porventura, não tenham sido fundadas sobre tais bases sobrenaturais duraram um pouco e chegaram mesmo a florescer por algum tempo, mas logo desapareceram.

As comunidades que têm em Deus o seu vínculo de união são as únicas que permanecem e seus membros estão perfeitamente conscientes de que não se uniram por uma razão qualquer — voltar ao próprio país, por exemplo — mas sim para "encarnar" a lei do amor na sociedade.

Isto quer dizer que estas pessoas foram atraídas a uma vida de amor, mesmo antes de se agruparem e, conseqüentemente, a uma vida a serviço de Deus e da humanidade. Elas chegam preparadas para a disciplina, aquela disciplina pessoal que é absolutamente necessária a qualquer um que deseje viver em grupo com outros.

De fato, tais comunidades se compõem de "tolos", porque a sabedoria de Deus é tolice para os homens do mundo. Procuremos passar em revista, rapidamente, os pontos que mostram o que significa ser membro de uma comunidade cristã. Restringimos

nossas considerações a uma comunidade cristã, deixando, pois, de lado, organizações como cidades e até mesmo paróquias; falamos destas comunidades nas quais as pessoas entraram para darem uma dimensão vivencial ao amor de Deus e dos homens.

Antes de mais nada, os membros destas comunidades devem amar a Deus com uma totalidade absoluta, canalizando toda a sua vida para o Absoluto do Amor e empregando aí, ininterruptamente, todos os esforços da fé. Entrar, pois, numa comunidade deste tipo, significa tomar-se peregrino do Absoluto e um tal peregrino deve ser totalmente dedicado ao seu ideal.

O segundo requisito é amar o próximo como a si mesmo, sem se esquecer, portanto, de que, antes de se tornar membro dedicado de uma comunidade, você tem que amar a si mesmo, isto é, aceitar-se como você é e parar de "manipular" os outros. Neste requisito vai o esforço contínuo de conseguir pobreza e pureza de coração, abraçando os ideais de S. Francisco de Assis... procurando antes consolar que ser consolado...

É o que pretendemos dizer quando afirmamos que alguém deve amar a si mesmo; pelo menos em parte é isto; o que mais houver o Espírito Santo irá mostrando aos poucos. Quando se começa a amar a si mesmo desta forma, então se pode começar também a amar o próximo; muito mais, porém, do que as palavras da oração de S. Francisco, importa que vivamos as palavras do próprio Deus.

O distintivo dos cristãos é o amor ao próximo,

conforme a declaração de Cristo na última ceia, já citada várias vezes nestas páginas. Dizíamos também que é mister amar o próximo com o coração de Deus, o que se torna possível somente quando Deus toma posse de nosso próprio coração e o faz seu. Para chegarmos aí, sofreremos verdadeiras dores de parto, tentando pôr para fora do nosso coração tudo o que impede a entrada de Deus e tendendo para a identificação preconizada por S. Paulo: "Vivo sim, mas já não sou eu quem vive; é Cristo quem vive em mim".

Na medida em que este processo se vai desenvolvendo, a comunidade toma coesão, cimentada pelo amor. Só agora começa a crescer e ficar forte, porque cresce organicamente depois de ter reconhecido que seu crescimento depende da lei do amor de Deus.

Mas temos que ir ainda além. Cada um de nós deve amar também os que nos odeiam e é exatamente aqui que o amor, transformado em loucura da cruz, nos faz sua exigência mais difícil e dolorosa. Isto significa que todos devem amar todo e qualquer membro da sua comunidade que pareça ter-lhes ódio ou ser incômodo de alguma forma.

Como o esvaziamento acima mencionado — *kenosis* — também esta exigência vai exigir muita oração. É fácil concluir, portanto, que os membros de qualquer comunidade do tipo que nos ocupa, devem ser pessoas de muito espírito de oração; de oração profunda e constante, a única que pode garantir a "encarnação" da lei do amor de Deus em nossa vida.

Mais um passo: uma comunidade formada nestas

linhas, deve, definitivamente "entrar no Amor", unindo-se ao Absoluto que é Deus; entrar em Deus que é Amor. Este é um mergulho imprescindível, como diz S. João da Cruz: "Mergulho no fundo do abismo para apanhar minha presa". É, pois, necessária a disposição total e a decisão de preencher o mandamento do amor, porque "ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seu amigo".

Estas são as pessoas aptas para formarem uma comunidade cristã: as que estiverem, realmente, dispostas a este mergulho no Absoluto, prontas para a totalidade da entrega ao ideal de Cristo. Pessoas assim serão verdadeiros "ícones", imagens de Cristo na terra, refletindo sua face e tomando-o acessível a todos os que, não querendo mais saber de meras palavras, estão procurando a encarnação em outros homens.

Sim, uma comunidade cristã só pode se basear em Deus e na sua imensa, incrível e maravilhosa lei de amor, neste amor que é a eterna necessidade de todos os tempos. Nada mais serve.

Comunidade é amar uns aos outros

Convidaram-me, há pouco, para falar a um grupo de religiosas a respeito da "Formação de uma Comunidade de Amor". O que eu tinha a dizer sobre o assunto era muito simples e tocava o que eu considero a essência mesmo das coisas. É o que está resumido no capítulo 13 da primeira carta aos coríntios, aquele belo 'hino à caridade'.

Para a nossa comunidade de *Madonna House*, a

descrição que S. Paulo aí faz da caridade é a essência, a base, a pedra angular necessária para a formação de uma comunidade de amor, e nós sentimos que nada mais tem importância exceto entrar no âmago destas palavras e encarná-las em nossas vidas. Sabemos que já antes de S. Paulo as ter escrito, Cristo falara muito claramente sobre o amor em muitos lugares do Evangelho, sobretudo no discurso de despedida, na última ceia: "Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros como eu vos amei".

Quanto mais eu leio e medito esta passagem do Evangelho, mais ela me impressiona, chegando a admiração quase às raias do espanto. Deus parece pedir o impossível exigindo de nós seus discípulos e seguidores que nos amemos uns aos outros com *seu próprio coração*.

Entretanto, aí está o fundamento de tudo e a *resposta* para todas as perguntas, solução para todos os problemas de confusão e reboição mundial que mencionamos atrás. Por isto, antes de tudo e acima de tudo, façamo-nos a grande pergunta: estamos amando as pessoas na comunidade em que Deus nos colocou? Pode ser a família, um grupo de apostolado leigo, a comunidade religiosa, a paróquia, a cidade, a vizinhança do bairro etc... Já começamos a amar as pessoas com as quais vivemos? Um exame neste sentido é muito mais importante que todos os tipos de cursos que possamos fazer: dinâmica de grupos, relacionamento interpessoal, cursos de sensibilização e tantos outros...

É imprescindível começar com esta convicção de que, somente através do amor que Cristo pode dar-

nos, seremos notados como discípulos seus. O resto é palha ao leu do vento.

Como se aplica esta idéia diretamente às comunidades religiosas? Quer-me parecer que a essência de tudo quanto vimos dizendo, se não se perdeu de vista completamente, pelo menos foi se ofuscando ao longo do caminho, através de certas racionalizações. Vejo bem claramente que a estrutura das comunidades religiosas, sobretudo daquelas que se destinam à educação da juventude, põe uma grande ênfase e dá muita atenção às necessárias competências exigidas pelas instituições a que elas servem. As religiosas passam por um período de noviciado, juniorado e só depois são mandadas a completar sua formação acadêmica. Estes estudos tomam um tempo imenso e, muitas vezes, se prolongam por anos e anos.

Tenho a impressão de que esta situação deve colocar um fardo tremendamente pesado sobre cada irmã. Quartos individuais são necessários para o estudo, preparação e aprimoramento de ensaios e teses etc., o que pode levar facilmente a um tipo de existência "ilhada".

Eu sugeriria que não se mandasse ninguém sair para tais estudos, antes que tenham pelo menos as raízes desse amor comunitário solidamente plantadas no coração. Depois disto, sim, as jovens irmãs podem ser enviadas para estudar ou ensinar porque estarão aptas, por onde quer que passarem, a deixar a face de Cristo gravada em tudo o que fizerem, até em livros e quadros negros. Então não lhes será difícil formar comunidades de amor com seus alunos, colegas de aula e todas as pessoas.

Como saber se as raízes do amor já estão firmes? Quando se começa a perceber que as pessoas não se preocupam mais consigo mesmas e voltam suas atenções para todos os demais.

Quem não consegue a implantação deste amor no fundo de si mesmo, jamais será capaz de revelar a face de Cristo a ninguém. Podemos transmitir nossos conhecimentos acadêmicos, nossas competências, as mais variadas... mas o reino de Deus não terá o primeiro lugar em nossas vidas. Se tal não acontecer, como Cristo pediu, então também ele não nos comunicará qualquer outra coisa. Ficaremos de mãos vazias.

Não há dúvida alguma de que muitos religiosos hoje estão procurando inventar meios e maneiras de amar. Alguns acham que, indo ao coração das favelas, serão capazes de dar e receber amor. Outros estão fazendo pequenos grupos para viverem em apartamentos; outros, enfim, tornam-se apóstolos solitários nalguma missão ou situação especial. Há muitas técnicas em uso para conseguir-se esta comunidade de amor.

Seja como for, a carta do Apóstolo Paulo não pára de ressoar nos meus ouvidos. Eu faria dela uma paráfrase, nestes termos: "Se você for às profundezas das favelas e não tiver amor... Se você se fragmentar em comunidades menores, vivendo em apartamentos... Se você se juntar a grupos guerrilheiros na América do Sul, expondo-se à morte... Se você fizer tudo isto sem amor, será como bronze que reboia ou címbalos que tilintam".

Parece-me que o tema musical da minha canção,

onde quer que me chamem para falar a sacerdotes, freiras ou leigos, é sempre o mesmo: devemos amar-nos uns aos outros como Cristo nos amou, nesta ou naquela comunidade em que ele nos colocou. Devemos amar um ao outro com o próprio coração de Cristo, com a total entrega de nossa vida a Deus e ao outro. Formar uma comunidade de amor nestas linhas, significa aceitação da cruz para levá-la e ser crucificado nela. Somente depois disto poderemos viver no Cristo ressuscitado.

Onde quer que exista amor, o sofrimento está presente; algumas vezes pode ser uma dor terrível que nos parte pelo meio; mas Deus tem poder de reunir os pedaços e reconstruir-nos integralmente.

Estes são os pontos essenciais para a formação de uma comunidade; comecemos com eles para não falharmos. Humanos que somos, não conseguiremos nada disto com nossos meios; daí a necessidade imperiosa de nos pormos em contato com Deus; através dele, nele e por ele somente será realizado um tal milagre de amor. A oração, portanto, pertence também aos pontos essenciais: oração da Eucaristia e a prece constante do coração. Também a do silêncio!

Treinamento de amor

Não somente os cristãos, mas o mundo em geral e, sobretudo, o mundo jovem, estão todos procurando chegar mais perto de Deus de uma forma ou de outra. Há um grande número de cursos universitários sendo organizados para o ensino da Escritura, teologia e métodos catequéticos.

Não sei quantos padres, freiras e leigos me têm perguntado que espécie de programa, que tipo de curso ou que meio de treinamento eu considero mais necessário nos dias de hoje. Mas, principalmente, perguntam-me como eu "treino" a minha gente aqui no apostolado de *Madonna House*.

Por estranho que pareça, eu hesito em responder. Realmente, não me vem resposta fácil. Fui educada na tradição russa que sublinhava o relacionamento familiar bem humano e normal. Os "gurus" eram pais, ou mestres dos mais pequenos; pelo menos eram alguém encarregado deles.

Não sei se estas pessoas poderiam ser consideradas "carismáticas" ou não; o certo é que tinham a tradição do cristianismo funcionando em si: um grande amor pela Trindade, profundo conhecimento do papel reservado ao Espírito Santo na vida humana, uma compreensão vivencial das Escrituras e participação na "liturgia", o que, para os russos, quer dizer missa.

Portanto, o verdadeiro treino ou formação vinha sempre de alguém que vivia o que Deus pregou ou, pelo menos, se esforçava muito neste sentido. Este alguém era uma pessoa que entrava em "contato com Deus" através da oração e da ação.

Não é de admirar que Tomás Merton tenha ido ao oriente a fim de descobrir como um *guru* era capaz de chegar tão profundamente ao íntimo do seu discípulo. É difícil para os ocidentais compreenderem o relacionamento guru-discípulo. Ele existe na Rússia também porque este país é parte do Oriente e uma parte bem importante e, como tal, assimilou muita

coisa da sabedoria oriental. Este relacionamento trouxe também ao Ocidente uma ligação mais direta com os cristãos primitivos e com o próprio Cristo, porque o diálogo guru-discípulo foi o método usado também pelo Mestre em seus ensinamentos.

É fácil de se ver, pois, a razão de minha hesitação quando me perguntam a respeito de métodos de treinamento. Hesito muito mais ainda quando alguém me pergunta: "Como posso encontrar o Cristo?" Porque ainda não encontrei nenhum atalho para chegar a ele. Encontrei-o na humilde rotina diária da existência humana, na companhia de meu pai e de minha mãe, sobretudo de minha mãe que parecia relacionar com Deus a minha vida de garotinha, no seu dia-a-dia, com uma incrível simplicidade e facilidade. Assim começou minha tradição cristã: todas as coisas estão relacionadas com Deus e nós podemos encontrá-lo nelas.

Talvez é por esta razão de minha formação familiar, que eu acho tão difícil delinear ou resumir, de maneira lógica, uma resposta para os que me perguntam como deve ser um treinamento cristão. Sinto ímpetos para gritar: "Por que me pergunta? É tão simples e claro! O treinamento que devemos ministrar é o mesmo que Cristo deu aos apóstolos e que estes passaram avante aos cristãos primitivos. Foi este o treino e a formação que os capacitou a irem para as arenas do mundo pagão. Foi este treinamento que fez, do patrão e do escravo, um só coração na mesma casa".

Creio que os jovens de hoje entendem a minha hesitação, porque eles estão procurando a relação guru-discípulo. Sua busca de Deus está se

intensificando, deixando uma impressão de que estão mesmo com pressa de encontrar o Senhor.

É óbvio também que o Espírito Santo está nos formando na hora presente. Ele, como a verdadeira sede da sabedoria, ensina-nos, sem muitos "cursos", como alguém pode encontrar a Deus na missa, na palavra divina e no seguimento de Jesus, de Nazaré até o Calvário. Está tudo guardado nas dobras das asas da Pomba Vermelha, como os russos chamam o Espírito Divino.

Seriam estas as respostas que eu daria a perguntas sobre formação cristã e "treinamento".

A missão dos cristãos de hoje

A missão dos cristãos será, especialmente, estabelecer comunidades de amor e mostrar aos outros seu amor mútuo como membros destas comunidades. Desta forma poderão mostrar ao mundo a face do Deus Vivo, do Cristo ressuscitado. Deus virá morar nestas comunidades com tal vitalidade que, em vez de estar morto, ele poderá até ser tocado e visto em todos aqueles que se dizem seus seguidores.

Então, os Tomés da dúvida, aqueles que andam dizendo por aí que Cristo está morto e não ressuscitou, todos estes poderão vê-lo, enfiar o dedo nas suas chagas e contemplar o brilho da sua face!

A missão do cristão moderno está mudando; isto não quer dizer que abandonaremos obras corporais de misericórdia, porque sempre teremos os pobres conosco. Mas a ênfase, nos tempos modernos, deve

ir toda em demonstrar que Cristo está vivo, que o Espírito está conosco como nunca esteve antes, num Pentecostes contínuo. Onde está o Filho, aí está também o Pai. Isto só pode ser ilustrado pelo crescimento do amor no meio de nós. Este crescimento deve ser tão estupendo e vigoroso que todos os neopagãos e ateus de hoje possam dizer, se sintam compelidos a dizer, como outrora: "Vejam como estes cristãos se amam uns aos outros".

Aí está o testemunho que somos chamados a dar, hoje, nós o Povo de Deus. Só o daremos se pedirmos na oração um aumento de fé, de coragem e de amor. Esta é a hora de amor e de amar. Deus é amor. Temos que levá-lo às feiras e mercados. Agora!

CAPÍTULO IV: O AMOR

A revolução do amor

Todos os cristãos são chamados a se tornarem "ícones" ou imagens de Cristo para refleti-lo no mundo. Mas, na verdade, temos uma vocação ainda mais alta. *Ícone* é a palavra grega para imagem; na Igreja oriental são as imagens de Cristo. Além de "imagens de Deus", nós somos convidados a encarná-lo em nossas vidas, vestir com ele as nossas vidas, de modo que os homens possam vê-lo em nós, tocá-lo e reconhecê-lo em nós.

Quando não vivemos o Evangelho sem restrições ou não tentamos fazê-lo, somos meros esqueletos, e as pessoas não querem ter nada a ver com esqueletos. O Evangelho pode ser resumido como a fabulosamente terna, suave e compassiva lei do amor de Cristo. Mas o que ela tem de suave tem também de extraordinariamente explosiva e revolucionária.

Cristo chama cada um de nós que levamos na vida o nome que dele veio: cristãos; e ele não faz concessões no seu chamado: "Quem não está comigo, está contra mim". "Se alguém me ama, observa os meus mandamentos". Poderemos citar infinitas passagens do Evangelho que nos mostrem à mente e ao coração, com vigor e luminosidade, com que simplicidade e com que insistência ele nos convida a sermos como ele e a aceitar sua lei de amor sem restrições.

Seu chamado é revolucionário, não se pode negar.

Se nós cristãos o complementássemos com o atendimento de nossas vidas, o mundo se transformaria em poucos meses. O Evangelho é radical porque Cristo é, verdadeiramente, *radix*: a raiz da qual germinam e desabrocham todas as coisas. Seus mandamentos incluem um risco, um grande risco; implicam, necessariamente, uma inegável falta de segurança, esta segurança no plano das coisas materiais a que os homens se agarram sempre com unhas e dentes.

Na verdade, a segurança que a maioria das pessoas busca com ansiedade é mera ilusão. Hoje ela não existe para quem anda nas ruas de uma cidade moderna. Nos aviões ninguém tem certeza de permanecer nos ares até o fim da viagem. As guerras estão explodindo em, praticamente, todas as partes do mundo. Onde está, pois, esta segurança tão procurada e tão valorizada por todos? Deus não nos oferece esta segurança material; em vez dela, oferece-nos fé, uma fé que principia, de certo modo, onde termina a razão.

Deus nos oferece risco, perigo e uma estranha insegurança que acaba levando-nos à segurança total: aquela que começa quando decidimos amá-lo de todo o coração, com todas as forças da nossa mente e amar, ao mesmo tempo, o nosso próximo como a nós mesmos. Falo deste assunto com grande frequência e não temo estar exagerando porque, neste ponto, não há perigo de se falar demais nem o bastante. O amor de Deus deve ser carne e músculos que vistam nossas vidas; sem ele seremos meros esqueletos ressequidos e ambulantes; pereceremos todos.

Para este tipo de amor temos conosco o Espírito Santo, com cuja graça seremos capazes de amar nosso próximo ou, melhor, teremos coragem para enfrentar o *risco* de amar nosso próximo. É um tremendo risco, porque se espera de nós que amemos também os nossos inimigos. Uma vez dentro da Lei do Amor de Cristo, na órbita do seu Amor, ser-nos-á concedida a graça, o poder e o carisma de transformar inimigos em amigos muito queridos e muito "próximos". Amar o outro é, sem dúvida, um risco decisivo porque pode significar até o sacrifício da vida em benefício de meu irmão, se assim for necessário.

Tudo isto pode parecer idealismo abstrato, algo utópico, inatingível. Cristo não pensa assim e nos assegura que podemos consegui-lo através dos pequenos passos do nosso caminhar diário, quando vamos encontrando nosso irmão em cada esquina, em cada ação, em cada confronto, em cada conversa... E vamos aprendendo a aceitá-lo como ele é e acabamos por amá-lo terna, profunda e totalmente. Quando este "processo" começa, então nosso "envolvimento" com o outro vai se tornando cada vez mais profundo.

Quando o engajamento de amor com nossos irmãos cresce e se aprofunda em nós, entramos numa fase de revolução interior na qual só existe um tipo de violência: aquela que fazemos contra nós mesmos. Há muita coisa a vencer em nós, muita coisa a sobrepujar até podermos dizer com S. Paulo: "Eu vivo, sim, mas já não sou eu quem vive: é Cristo que vive em mim". Esta guerra interior desfecha uma revolução que começa em cada indivíduo e se

alastra, depois, por toda a comunidade humana. Esta revolução de Cristo traz consigo toda uma nova escala de valores.

Meus caros irmãos e irmãs em Cristo, suplico-lhes, antes que seja muito tarde, que se revistam do amor deste mesmo Cristo, para que não sejam esqueletos descarnados, perambulando por aí. Se nos vestirmos todos deste amor, seremos capazes de arrancar o mundo e a humanidade das terríveis e infernais profundezas em que se encontram afundados. E há tão pouco tempo!...

O Evangelho sem restrições

Será verdade que os cristãos estão se tornando um grupo cada vez menor, neste imenso mundo secularizado? Um grupo que nada mais consegue do que ser apenas tolerado? Depende do ponto de vista de quem fala. Talvez pensem assim os sociólogos, os teólogos e outros especialistas. Há, porém, os apóstolos leigos anônimos, trabalhando no calor do dia, nos campos do Espírito, sem mapas nem fronteiras... Estes, provavelmente, não se sentem inclinados a concordar com tais opiniões.

Todos os dias e a cada hora, nós nos defrontamos com pessoas cuja fome de Deus é tão forte, que estão dispostas a percorrer quaisquer distâncias e ir a qual quer parte do mundo para encontrá-lo.

Talvez me julguem exagerada e idealista se eu disser que nossos jovens rebeldes de hoje são uma espécie de peregrinos do Absoluto... Mas se o digo é porque estou em contato quase diário com esta juventude e, enquanto a escuto, percebo sua fome de coisas

espirituais, fome de um sentido para suas vidas. Não vemos apenas o vendaval da confusão em que estes jovens se encontram; vemos também o centro, a origem, o coração deste mesmo vendaval.

Escuto com atenção, dia após dia, a música moderna dos jovens de nossos dias e, ao ouvi-la, percebo claramente a voz do Salmista: "Das minhas profundezas clamo a vós, Senhor; escutai a voz da minha súplica!"

Quanto mais vivemos, mais clara e viva se nos torna a conclusão de que existe uma sensível e maciça procura de Deus tomando corpo no mundo de hoje e não é de qualquer Deus; é do Deus dos cristãos. Os homens estão procurando o carpinteiro de Nazaré, o pregador itinerante, o Homem-Deus que morreu, literalmente, de amor por nós.

O problema não está no fato de estarmos vivendo, ao que parece, numa situação de "diáspora", de igreja dispersa; o problema está em não percebermos, nós os cristãos, que o mundo está sempre faminto e procura, para saciar esta fome, *a realidade viva que é Cristo*.

As missas ao som de guitarras são interessantes, mas cedo caem na rotina. Mudanças são excitantes, mas o homem não pode viver só de mudanças; elas devem ser um caminho que conduza à essência, ao fundamental.

Mas o que é a essência? É um cristianismo de pessoas que se amam umas às outras, formando uma comunidade de amor. A humanidade hoje é um prolongamento do apóstolo da dúvida, o São Tomé que não estava presente quando Cristo apareceu

pela primeira vez, depois da ressurreição. O homem de hoje precisa tocar as feridas de Cristo para acreditar e converter-se; só assim, talvez, ele se voltará para o Senhor e virá até Deus aos milhares e milhões.

Ora, a única maneira de mostrarmos estas feridas de Cristo aos outros é *viver o Evangelho sem restrições*. Quer dizer, então, que isto envolve uma reviravolta total de nossas vidas? Ou total mudança de nossa escala de valores? Ou a completa demolição de toda a estrutura de vida construída sobre os critérios do conforto? Com toda a clareza e simplicidade: é isso mesmo!

Depois de termos agido assim, ostentando um Evangelho de vivência, então os que buscam a Deus, estes peregrinos do Absoluto, o verão em nós, o tocarão em nós e acreditarão.

Já é tempo de fazermos isto, revelando ao mundo a face do Cristo ressuscitado no qual todos nós e a criação inteira encontra sua razão de ser. Chega de tanto gemer nossas misérias, para começarmos a amar os outros, formando comunidades de amor a que todos possam acorrer; comunidades em que os homens vejam e apalpem as feridas de Cristo. Sim, nós que agüentamos o peso do dia e do calor nos trabalhos de Deus, nós, a linha de frente da guerra espiritual, sabemos muito bem que esta é a única resposta verdadeira para um mundo que procura tão desesperadamente um sentido para a sua vida.

Comprometidos com o Evangelho

Parece-nos chegada a hora de olharmos para Deus

frente a frente e dizer-lhe: "Sim, Senhor Deus, estamos contigo; a quem iremos, fora de ti?" ou então: "Não, Senhor Deus, tu tens palavras duras demais; não queremos mais seguir-te!"

Uma profunda tristeza me domina quando penso na tremenda hesitação ou indecisão dos cristãos: homens e mulheres sentados em cima do muro, com uma perna de cada lado, sem pular nem para a direita nem para a esquerda. Que há conosco? Esquecemo-nos de que somos seguidores de um Cristo crucificado? Não nos lembramos mais de que ele foi simplesmente o "filho do carpinteiro", um trabalhador no meio do seu povo, um pregador ambulante que riscou a Palestina, a pé, em todos os sentidos, anunciando a Boa Nova aos pobres? Não percebemos que, desde o primeiro momento em que ele começou a pregar, a sombra da morte começou também a segui-lo? Já não nos ocorre que segui-lo significa o maior risco que qualquer homem pode enfrentar e que, viver com ele, é o mesmo que viver ao lado do perigo?

Tem-se a impressão de que gastamos séculos e séculos no esforço de eliminar os riscos do Evangelho e os perigos do seu chamamento. Andamos inventando meios de pôr almofadas daqui e dali, criando um sem-número de regrinhas morais em favor da "segurança", quando, pelo contrário, os caminhos do evangelho são para os que renegam toda a segurança deste mundo. Estas regrinhas morais são um verdadeiro acalanto que faz adormecer nossa consciência, quando precisamos é de um toque de clarim que nos acorde para enfrentarmos o risco de ser cristão.

Cristo disse que, se não estivermos com ele, estaremos contra ele. Já avaliamos nosso cristianismo à luz desta afirmação? Estamos realmente *com ele*, prontos para deixar pai, mãe, irmãos e irmãs, para podermos ouvir e seguir suas exigências? Estamos preparados para planejar nossa vida de acordo com a lei do seu amor, aceitando esta lei com toda a sua fantástica dimensão de despojamento e entrega? Finalmente, estamos amando a nós mesmos e, mais ainda, os outros? Até quando, eu me pergunto, estaremos em cima do muro, com uma perna para cada lado?... Com Deus não se brinca!

Para a realização de um tal programa de vida que exige decisões tão radicais, é necessário muito espírito de oração. Só a prece alimenta e encoraja o cristão no seguimento incondicional de Cristo até o Calvário; só a coragem oriunda de uma oração vivencial libertará o homem pelas forças da ressurreição e ascensão deste mesmo Cristo.

Os cristãos devem fazer sua opção fundamental: ou estão com Cristo ou não estão. A pergunta feita por Jesus a seus discípulos, há dois mil anos, repete-se hoje com toda a sua carga de sentido: "Quem dizem os homens que eu sou?... E *vocês*, quem dizem vocês que eu sou?" Nesta ocasião, Pedro confessou a divindade do Mestre e optou por ele. Em outra ocasião, quando ele falava sobre a Eucaristia que iria instituir (Jo 6), muitos acharam que suas palavras eram inaceitáveis e o deixaram. Cristo voltou-se para seus amigos mais íntimos e perguntou: "Vocês também não querem ir embora?" Mais uma vez Pedro fez sua opção: "A quem iremos, Senhor? Vós

tendes palavras de vida eterna!"

É tempo de todos nós fazermos uma parada bem significativa, diante destas perguntas de Cristo, pondo termo a um cristianismo sem decisões fundamentais... Agora mais do que nunca, a humanidade precisa de verdadeiros seguidores de Cristo e não de homens e mulheres a cavalo em cima de um muro, sem saberem para que lado pender... A hora é de opções fundamentais. E Cristo está esperando!

O Amor é a resposta

Como ficou dito no princípio deste livro, há tempestades rijas que sacodem o mundo hodierno, tanto no plano nacional como no internacional e é tremendamente trágico constatar que o homem não consegue experimentar e sentir dentro de si aquela paz que constitui a herança principal que Cristo nos legou. Isto dizemos sobretudo com referência ao mundo ocidental cujos habitantes, em sua maioria, são batizados e, pelo Batismo, são membros do Corpo Místico do Cristo.

É impressionante constatar como o Evangelho é simples e, ao mesmo tempo, muito oportuno, contendo em si todas as respostas para nossos problemas. É a luz que brilha nas trevas. Como explicar, então, que nós cristãos recusamos sequer testar ou experimentar em nossas vidas a solução apresentada por ele? Por que, com tanta frequência, fazemos nossas restrições, eliminamos da mensagem de Cristo tudo o que é difícil e custoso, tirando toda a força de sua essência, como quem

mistura água ao vinho? Como é possível que alguém possa contentar-se com pálidos reflexos, quando tem, ante os olhos e ao alcance das mãos, o brilho autêntico em todo o seu vigor de doutrina e de amor?

Os homens já tentaram tudo o que sua inteligência e seu gênio podem inventar, na busca desesperada da felicidade; infelizmente, porém, se formos julgar a árvore pelos seus frutos, os resultados estão aí para ilustrar que pouco ou nada foi conseguido nesta linha: não estamos, certamente, deixando aos nossos filhos um mundo melhor em que eles possam viver felizes. O que lhes deixamos é uma terra caótica, calcinada por calores atômicos, poluída de poeiras nucleares e de tanta outra poeira; numa palavra, o que lhes deixamos é um mundo até pior do que aquele que recebemos de nossos antepassados.

Não seria tempo, então, uma vez que tudo vem falhando e fracassando, não seria tempo de tentarmos os meios e soluções propostos pelo Evangelho de Jesus Cristo, os caminhos do amor? Mas um Evangelho autêntico, integral, sem cortes nem adaptações, aplicado à vida individual e à vida das nações! O amor podia ser a ponte para unir cristãos e judeus porque, afinal de contas, os cristãos são todos "semitas espirituais" e o Antigo Testamento é predecessor do Novo Testamento em que o Amor do Pai se encarnou por nós em um filho de Abraão! O amor podia bem ser também a ponte de união entre católicos e protestantes, porque se todos acreditamos no mesmo Deus que é Amor, que coisa nos impede ainda de vivermos sob a mesma lei

do amor?

Por uma estranha razão, parece que não percebemos que somente o amor — que é Deus — poderá caminhar sobre as ondas revoltas do nosso tempo e serená-las para nós; somente o amor é resposta cabal para todas as perguntas. Mas é mister que seja um amor autêntico, que venha de dentro, que nasça na mente e no coração de cada ser humano. Somente assim ele poderá apresentar soluções definitivas.

A liderança neste amor deve vir dos que se professam seguidores de Cristo e do Deus de Abraão.

Você sabe que Deus o ama?

No meio de todos os problemas do mundo de hoje, o mais trágico é a constatação do seguinte fato: os homens não sabem que Deus os ama. Não o sabem de maneira profunda, consciente! Há os que acreditem nisto de forma um tanto nebulosa como numa estória que ouviram na infância. Quando pausam a fim de pensar no amor de Deus para com eles, vêem apenas um amor filosófico, abstrato, remoto.

Para muita gente, a fé cristã é apenas uma série de dogmas e ensinamentos para aprender e aceitar; uma longa lista de mandamentos e preceitos a serem observados de maneira negativa: não faça isto, não se pode praticar aquilo... É evidente que os cristãos devem admitir os dogmas da sua fé, observar e cumprir os preceitos que dela decorrem, mas, acima e além de tudo isto, é importante que

eles se dêem conta do essencial e fundamental desta mesma fé: ela é, em primeira e última instância, um relacionamento pessoal de amor entre Deus e o homem. É necessário que se perceba isto com uma alegria verdadeiramente triunfal e quase inexprimível.

Não se trata de um amor qualquer; é um amor que, em linguagem humana, se diria *apaixonado*. Deus amou o homem a tal ponto que o criou à sua imagem e semelhança; depois ele próprio se fez homem, morreu numa cruz e foi libertado da morte, pelo Pai, na Ressurreição, para subir novamente ao céu. Tudo isto foi realizado com o fito de devolver o homem a si mesmo, à sua dignidade perdida e àquele céu cuja entrada lhe foi barrada por sua própria culpa.

É claro que o cristão possui dogmas de fé para acreditar e respeitar, a fim de poder ser digno do seu nome; mas o cerne, a essência de todos estes dogmas é sempre o amor, porque Deus é amor e onde existe amor aí Deus está presente. Os dogmas e princípios doutrinários do cristianismo se transformam em letras mortas que mal merecem ser soletradas se esvaziadas do seu conteúdo de amor.

Os mandamentos também existem e são os mesmos que Deus transmitiu a Moisés no Sinai e foram, mais tarde, confirmados pelo próprio Cristo de maneira clara e insofismável, com vigor e suavidade. Mas é mister não se veja nestes mandamentos uma injunção meramente negativa e que não se lhes obedeça apenas por temor e compulsão. A explicação central dos dois Testamentos, do Antigo e do Novo, é também o amor; este amor que fulgura

no topo do Sinai como no cume do Calvário. Sempre o incomensurável amor de Deus pelos homens.

Condensados na sua expressão mais simples, os preceitos do cristianismo se resumem nisto: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos". Este resumo, esta condensação saiu dos lábios do próprio Jesus Cristo, quando alguém lhe perguntou qual era o primeiro e o maior de todos os mandamentos.

O maior mal que assola a humanidade consiste nisto: os homens não percebem ou não querem perceber que Deus os amou primeiro e que a única maneira de encontrarem a felicidade, nesta vida, consiste na aceitação deste amor e correspondência a ele em termos de vivência e dedicação pessoal. Já é tempo de os cristãos despertarem do sono tão prolongado em que jazem; tempo de atirarem para longe os temores que têm de Deus e, pior ainda, a indiferença em que se isolam dele. Só assim conheceremos a verdadeira paz e a alegria genuína. A resposta para todos os problemas nacionais e internacionais virá na mesma proporção em que soubermos amar.

"Este Tremendo Amante!"

Do que acabamos de dizer, se conclui que é muito estranho ver como os cristãos chegam a estar tão "por fora" do ponto central e fundamental de sua fé. Para muitos, Deus é o "feitor de escravos, de chicote na mão". O grande mandamento de amar a Deus com todo o coração e todas as forças da vida é, freqüentemente, substituído por todo um sistema de

pesos e medidas de justiça implacável. "Ande na linha, senão você acaba no inferno!"

O relacionamento de amor pessoal entre Deus e o homem parece nunca ter sequer tocado o coração de muitas pessoas que, entretanto, se consideram cristãs e religiosas; nunca chegaram a perceber que todo o sentido e plenitude da religião consiste nesta troca de amor de parte a parte e que a maravilhosa notícia que Cristo nos veio trazer com seu Evangelho (a Boa Nova) é exatamente esta: Deus amou-nos primeiro.

Esta falta de conscientização a respeito do amor de Deus e mais a conseqüente atitude de medo que caracteriza a religião de muitas pessoas, transforma suas vidas numa seqüência de angústias. Começa, então, a busca de remédios para os temores e para estas angústias. Buscam-nos em todas as partes, exceto onde eles se encontram: em Deus! Para quem ama, tudo converge em direção ao bem e à felicidade, como diz São Paulo; neste sentido, todos os mandamentos da lei de Deus, mesmo os que se apresentam em forma proibitiva, são mandamentos de amor. Cada um destes mandamentos conduz à verdadeira liberdade, paz e alegria, as três coisas que todo mundo procura tão ansiosamente.

É verdade mais que assente, na tradição da Igreja, que cada cristão é chamado a ser um fermento no mundo, fazendo crescer nos corações dos homens, esta convicção que vimos desenvolvendo a respeito do amor, subjacente em todos os mandamentos de Deus. Esta é a verdade gloriosa e alegre que nos compete revelar a todos. Todos e cada um dos batizados deveriam sair pelo mundo proclamando

esta única verdade: Deus amou-nos primeiro! Em troca, amemo-lo também! Obedecemos aos seus mandamentos, sigamos seus conselhos com tal fidelidade, que os corações humanos conhecerão, afinal, a paz do Senhor e compreenderão, mostrando-o também na prática de suas vidas, que o amor expulsa toda espécie de temores, liberta os homens e leva uma exultante alegria à mais infeliz de todas as existências.

Para compreender que o cristianismo é uma questão de amor entre Deus e os homens, todo o nosso esforço é pouco. A compreensão não deve ficar apenas no plano da mente, mas deve descer à prática e encarnar-se na vida, através de um amor apaixonado, digno daquele de que somos objeto. Então a paz virá.

Comecemos agora. Levantemo-hos e saiamos ao encontro deste "Tremendo Amante".

O Coração de Jesus Cristo

A liturgia renovada está deixando de lado muitas devoções particulares desta ou daquela região; entretanto, ela jamais conseguirá pôr um termo ou eliminar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, porque este Coração Divino é a essência mesma da liturgia, expressa em termos os mais simples e os mais humanos.

O Coração foi sempre o símbolo do amor para todos os homens, em todos os tempos. A liturgia nasceu do Amor, do Amor que é uma Pessoa, do Amor que é o próprio Deus. A liturgia está pois inseparavelmente ligada ao Coração de Jesus, como a linha dentro de

um tecido.

Um dia, vinte séculos atrás, um homem comum chamado João, recostou a cabeça sobre o peito de Jesus e ouviu as pulsações do seu coração. Quem poderá tentar adivinhar o que sentiu este homem ao ouvir as batidas deste grande Coração? Nenhum de nós poderá jamais imitar o seu gesto na vida real, mas todos podemos escutar as pulsações do Coração de Deus, se prestarmos a devida atenção. Nestas batidas ouviremos os cantos de amor que ele entoava para nós em toda a criação que nos rodeia.

Sim, se o amarmos poderemos aprender, de todas as coisas, de cada criatura, uma outra canção, resposta de amor que, no dizer do Salmista, os céus e o firmamento entoam em louvor de Deus. E esta canção não se apagará de nossa memória e de nossos corações. Há, pois, na liturgia da natureza uma harmonia maravilhosa que deveríamos parar a fim de escutar; há nela canções de fidelidade às leis do Criador que bem nos poderiam ensinar a transformar nossas vidas em verdadeiros hinos ao Deus de amor.

Se passarmos ao bulício, ao barulho das cidades modernas, sabendo ir além da sua capa externa tão irritante, veremos que também aí, por detrás ou através de gritos, buzinas e rugidos de motores, o progresso louva Deus a seu modo, com seu tipo de canção. As máquinas louvavam melhor o seu Senhor se os homens as usassem apenas como serventes e não como patrões.

Sua fidelidade a uma função eternamente repetida, sem variedade alguma, poderia ensinar-nos a

fidelidade ao Coração de Cristo nas pulsações do nosso dia-a-dia, no ritmo monótono das coisas pequenas, eternamente iguais, como pinos que batem sem sentido aparente, mas que entram no conjunto e concorrem para o resultado final da máquina do mundo, do plano soberano de Deus.

Tudo isto, ao lado da Eucaristia bem meditada e assimilada na vida, ao lado dos temas grandiosos dos Salmos e dos hinos, nas Horas Litúrgicas, chegaria aos ouvidos de nossas almas e de nossos corações como as grandes e maravilhosas pulsações do Coração de Deus. E perceberíamos, sem dúvida, que nelas Deus nos fala de amor com o coração nas mãos.

Entremos, pois, no grande silêncio de nossas próprias almas e, aí, na oração humilde e amorosa, mergulhemos nas riquezas insondáveis do Coração de Cristo. Ele nos falará de Deus como não conseguiriam fazê-lo os livros mais eruditos do saber humano. Depois de assimilarmos seus ensinamentos na inteligência, no coração e na vida, surgirá em nós um amor imenso, total e apaixonado. À luz e sob os influxos deste amor já não encontraremos dificuldade alguma em sermos os cristãos que o Evangelho espera e pede. Sairemos, então, pela vida sem ter necessidade de *dizer* muitas coisas; simplesmente andaremos de cabeça erguida, pregando o Evangelho com nossos gestos, palavras e ações de cada dia, refletindo em nossas faces o amor do nosso Deus.

O mundo precisa do Coração Sagrado de Jesus. O mundo precisa de corações de homens e mulheres que pulsem em uníssono com o Coração de Deus.

Sem amor, a terra está nas trevas da morte.
Levantemo-nos, pois, e vamos levar amor ao mundo
e o mundo a Deus.

O Amor é Alguém

Há um grande esforço entre os teólogos e psicólogos de hoje, tentando definir quem é Deus e o que é o amor. O erro começa na separação dos dois porque eles não podem ser separados. É exatamente porque os homens separaram Deus do amor que presenciamos a confusão das dúvidas e desesperos da hora presente com todas as suas situações caóticas. Isto aparece tanto na Igreja católica como também nas outras Igrejas cristãs.

Nunca, talvez, como agora, Deus e o amor foram tão comentados e analisados de cima dos nossos púlpitos. Entretanto, a verdadeira essência do amor parece escapar pelos vãos dos dedos de todos os nossos pregadores e também dos seus ouvintes. Talvez esta seja uma acusação forte demais. Nosso Senhor disse: "Conhecê-los-eis pelos seus frutos".

Ora, quais são os frutos que nos apresentam, em suas vidas, os freqüentadores de igreja que poderíamos chamar de "comuns"?... Oh, sim, é claro que existem "frutos ocultos" talvez até maravilhosos! Mas permanecem ocultos demais, sepultados Deus sabe onde... o que talvez seja bom que aconteça, se bem que Nosso Senhor disse também: "Vejam os homens suas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" e ainda: "Ninguém acende uma luz para colocá-la debaixo de um caixote, mas põe-na sobre um candelabro".

Há cristãos que vão à igreja, recebem o Corpo e o Sangue de Cristo mas se esquecem, muitas vezes, das palavras de São Paulo: "Quem come o pão ou bebe o cálice do Senhor de maneira indigna, será culpado de profanar o Corpo e o Sangue do Senhor. Examine-se, pois, cada um e deste modo coma o pão e beba o cálice. Porque todo aquele que come e bebe sem fazer distinção de tal Corpo, está comendo sua própria condenação" (I Cor 11,27-28).

Como chegar a entender o que é o amor ou quem é Deus se nós profanamos seu Corpo e seu Sangue uns nos outros? Enquanto não percebermos que Deus é amor e não um estado, um pensamento; que ele é uma Pessoa e não uma emoção; enquanto não percebermos isto, nunca chegaremos a entender nada sobre Deus ou sobre o amor. Seria até melhor parar de nos chamarmos cristãos — seguidores de Cristo que é Amor — do que escandalizar nossos irmãos com uma religião meramente externa e "labial".

Primeiro: amarás o Senhor teu Deus

Quando se examina boa parte da literatura religiosa corrente, tem-se a impressão de que uma idéia está tomando corpo e dominando os católicos e outros cristãos de hoje: é a noção de que devemos procurar Cristo nos nossos irmãos. Entretanto, nota-se também, nesta literatura e neste modo de falar, a convicção implícita de que o contato pessoal com Cristo nos sacramentos e em outros meios considerados "ultrapassados" já está obsoleto. Toda

a força da atenção do cristão de hoje, então, converge para a justiça, a ação social, o relacionamento interpessoal e o esforço combinado de todos para abolir a pobreza. Cada dia ressoa mais forte a afirmação de que a melhor maneira de se encontrar Jesus Cristo é através de um outro ser humano.

Aqui surge uma pergunta que me parece extremamente pertinente: Como posso eu encontrar o Cristo e reconhecê-lo no meu irmão se não o conheço pessoalmente? Parece-me óbvio que, antes, é necessário que eu dê uma boa olhada nos seus traços fisionômicos, num contato pessoal com ele, para, depois, poder reconhecê-lo nos outros.

Em outras palavras, estou me referindo ao "encontro pessoal" com Deus que, para mim é a essência mesma do "mysterium fidei", o mistério da fé. Cristo deu-nos dois mandamentos: amar a Deus e amar o próximo. Nesta ordem! Mas é evidente que preciso conhecer alguém para amá-lo. Para conhecê-lo preciso encontrá-lo. Só depois disso poderei sair e reconhecê-lo ou procurá-lo nos outros.

Pois bem, como chegar ao conhecimento de Deus para conseguir amá-lo e continuar amando-o nos outros, nos meus irmãos da mesma forma como o amo? Eu o conheço porque fui batizado na sua morte e ressurreição e porque ele me conheceu primeiro. Eu o reconheço ao partir do Pão. Eu o conheço no sacramento da Penitência (que os russos chamam "o beijo de Cristo") quando, no arrependimento, eu me ajoelho para confessar meus pecados. Eu o conheço pela ação do Espírito Santo que veio a mim com seu poder infinito, no Sacramento da Confirmação ou

Crisma e continua vivendo sempre comigo. Eu o conheço na oração, qualquer seja o seu tipo, mas, sobretudo, na oração do recolhimento e do silêncio. No silêncio do meu coração ele vem com o seu próprio silêncio infinito. Aí ele abre todas as minhas portas interiores, aquietta todos os rumores e inspira-me a dizer: "Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta".

Muito podemos aprender *a respeito de* Deus através do estudo, dos livros e outros instrumentos da mente humana; mas existe uma diferença muito grande entre saber algo *a respeito de* Deus e *conhecer* a Deus. Conhecem-no somente aqueles aos quais ele se revela, o que nos devolve, mais uma vez, à oração e aos sacramentos.

Eles são o ponto de encontro vital com Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito Santo. Neles é que aprendemos a *conhecer* a Deus e, por conseguinte, é deles que devemos partir a fim de reconhecê-lo nos outros, nos nossos irmãos, em toda a humanidade. Primeiro conhecer e, depois *reconhecer*.

Para mim tudo quanto dissemos é essência, fundamento e cerne. O resto é periférico, como falenas voando ao redor da chama. É o contrasenso de querer falar de Deus sem tê-lo dentro de si, de querer alguém salvar os outros sem antes procurar assegurar sua própria salvação; tentar resolver os problemas dos outros com um mundo de problemas dentro de si mesmo; encontrar Deus no próximo e reconhecê-lo sem tê-lo visto jamais num contato profundo e pessoal.

Quando o amor de Deus, íntimo e pessoal, não está

presente do nosso amor para com os homens como causa e fonte, então será melhor que nos chamemos humanitários, *filantrópicos*, em vez de cristãos. Não posso deixar de perguntar mais uma vez: Como é possível encontrar Cristo no outro se nunca vim a conhecer este Cristo pessoalmente? Para mim esta pergunta é fundamental. Eu dei a minha resposta. Se alguém tiver outra melhor, pode estar certo de que gostaria imensamente de ouvi-la!

O verdadeiro amor não é fácil

Apesar de tudo o que hoje se diz, se escreve e se canta sobre o amor em encontros, livros, filmes e conferências, este amor continua sendo um mistério para o homem moderno, especialmente para a juventude atual. Talvez isto aconteça porque estão tentando dissecá-lo como cobaia em laboratório ou analisá-lo e classificá-lo em gêneros e espécies como borboletas numa coleção. O amor escapa a quaisquer visualizações intelectuais pela simples razão de que ele não é uma coisa, não é um estado mental ou espiritual. O amor é uma Pessoa. O amor é Deus. Deus é Amor.

Pode oferecer alguma ajuda reler o que Jesus Cristo disse a respeito do amor; sobretudo se meditarmos suas palavras, fazendo-as nossas, tornando-as, a um tempo, o caminho e a meta de nossas vidas. Ele nos disse que devemos primeiro amar a Deus com todo o coração, com todas as forças do nosso ser e amar o próximo como a nós mesmos. Isto implica, evidentemente, que devemos aprender, antes de amar o próximo, a amar-nos bem a nós mesmos. Ele

disse também — já o citamos repetidas vezes — que os homens nos distinguirão dos demais como seus discípulos, se nos amarmos uns aos outros como ele próprio nos amou. Disse finalmente: "Amai os vossos inimigos".

Vale dizer, portanto, que Jesus definiu todas as maneiras de amar; não somente as definiu como também as viveu. Ele é o Amor encarnado e mostrou-nos, com sua vida, que "ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos". O amor não tem limites.

É, talvez, por isso que tanto se fala sobre amor e tantas experiências se fazem a seu respeito, sem nos esquecermos das muitas decepções que os homens têm com o que imaginam ser amor. Bem no fundo de nós mesmos sabemos que os caminhos do amor são os mesmos da cruz e do Calvário: o amor é custoso; ele dói porque exige o esvaziamento de nós mesmos. Sem o amor de Cristo por nós, ser-nos-ia impossível amar da maneira que ele pede.

O amor cristão é, por conseguinte, como dizíamos atrás, ceder o nosso coração a Cristo para que ele ame através de nós. Este processo vai exigir de cada cristão que ele deixe espaço dentro de si para que, aí, o Cristo possa crescer até atingir sua plenitude. Isto é o que significa aquele esvaziamento. Temos que nos esvaziar de nosso egoísmo, do desejo imoderado de sermos o centro de tudo e de ter tudo em nosso centro; de satisfazer todas as nossas necessidades. Isto significa voltar nossa atenção para as necessidades dos outros.

Para nós, os modernos, que tomamos comprimidos

para qualquer dorzinha e toneladas de tranqüilizantes para aliviar, no sono, qualquer ansiedade, tudo isto é sinônimo de muito sofrimento. Entretanto, quem tem coragem de levantar-se e caminhar por esta estrada de amor que Cristo delineia ao nosso olhar, experimentará uma alegria inenarrável.

Se os homens se decidissem por este caminho, encontrariam, bem depressa, a solução de todos os seus problemas e a caridade, cujo outro nome é amor, prevaleceria entre todos os cristãos e as dificuldades existentes no seio das ordens religiosas, do clero e das famílias seriam discutidas e aplainadas numa atmosfera de paz e alegria.

Parece que o mundo atual precisa de loucos! Loucos por Cristo! Loucos de amor para com Deus! Foi esta espécie de loucos que mudou a face da terra!

Amar ou ser amado — eis a questão

Por que será que existe tanta maneira errada de compreender o amor? Esta palavra sempre nos chega com conotações de romantismo e sentimentalismo barato, de lindas atrizes de beleza artificial e olhos acesos em brilho estelar, tudo isto flutuando em música bem adocicada tão a gosto do mau gosto do cinema e da TV!

Sem dúvida alguma, a palavra amor evoca logo o sentimento mútuo de marido e mulher, no casamento, uma vez que, como todo o amor verdadeiro, o amor conjugal tem sua origem e sua fonte no Amor-Pessoa, em Deus que é amor. A própria Bíblia consagra longas e lindas páginas à

descrição do amor, baseando-se no amor conjugal. No Cântico dos Cânticos, as Santas Escrituras nos descrevem o amor de Deus para com seu povo em termos do amor de um homem para com uma mulher.

Contudo, é bom lembrar que, no mundo atual, até o próprio amor conjugal está sendo tremendamente profanado por um sentimentalismo pegajoso e um realismo repelente que, por isso mesmo, se torna falso, irreal e trágico.

Se Deus é amor, como diz o apóstolo João, onde existe amor aí está Deus. Todas as verdadeiras vocações são vocações de amor, sejam elas para o casamento, para a vida religiosa, nos conventos, para o sacerdócio ou mesmo para a vida de solteiro no mundo.

A explicação fundamental das tragédias conjugais que fazem hoje, do casamento, a mais arriscada das aventuras, reside no fato de que os nubentes vão para o altar sem compreensão alguma ou quase nenhuma do sentido do amor. Considere-se, por exemplo, este pequeno incidente: Numa conferência sobre o matrimônio, em certa Universidade católica, o professor resolveu fazer um levantamento sobre as idéias dominantes, entre seus ouvintes, a respeito do assunto. Propôs, então, a pergunta: "Por que deseja você casar-se?" A resposta veio com uma maioria esmagadora: "Para ser amado ou amada". Era uma pesquisa informal, naturalmente, mas seu resultado assustou o conferencista. A verdadeira resposta deveria ter sido: "Para amar".

Realmente, se ambos os jovens nubentes entram

para o casamento com a mesma intenção de *ser amado*, quem vai conjugar este verbo na voz ativa? Quem vai *amar*? O problema é muito sério. Acho que seria aconselhável uma concentração de psiquiatras, médicos, psicólogos, teólogos e padres a fim de procurar determinar porque os jovens dos nossos dias entendem tão pouco sobre a vocação do amor que é a vocação de cada cristão.

Dizem os psicólogos que "receber sem dar é um sinal de imaturidade emocional". Isto é normal em crianças de um a quatro anos de idade. Muito antes de o mundo saber qualquer coisa sobre psiquiatria, já o Senhor dos Exércitos, Filho de Deus feito Homem, grande médico das almas, nos deu a todos uma vocação cristã. Ao fazê-lo, disse-nos simplesmente: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a alma e amarás o próximo como a ti mesmo".

Estas palavras que, na sua aparente simplicidade, têm uma profundidade infinita, são uma descrição exata e perfeita do amor. Não existe, na definição deste sentimento humano-divino, a conotação de melosas canções de amor. As palavras de Cristo mostram o amor como algo grandioso, belo e forte. O amor não pede para ser amado, como recompensa, mas simplesmente se dedica a servir, porque sabe que é reflexo direto daquele que, sendo o próprio Amor, veio a este mundo não para ser servido mas para servir.

A verdadeira felicidade começa quando as pessoas se esquecem da palavrinha "eu" e se lembram apenas destas outras: "ele", "ela", "eles". Os tempos estão maduros para ensinarmos isto aos jovens e,

assim fazendo, estaremos transmitindo a eles o sentido exato desta imensa palavra — amor.

Teologia do amor de si mesmo

Como dissemos, há pouco, vivemos dias fantásticos em que todos falam de amor e de encontrar o Cristo no outro, no amor do próximo. Procuramos estabelecer que é impossível encontrá-lo em quem quer que seja, se não o encontramos primeiro, no contato pessoal da fé, através da oração e dos sacramentos. O que, porém, me preocupa é aquela segunda parte da frase do mandamento: "Amarás o próximo como a ti mesmo". O leitor já percebeu minha preocupação neste sentido, em várias referências feitas a esta cláusula nas páginas anteriores.

Desculpem-me se pareço repetir-me, mas fico, realmente, impressionada ao ouvir todo mundo falando sobre a necessidade de sair ao encontro do outro, resolver os problemas do outro, amar nossos irmãos etc. — o que é tudo muito evangélico, sem dúvida — mas ninguém me fala sobre o amor que devemos ter a *nós mesmos*. Porque, afinal, o mandamento está aí, bem claro: "Amarás o Senhor teu Deus etc., e ao próximo como a ti mesmo". Em boa lógica, portanto, antes de amar meu próximo, Deus espera e manda mesmo que eu ame a mim mesmo!

Que significa este "amar a si mesmo"? Não é preciso fazer grandes pesquisas psico-sociológicas para chegarmos à conclusão de que bem poucas pessoas se aceitam alegremente e se amam da maneira

certa, de modo a estarem aptas para amar a Deus e ao próximo,

Não sei se deveria haver uma "Teologia do amor de si mesmo". Há muita razão para dúvida, uma vez que já existem tantas teologias! Então só nos resta deixar o problema para os psicólogos e psiquiatras. Entrementes, enquanto esperamos esclarecimentos, tornamo-nos cada vez mais ocupados e envolvidos nas favelas, nos nossos cursos superiores de religião, teses e doutorados e tudo, naturalmente, empreendido para habilitar-nos a amar e servir sempre melhor a nossos irmãos.

Mas, permitam-me a pergunta, não será possível que, em muitas de todas estas atividades, nós estejamos simplesmente fugindo de nós mesmos, procurando escapar à responsabilidade importantíssima de nos encontrarmos? Sim, repito, pode ser que estejamos fugindo da Trindade que mora dentro de nós e aí nos espera para ensinar-nos como devemos amar a nós mesmos — imagens suas que somos — para que, desta forma, nossos corações possam estar cada vez mais abertos para o amor de Deus e do próximo; para que possamos amar o outro de maneira divina.

Nós raramente paramos e fazemos silêncio dentro de nós mesmos a fim de ouvir as vozes de Deus dentro de nós. Temos medo de ficar a sós conosco mesmos; como se isto fosse possível! O homem nunca está sozinho: ele pode deixar a Deus de lado, em sua vida, mas Deus nunca o deixará de lado.

Sem amor, portanto, sem Deus?

Onde está o amor aí está Deus; mas será que Deus pode estar também onde não existe amor? Esta pergunta dá muito que pensar, porque existe muito pouco amor neste mundo quando começamos a olhá-lo de perto em vez de ficarmos ouvindo tudo o que se fala e se escreve sobre amor. O amor que é sinônimo da presença de Deus é muito mais que belas palavras ou lindos sentimentos.

O calor das atividades externas se torna cada vez mais intenso e os "demônios do meio-dia" andam soltos por aí, como leões, rugindo de todos os lados, ao redor de nós. A humanidade caminha entre contradições e paradoxos e parece tracionada em direções opostas, prestes a partir-se pelo meio.

Em todas as partes do mundo, a fome é uma realidade incompreensível no século da conquista da lua e do triunfo nuclear.

E ao ver e ouvir tantos pregadores e escritores falando e escrevendo coisas tão lindas, tão elevadas, tão eruditas, tão teológicas sobre o amor, eu me pergunto estupefacta: Por que, diante de tanta frase e pensamento bonito, as nações ricas não despejam seus milhões nas mãos destes sábios para a salvação dos famintos?

Onde está o amor, aí está Deus. Estará ele ausente, então, das nações que se matam umas às outras, fazendo guerras sem sentido que não levam a parte alguma, além da destruição de cidades e vidas humanas? "Cristo estará em agonia até o fim do mundo?" — escreveu Pascal. Sim, porque sua agonia continua na do seu Corpo Místico. Em cada lugar e

cada vez que não existe amor, Cristo está sendo rejeitado e morto em cima de milhares de cruzes, no topo de milhares de calvários, em todas as partes do mundo. E ninguém nota!

Em praticamente todas as grandes metrópoles do hemisfério ocidental, repete-se a parábola do mau rico e do pobre Lázaro: há nestas cidades milhares de pobres de mãos estendidas pedindo ao menos as migalhas que caem das mesas dos ricos. E não existe amor destes ricos para com estes pobres. Os cães hoje têm médicos, hospitais e até psiquiatras! E as migalhas não caem para os pobres ou, se caem, são tão poucas que não dão nem mesmo para que eles tenham a impressão de que são amados. Entretanto, as palavras de Cristo estão aí: "Nisto conhecerão os homens que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros como eu vos amei".

Mostrando as chagas do Amor

Nós já dissemos repetidas vezes nestas páginas que, através da confusão do mundo de hoje, o homem procura Cristo e, talvez, mais do que nunca. Procura a realidade de Cristo ou, em outras palavras, o *Cristo real* dos Evangelhos, a respeito do qual ele lê tantas e tão belas coisas mas não consegue encontrá-lo. Nesta procura ansiosa, os homens parecem perguntar, uns aos outros: "Como se encontra este Cristo? Onde está ele?" Será que Jesus é hoje tão difícil de se deixar ver e encontrar? Não, ele pode ser achado sim, mas unicamente no verdadeiro cristão. É aí que o encontramos.

Resposta simplória ou simplista? Talvez o seja, mas

é a única verdadeira e não creio que haja outra. A hora chegou! Hoje nós temos é que *mostrar* o Cristo! Passou definitivamente o tempo das palavras bonitas e eruditas. Mostrá-lo em nossas vidas.

Depois da sua Ressurreição, Jesus mostrou suas chagas aos discípulos: eram os sinais visíveis do seu amor por eles e por nós todos. Ninguém precisou dizer coisa alguma; bastou o gesto dele mostrando as mãos. Só houve uma exceção: a de S. Tome, o único que falou.

Hoje, da mesma forma, o que nos importa fazer é mostrar as feridas de Jesus Cristo aos homens. E eles vão acreditar. É o que nossos contemporâneos esperam de nós: que lhes mostremos as chagas do Redentor. Haverá sempre um ou outro que duvide e peça para as tocar a fim de se sentir mais seguro.

Mas temos que ir além. Cristo preparou uma refeição para seus amigos, na praia, quando lhes apareceu no lago. Nós, igualmente, temos que mostrar nosso amor aos nossos irmãos que procuram o Cristo, através de uma atitude concreta de *serviço*.

Pode ser, entretanto, que nem tudo isto — mostrar as Chagas, servir com amor — venha a ser suficiente. Aí, então, só resta abrir nossos corações, no gesto final das grandes dedicações, como aconteceu com Jesus depois de morto. Isto quer dizer aceitar nossos irmãos como eles são sem querer transformá-los em outros homens. Veremos que já é uma bênção e uma alegria o fato mesmo de virem a nós.

A humanidade não conhecerá seu Deus a não ser que nós, o seu próximo, seus irmãos, lhe mostremos

o tremendo amor que Cristo tem por ela. Os homens poderão agora repetir a palavra que saiu espontânea dos lábios das multidões pagãs, admiradas ante o amor dos cristãos: "Vede como eles se amam!" Isto só acontecerá se abrirmos as portas dos nossos corações, juntamente com as das nossas casas; se acolhermos o outro como ele é, junto de nós, ao nosso lado e se nos pusermos a seu serviço. Desta maneira estaremos lhe mostrando as feridas do nosso amor porque não existe amor sem sofrimento. Até a garota adolescente, nutrindo o seu primeiro amor, sofre ao pensar no namorado que empreendeu uma viagem longa em situações difíceis!

Se falamos em mostrar as feridas de Cristo, é oportuno perguntar o que isto quer dizer. Não se trata de trazermos em nós estigmas visíveis, mas simplesmente de abraçar o sofrimento diário da vida com um sorriso nos lábios: preparar, por exemplo, um jantar para alguém, depois de um dia de trabalho exaustivo. Como fazê-lo? A resposta já foi dada várias vezes e será dada ainda outras: pela oração. Só ela abre as portas do coração que, seguindo seus pendores naturais, não gosta de barulhos nem trabalhos penosos, para alguém que vem exatamente tirar nossa paz e quietude e trazer-nos ocupação.

Deus é quem fará isto dentro de nós. Para tanto, é preciso esvaziar o coração de tudo o que não é Deus e intronizá-lo aí. É o que faz a oração. E assim voltamos ao que já dizíamos antes: Deus amará nossos irmãos com o nosso coração, se for dono dele, e nós os amaremos com o coração de Deus, se nos identificarmos com Cristo na oração. Se isto

acontecer poderemos realizar até a façanha aparentemente impossível de "amar os inimigos", parte integrante do mandamento do amor.

À luz destas considerações, a vida assume sentido e dimensão nova. As palavras desaparecem, cedendo lugar à eloquência e à teologia das ações: um almoço bem feito e com carinho, um abraço de boas-vindas, algo que se empresta, uma ajudazinha na faxina... Tudo isso custa um pouco de sofrimento, e as pessoas beneficiadas, ao ver minhas ou nossas feridas transformadas em ações de amor, ao experimentar, em suas vidas, a totalidade e a alegria com que são aceitas, estarão, certamente, abertas e preparadas para receber a Boa Nova.

Cristãos de bacia e toalha nas mãos

Muitas vezes se pergunta, diante dos problemas da Igreja de hoje: "Que vamos fazer com o cristianismo?" A pergunta mais acertada, obviamente, seria esta: "Estamos todos sendo cristãos?" Para muitos esta pergunta pode parecer penosa, trágica para alguns e até superficial para outros. Há também os que não vêem nela sentido algum.

Ser cristão significa viver de tal forma, tão "fermentados" pela fé, tão comprometidos com Cristo, que reviremos e revolucionemos não somente nossa própria existência, mas também as outras ao nosso redor. É apresentar nossa vida para uma nova encarnação, atualização e complementação do evangelho, transformando-nos, assim, numa pregação viva. Aí está a revolução: espiritual,

intelectual e até política!

É verdade que se notam alguns sinais de um cristianismo que desperta. O movimento carismático, por exemplo, se alastra pelo mundo inteiro, abrindo os corações de muitos homens para a ação do Espírito.

As diversas Igrejas estão começando a se voltar mais para os pobres, os "inúteis" do mundo, as vítimas da injustiça humana. Embora seja verdade que estas Igrejas sempre estiveram ao lado dessa gente, constata-se, entretanto, uma notável mudança de clima: os cristãos, até pouco tempo, iam aos pobres como benfeitores; agora vão a eles como seus servidores.

Apesar disso, alguma coisa está faltando e sabem o que é? Uma vibrante e apaixonada totalidade de engajamento. Falta aquele grito, vindo das profundezas da alma, pedindo aumento de fé, desta fé que transcenda espaço e tempo. Falta aquela visão sobrenatural que veja cada um dos acontecimentos de nossa vida à luz dos ensinamentos de Cristo. Falta aquele discernimento que possa distinguir entre a segurança que vem de meios humanos e a outra, fruto da fé, herança de todos os cristãos.

É verdade que a oração está florescendo no mundo, Deus seja louvado! Mas, se tocamos a Deus com uma das mãos, temos que estender a outra imediatamente para tocar a humanidade, senão Deus se afasta, porque ele se encarnou exatamente para que nascesse em nossos corações a grande lei do amor de uns para com os outros.

Esta lei exige que nos tornemos cristãos de *bacia e toalha* nas mãos, como Cristo, lavando os pés do nosso próximo. Estaremos fazendo isto cada vez que vivemos o Evangelho nas ações. Esta é a única revolução que pode mudar a face da terra.

O dia já declina... Agora já sabemos o que significa ser cristão: é promover esta revolução! Quando vamos começar?

Fazendo cursos de amor

Existem hoje muitas palavras-chaves usadas pelos católicos nos seus encontros, artigos e conferências. Aí se fala de encontro de si, encontro com Cristo, relacionamento pessoal, engajamento, compromisso, dinâmica de grupo, libertação e "envolvimento". As palavras podem variar de língua para língua. Tem-se a impressão, uma vez que nada disso pode ser conseguido sem amor, de que as pessoas estão se matriculando em *cursos sobre o amor*.

Evidentemente isso é impossível porque, como estamos cansados de saber, o amor é uma Pessoa.

Eu posso estudar uma pessoa, mas este estudo não me leva a amá-la, porque amor não vem com idéias. Nós podemos fazer milhões de cursos *sobre Deus* que é Amor, mas isto não quer dizer que chegaremos a conhecer a Deus e o Amor porque ele não se revela a quem o busca apenas com a inteligência; ele se manifesta aos que o procuram na humildade e no respeito, de joelhos.

Sensibilidade, relacionamento pessoal, doação,

engajamento são filhos do amor e, como tais, não se aprendem em cursos; aprendem-se amando! Mas existe um Livro onde tudo isto pode ser aprendido, desde que seja lido de joelhos, rezando e meditando o assunto da leitura. Acho desnecessário dizer que livro é este.

Se todos se comprometerem ou assumirem compromisso com Cristo, terão sensibilidade uns para com os outros no relacionamento pessoal sem terem que gastar dinheiro de inscrições em cursos; dinheiro que, aliás, poderia ser dado aos pobres. *Se nós gritarmos o Evangelho com nossas ações e o vivermos até as últimas conseqüências, enquanto o pregamos, nossa realização pessoal e nossa plenitude será tanta que transbordaremos sobre o mundo.* Certamente, nos sentiremos "envolvidos" ou engajados com nosso próximo, qualquer ele seja, porque amar é servir e engajar-se.

É impressionante verificar como um ser humano pode se desviar tanto de uma finalidade ou meta que ele próprio se põe a procurar. É verdade mesmo, portanto, que a estrada que leva ao ponto que a maioria dos cristãos está buscando é muito estreita e íngreme. É um caminho que exige fé, acima de tudo; caminho alegre mas difícil; não permite pílulas tranqüilizantes nem euforizantes. Quem quiser trilhá-lo deve ter capacidade de olhar a realidade de frente, o que significa maturidade.

Talvez é pelo fato de não quisermos enfrentar esta realidade e fazer outras coisas tão simples, que nos enveredamos por outros caminhos que não conduzem a parte alguma e nos deixam girando na vida, numa espécie de carrossel sem música,

montados em cavalos de ilusões.

Paremos para notar os outros

O homem atual sente necessidade de ser reconhecido e notado; quer ser uma pessoa entre outras pessoas. Quer ser percebido, não por mera ostentação, não porque tenha ou não tenha dinheiro, mas simplesmente porque ele é um ser humano, uma pessoa.

Cada homem é um viajante à procura de outros que, como ele, tenham as mesmas necessidades. E a maior de todas as necessidades que ele experimenta é a de ser amado. Mas nós passamos uns pelos outros sem perceber ninguém, sem parar, sem deixar transparecer o mínimo sinal de reconhecimento. É isto que leva os homens de hoje cada vez mais perto do desespero e esta é a razão porque ele busca, com tamanha ansiedade, alguém que o possa amar.

Esta procura ansiosa é, no fundo, a procura de Deus. É difícil, porém, encontrar a Deus, a não ser que o vejamos refletido nos olhos dos outros homens. Creio que já é tempo de os cristãos pararem para perceber a presença uns dos outros, quando se encontram. Cada pessoa é um irmão ou irmã em Cristo e deve ser "reconhecida". Cada pessoa tem o direito sagrado de receber de nós um sinal de amor e de amizade, nem que seja apenas um sorriso ou leve aceno de cabeça. Às vezes pode ser necessária a total disponibilidade de uma pessoa para com outra a fim de saciar a fome que uma delas tem de Deus. Este amor, "reconhecimento" e atenção que se

dá aos outros devem vir acompanhados de profundo respeito e reverência, sem consideração alguma para com o "status" ou condição social da pessoa que se encontra.

Reverência, respeito, compreensão e hospitalidade do coração, são necessidades intensas e imediatas do homem de hoje. Isto exige que nós cristãos nos despertemos para esta realidade e comecemos a agir como seguidores de Cristo, encarnando a lei do amor, em profundidade nas ações da vida diária.

Sim, milhões de pessoas giram por aí cansadas, no corpo e na alma, à procura de alguém de *bacia e toalha* nas mãos; alguém que lhes dê um pouco de atenção, respeito e serviço; alguém que lhes lave os pés num gesto qualquer de hospitalidade e carinho; alguém que os reconheça como irmãos e que lhes diga de maneira prática: "eu te amo!"

A hospitalidade do coração

Corações realmente hospitaleiros são os que mais falta fazem nos dias atuais. Referimo-nos a algo mais profundo do que a hospitalidade de certos grupos *hippies*. Esta hospitalidade do coração implica a aceitação de todos os demais como eles são, permitindo-lhes que se sintam "em casa" no coração da gente. Sentir-se à vontade no coração de alguém significa apalpar o amor de um irmão ou de uma irmã em Cristo e chegar, desta maneira, à compreensão de que Deus nos ama. Porque é através do outro — do próximo — que podemos começar a entender o amor de Deus.

Isto é profundamente necessário, sobretudo nesta

estranha era tecnológica em que vivemos ou nesta solidão tecnológica que nos separou não somente do nosso próximo, mas até de nossos pais, mães e de todos os parentes. Sim, nossa era tecnológica gerou para o mundo uma tremenda solidão. A hospitalidade do coração é um princípio de solução deste problema. Temos que nos abrir para uma amizade que saiba partilhar, uma amizade radicada no próprio Coração de Cristo que nós chamamos nosso amigo! Uma amizade que abra os lábios no sorriso e na palavra acolhedora como se fossem as primeiras portas do coração. Façamos isto enquanto é tempo, antes que alguma outra façanha desta nova era glacial da tecnologia nos bloqueie com gelo todas as portas da alma e do coração.

Precisamos de cristãos violentos

Houve, durante algum tempo, muita conversa sobre a "não-violência". Muita coisa escrita também. O assunto estava nos lábios de estudantes, em quase todos os campus universitários, nas conferências dos eruditos, nas conversas dos operários e até das donas de casa. Sem dúvida alguma, os magníficos exemplos de Gandhi e de Martin Luther King — um hindu e um cristão — contribuíram muito para focalizar o interesse do mundo nesta nova maneira, profundamente espiritual, de trazer paz às nações que só transbordam ódio e violência.

Alguém escreveu recentemente que "o ódio é a força propulsora que faz o mundo girar". A frase é horrenda, mas, em todo o seu horror, talvez contenha muito de verdade. Então, diante de tanto

ódio real, tanta hostilidade, tantos ataques brutais, seqüestres, assassinatos e torturas, como pode alguém permanecer "não-violento"? Podemos ficar tranqüilamente em casa, numa passividade sem compromissos, quando, ao nosso redor, explodem atitudes e acontecimentos que põem em perigo a vida e a própria sanidade mental do mundo?

Apesar de tudo quanto pareça haver de razoável nestas perguntas, é verdade que cresce, cada dia, a fome pela paz e aumenta, igualmente, o número daqueles que escolhem os caminhos da "não-violência" como o único meio capaz de eliminar a própria violência. Talvez os homens estejam começando a entender que, quando nós paramos de nos abrasar nas chamas do amor, o mundo acaba morrendo de frio!

Em outras palavras, a verdadeira "não-violência" tem suas raízes no amor; não no amor emoção sentimental, mas naquele que já procuramos definir com o Evangelho: "Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida por seus amigos". A verdadeira não-violência deve ser motivada por um grande sonho e não há nada de ilusório nem açucarado nesta expressão; é o sonho-esperança, radicado na fé. Fé numa causa, fé numa Pessoa, fé em Deus. Sem esta fé não é possível haver a propalada não-violência.

Entretanto, por mais estranhas que minhas palavras possam parecer, esta não-violência, fundamentada no amor, na fé e na esperança, só poderá surgir e se manter através de uma outra violência. Haverá um momento, em todas as vidas, que nos colocará nas encruzilhadas da decisão. A opção poderá ser questão de vida ou morte. Escolher o caminho da

não-violência poderá significar uma prontidão resoluta para dar a vida, tanto pelas próprias crenças e convicções, como pelas convicções e crenças dos outros. Isto exige violência!

Eis aí a violência do Evangelho: violência contra si mesmo. "O Reino do céu está sujeito à violência e somente os violentos o arrebatam" (Mt 11,12). A verdadeira "oposição pacífica" deve começar com a violência feita a nós mesmos; esta é a que produz "puros de coração" de que nos fala Cristo, os que serão privilegiados com a visão de Deus. Estes violentos, segundo o Evangelho, é que serão também os mansos, destinados a receber a terra como herança. Violência interior é sinônimo de humildade, pobreza, mansidão, pureza de coração, domínio do egoísmo. Este é o grande sonho que o cristão só pode sonhar em Deus.

Eis o noviciado de preparação para uma ação pacífica contra a violência brutal do mundo de hoje. Tal preparação de purificação interior foi feita também por Gandhi e Luther King que, através de oração e jejum, adquiriram de Deus a graça e o carisma de uma ação pacífica tremendamente eficaz.

A violência exercida por nós e contra nós é a mãe da coragem, vinda do Espírito Santo, mãe do amor decidido que nos levará a enfrentar todas e quaisquer brutalidades do mundo, em defesa dos interesses de Deus e de nossos irmãos.

Amai-vos como eu vos amei

O mandamento do amor nos põe diante de toda a humanidade, sem restrições de espécie alguma.

Pergunta-se agora se temos que amar toda esta humanidade coletivamente ou individualmente. Ou deveriam os cristãos "dividir para vencer", isto é, constituírem-se em pequenos grupos de homens e mulheres? Sim, dizem os partidários desta alternativa, porque é bem mais fácil de se amar quando se está em pequenos grupos!

Este modo de falar indica uma deplorável confusão de palavras e do seu conteúdo. Quando falamos de grupos maiores ou menores, de amar melhor etc., estamos nos referindo a *amar* ou *gostar*?

É óbvio que Cristo não queria dizer: "Gostai uns dos outros como eu gostei de vós", porque ele nos mandou amar também nossos inimigos. Ora, é claro que não gostamos dos nossos inimigos! E como seu mandamento é universal, seu sentido é que devemos amar tanto as pessoas de que gostamos como as de que não gostamos, até mesmo as que desejam fazer-nos mal!

Gostar está ligado à nossa parte emotiva, sentimental, às nossas estruturas fisiológicas, enquanto que amar está ligado à razão, à nossa parte espiritual de inteligência e vontade. Por isso é que Deus é amor: porque ele é puro espírito e a Bíblia no-lo mostra amando os bons e os maus.

Se nós nos enredarmos nas malhas da emotividade, nas tramas do "gosto ou não gosto", para escolher as pessoas que vamos amar, correremos o risco de não amar ninguém além de nós mesmos e, mesmo assim, *de maneira errada!*

Se algumas pessoas se juntarem em pequenos grupos, porque gostam *naturalmente* umas das

outras, passarão a preencher unicamente as necessidades individuais do grupo. Não haverá necessidade de se voltarem para Deus, a grande, fundamental e única verdadeira necessidade de nossas vidas. Não haverá necessidade de união com ele.

Para salvar a nossa "totalidade", para conservar nossa saúde mental, todos nós devemos ter um amigo. Mas o que é amizade? Não é um sentimento exclusivista. Amizade são duas pessoas de mãos dadas, caminhando para Deus. Elas não devem fechar o círculo com os braços, alimentando-se com os sentimentos uma da outra, mas terão sempre uma das mãos livres para colher a mão de qualquer outra que as procure como amigas.

Até mesmo no casamento esta regra é válida. Marido e esposa serão felizes se forem também amigos um do outro. O seu círculo crescerá bem depressa e ambos terão que conservar uma das mãos livres, de cada lado, para segurar as mãos dos filhos. E assim por diante; a família irá crescendo de mãos dadas, mas sempre com duas pontas livres de cada lado: mãos disponíveis e estendidas para os parentes e vizinhos. É desta maneira que se forma uma comunidade. Para que isto aconteça, é imprescindível que saibamos superar as emoções e "gostos" pessoais. E o mundo há de tornar-se um lugar bem mais aprazível para se viver.

O papel específico do cristão

O paradoxo da verdade e de Deus continua sua marcha no mundo. Hoje, talvez mais do que em

qualquer época, os ensinamentos de Cristo estão penetrando os povos. Até mesmo "César", até os próprios governos, alguns deles ateus, estão se aproveitando do Evangelho em boa escala. Cristãos e não-cristãos se vêem iluminados pelos reflexos da doutrina de Cristo e essa luz guia a todos a uma percepção sempre crescente da dignidade do homem. Há um esforço conjunto no sentido de se conseguir uma melhor distribuição dos bens terrenos e sente-se também, cada vez mais intensa entre os homens, a fome da unidade. Por outro lado, escuta-se ainda o grito paradoxal que proclama a *morte de Deus!*

Nosso momento histórico é, pois, um ponto muito peculiar, no tempo e no espaço, em que se dão as mãos a rejeição de Deus e a aceitação dos seus ensinamentos. Ouve-se em toda parte, pelo mundo a fora, a palavra "amor", enquanto que Deus, a própria fonte do amor, Deus, o próprio Amor, é rejeitado, considerado morto e, por vezes, até mesmo sepultado simbolicamente em imagem!

Existiu outrora uma era de fé, quando ninguém questionava a existência de Deus e seus princípios contavam com o esforço comum para serem implantados na terra. Justiça social, igualdade dos homens, dignidade humana eram, por assim dizer, o ABC da cartilha universal. Havia uma supremacia da fé procurando transformar o mundo em que não se via nada de tudo isto que assinalamos acima ou, pelo menos, se via muito pouco e desligado da vida em geral.

No nosso tempo, tem-se a impressão de que o oposto está acontecendo. A fé está em declínio

enquanto a aplicação universal dos princípios de Cristo se torna cada vez mais evidente. Os governos tomaram sobre si a responsabilidade das obras de misericórdia corporais, frutos dos ensinamentos de Deus. Estas obras costumavam ser as primícias do amor nos tempos de fé; hoje elas são "plataformas" dos governos e seus programas de ação.

A educação está passando das mãos dos clérigos e leigos cristãos para as mãos de "César". Desta forma, nossos ideais econômicos e políticos, todos eles com raízes fundas nos ensinamentos de Cristo, se espalham por todo o mundo. Sim, o paradoxo da verdade e do Evangelho continua na história. Aceitamos a doutrina de um Homem-Deus e, entretanto, o crucificamos de novo. Ou melhor, não o crucificamos mais; simplesmente o declaramos morto!

Neste mundo assim complexo, qual o papel, qual a parte a ser desempenhada pelo povo de Deus; qual a função daqueles que se dão conta de que, pela força do Batismo, estão destinados a pregar o Evangelho com suas vidas? Nós, os apóstolos do Senhor, que vamos fazer no meio de tanta contradição?

Quer-me parecer que nossa função é mostrar que Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — está mais vivo do que nunca em nossos dias e que o Cristo ressuscitado vive em nosso meio, e nós vivemos nele. Para isto temos que, individualmente, entrar em contato com a primeira, a maior e eterna comunidade de amor que é a Santíssima Trindade e, depois de lhe dar a mão, estenderemos a outra aos nossos irmãos e formaremos o grande círculo da

comunidade do amor cristão aqui embaixo, partindo da Trindade, naquela linha que indicamos antes, ao falarmos deste assunto. Desta forma passaremos a mostrar uns aos outros a face de Deus.

Amor, essência de tudo

E passaremos também a viver o amor em nossas vidas como o fez Jesus Cristo até a morte de cruz. E, para renovar em nossas mentes qual é a essência deste amor, ouçamos, como término deste capítulo, o grande pequeno tratado do amor, escrito pelo Apóstolo:

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou apenas um bronze que soa e um címbalo que tange. E ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda ciência, ainda que possua a plenitude da fé, a ponto de transportar montes, se não tiver a caridade, nada sou. E ainda que distribua aos pobres todos os meus haveres e entregue meu corpo para ser queimado, se não tiver a caridade, tudo isso de nada me serve.

A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não se vangloria, não se infla de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não leva em conta as injustiças sofridas, não se alegra com a injustiça, mas congratula-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade não passa jamais. Quanto às profecias, terão fim; quanto ao dom das línguas, cessará; quanto à ciência, desaparecerá. Pois o nosso

conhecimento é imperfeito e imperfeita também a nossa profecia. Mas, quando vier o que é perfeito, desaparecerá o imperfeito. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança; mas, quando me fiz homem, deixei o que era próprio de criança. No presente, nós vemos por meio de um espelho, de maneira confusa; então veremos face a face. No presente, conheço de maneira imperfeita; então conhecerei perfeitamente, como sou conhecido.

Agora estas três coisas são constantes: a fé, a esperança, a caridade; mas a maior delas é a caridade" (I Cor 13).

Aí está tudo o que importa compreender e praticar a fim de entendermos qual seja nossa função e como a realizaremos. Vamos deixar de "ser crianças". Vamos começar a suportar muitas das coisas que não podemos evitar nesta civilização sempre em mudança. E continuemos também a esperar, porque o amor nunca falha. Então poderemos chamar-nos cristãos e passaremos a celebrar o mistério Pascal e Eucarístico, grande e maravilhoso fruto do amor — o maior deles — e essência da nossa fé.

CAPÍTULO V: POBREZA

O mais pobre entre os pobres

Quase me assusta a idéia de escrever algo mais sobre a pobreza. Ela é discutida nas páginas do *New York Times*, do *Christian Science Monitor*, até em revistas elegantes e também em algumas pouco elegantes. A própria revista *Fortune* já teve alguma coisa a dizer sobre pobreza, assunto totalmente oposto às suas orientações e ao seu conteúdo.

No momento, não me interessa saber ou falar sobre o que dizem e pensam os jornais e revistas a respeito da pobreza mundial. Estou interessada apenas na pobreza que enriquece os homens; na pobreza que liberta os homens. Estou preocupada com a pobreza que, se fosse bem entrosada com o verdadeiro amor, poderia mudar a situação humana de pobreza material em condições normais de vida. As guerras cessariam. Seria o fim da poluição em todas as suas frentes. Refiro-me à pobreza evangélica.

Apesar do susto que experimento em ter de abordar tal assunto, não posso deixar de fazê-lo, porque o trago na alma como um fogo que me queima por dentro. Eu acho que o tema da pobreza evangélica é ainda, muitas vezes, discutido em nível bastante superficial. Como cristãos, ainda não aprofundamos suficientemente o sentido desta pobreza.

O Evangelho exige de seus seguidores o que nenhum mandatário político jamais poderia impor a seus subalternos. Num âmbito mundial, somente uma

economia baseada mais na privação das coisas do que nos lucros, poderá ter esperança de sucesso. Isto requer *sacrifícios e renúncias*. *O princípio fundamental consiste em preservar a própria independência, com respeito à posse de bens materiais.*

Eu sei que coisa significa ser pobre, destituído de tudo, passando frio e fome, na solidão. Passei 36 anos de minha vida em favelas rurais e urbanas, tanto no Canadá como nos Estados Unidos, no famoso bairro negro de Harlem, Nova Iorque. Não me julguei, porém, com o direito de ir aos pobres, de ir procurar o Cristo nas mansardas e becos sujos, *antes de tê-lo encontrado na manjedoura do meu próprio coração*³.

Cristo procura a si mesmo em cada coração. Será que ele se encontra no meu? Por que deveria eu sair em busca das favelas? Devo estar certo de que esta será uma jornada totalmente inútil; de que não o encontrarei lá se ele já não estiver dentro de mim. Além disso, de nada serve, nem para mim, nem para os pobres, que eu vá até eles com um coração vazio. Mesmo que me ajoelhe diante deles, o meu gesto será uma mentira. Pouco adianta adorar o Cristo no coração dos pobres, se ele não vive no meu; será uma adoração meramente estéril e simbólica.

Existe, hoje, no catolicismo uma espécie de "marcha para os pobres". Eles estiveram conosco o tempo todo, há milhares de anos, mas parece que só agora estão sendo "redescobertos", como terra desconhecida, à qual todos querem ir para fazer

³ Ver *Apresento-Ihes a Baronesa*, P. Héber Salvador de Lima, S J. Edições Paulinas 3ª edição, pg. 179.

alguma coisa. Mas ninguém parece querer começar no princípio, isto é, em si mesmo. *Nós é que somos uma terra desconhecida; é preciso desbravá-la e cultivá-la, antes de irmos aos outros.* Eu tenho que me considerar o mais pobre entre os pobres se me falta a riqueza essencial que é Deus. Como, pois, levantar-me para ir aos outros se me encontro destituído, internamente, dos bens espirituais da graça?

Parece que não entendemos a essência do Vaticano II e o fogo pentecostal não abrasou o mais íntimo de nossas mentes, com seu poder purificador e, sobretudo, com seu dom das línguas! Porque não aprendemos ainda uma língua que nos torne inteligíveis a nós mesmos!

A crise moderna não está propriamente nos pobres, se bem que eles sejam parte dela; *a crise de hoje é o próprio homem!* Este êxodo, esta fuga de si mesmo, em busca de uma atividade cada vez mais febril é, muitas vezes, um subterfúgio para não nos encontrarmos a nós mesmos. Viver em bairros pobres ou favelas, oferecendo nossas muitas energias e capacidades aos pobres, não é a resposta para a crise, pelo menos não é a primeira resposta. Outros também fizeram e estão fazendo o mesmo e alguns até melhor do que nós: comunistas e grupos humanitários de todos os tipos e cores também estão indo aos pobres, levando-lhes, às vezes, muito mais do que nós conseguimos, na linha de auxílio externo.

Convençamo-nos, portanto, de que os primeiros pobres aos quais devemos ir somos nós mesmos, os *mais pobres entre todos eles.* Depois disso,

lembremo-nos do que já ficou dito atrás: temos que amar a nós mesmos como condição de podermos amar o próximo.

A crise de hoje é também uma crise de fé; não é a liturgia, nem a justiça social nem os pobres. É falta de fé. Sem fé não podemos amar a nós mesmos, porque não percebemos a imagem de Deus dentro de nós. A nossa manjedoura está vazia: Cristo ainda não nasceu aí! E como já dissemos, se não o vemos em nós, muito menos o veremos nos outros.

Ele, Cristo, é o pão mais importante que devemos levar aos pobres, antes de dar-lhes o pão material ou o pão espiritual da justiça e de sua dignidade humana restaurada, o que, aliás, de modo algum poderá ser feito sem Deus. Talvez muitos de nós estejamos com medo e com vergonha de encarar nossa própria pobreza interior, nossa crise de fé; "saímos, então, à procura dos pobres e, com a "nina-nana" emocional de doação aos pobres, engajamento, compromisso com os pobres, vamos aprofundando cada vez mais a sonolência da nossa fé⁴.

A pobreza do coração

Curioso, quando pensamos em pobreza, o quadro que logo se delineia aos olhos de nossa imaginação é o de crianças emaciadas, de ventres inchados, nuas e desabrigadas. Sim, é claro que isto é pobreza, mas

⁴ Convém lembrar aqui a obra social de Catarina, em Combermere. É uma obra toda voltada para os pobres, mas nenhum dos seus membros, homem ou mulher, é mandado às atividades do apostolado social, antes de uma longa e profunda formação espiritual, com os votos de pobreza, castidade, obediência e maravilhosa prática de oração e de jejum. (Nota do Tradutor)

é apenas o rosto dela, apenas um dos seus aspectos. Nunca perceberemos, realmente, o que é a verdadeira pobreza, enquanto não cessarmos de ser avarentos, glutões com respeito a nós mesmos, centrados sobre nós mesmos.

Pobreza é a face de Cristo que, sendo Deus se fez homem e isto nas condições mais humildes e cheias de privações que se possam imaginar, aniquilando-se a si mesmo, na expressão do Apóstolo. Tornar-se igual a nós em tudo, exceto no pecado, foi a maior expressão de pobreza possível, em toda a história humana, passada, presente e futura.

Francisco de Assis apaixonou-se pela "Senhora Pobreza", que, para ele, com toda a pujança de sua imaginação italiana, era uma bela dama. Esta expressão nos ajuda a compreender um pouco o mistério da pobreza de Cristo: ele a desposou! Muito antes de Francisco, o Filho do Homem fez dela a sua Dama, definindo-nos a pobreza como amor de entrega total.

Mas, para nós, a realidade da pobreza tem outras dimensões porque inclui, também, o abandono de todas as racionalizações, coisa comuníssima na vida cristã. Há quem diga, por exemplo, que se a pessoa se entrega totalmente ao outro, ao próximo, deixa de ser ela mesma ou perde sua personalidade! Se assim fosse, que diríamos de Cristo? Na verdade, a expressão do nosso amor por Cristo e pelo próximo é uma forma perfeita de pobreza, porque supõe o despojamento total de nós mesmos.

Alhures neste livro já mencionamos a tendência que temos de querer "manipular" os outros, no sentido

de tratá-los de tal modo, que os levamos a tratar-nos como *nós* queremos ser tratados. Usamos máscaras o tempo todo! Temos horror de qualquer forma de rejeição. Entretanto, os verdadeiros pobres, os pobres da vida real, não têm medo de serem rejeitados, porque a rejeição é sua condição normal de vida.

A rejeição foi parte integrante da vida de Cristo; foi ela que o levou à morte, na cruz. Ele é nosso modelo. Em nossa vida, tudo vai depender de vermos, na pobreza, a aceitação de toda e qualquer rejeição, motivada pelo amor a Deus, pela fé e pela esperança. Mas não é só isto. Pobreza é aceitação da rejeição com alegria e exultação! Aí tudo se torna mais difícil, mas também mais profundo e mais belo.

É a pobreza do coração que nunca tem tempo de pensar em si mesmo, porque anda sempre ocupado em pensar no próximo. As pessoas pobres têm corações transbordantes, sempre prontas para derramar-se sobre os outros, compartilhando, participando. Pobreza torna-se, então, aquela hospitalidade do coração, já mencionada. Não é coisa fácil e, às vezes, podemos até sentir a impressão de estarmos sendo rasgados por dentro.

A pobreza é um mendigo. Quem pede, oferece ao rico uma oportunidade ótima de partilhar sua vida com os pobres. A pobreza não pede apenas para si, mas para todo mundo.

Além do nome de Batismo, por assim dizer, a pobreza tem nome de família ou um segundo nome: "entrega", entrega total a Deus. Quando entregamos tudo, não temos mais nada: aí é que somos pobres.

Cada vez que tento falar sobre isto, parece-me ver um homem de mãos laceradas, com um prego no centro, de pé, nalguma esquina de rua, estendendo a mão furada, pedindo meu coração por esmola. Eu vejo o Mendigo e, lá dentro de mim mesma, sei muito bem que meu coração me pertence e quero que as coisas continuem assim! Oh, sim, estou disposta a dar-lhe parte dele, mas todo ele, inteirinho, isso é que não! Há uma parte qualquer, em nosso ser, que gosta de possuir e de guardar; mal sabemos como defini-la. Parece impossível dar o golpe na raiz dessa "coisa" — com o machado da fé — e cortá-la para oferecê-la a Deus. E é exatamente nisto que consiste a pobreza: ser capaz de cortar, oferecer e nunca mais pedir de volta.

Anawim de Deus

Há uma palavra hebraica que está começando a ser conhecida e amada pelos católicos, nos círculos mais cultos, e em quase todos os círculos que apreciam seu conteúdo sem a conhecerem. Esta palavra é *anawim*. Palavra curta, sonora, de som apaziguante, talvez por suas conotações bíblicas. Onde e quando terá nascido? Surgiu, quem sabe, da misteriosa semântica da dor e do sofrimento dos filhos de Deus, no exílio do Egito, no deserto e na longa espera da libertação pelo Messias. Mas se foi aí que se tornou conhecida e usada, talvez já existisse muito antes de tudo isso, criada pelo próprio Pai na eternidade. A palavra aparece primeiro no Antigo Testamento, mas se desenvolve e atinge maturidade no Novo, com Jesus Cristo.

Anawim são os pobres dos quais o Senhor fala constantemente no Antigo Testamento, através dos seus santos e profetas. São os pobres aos quais Cristo se refere luminosamente nas benaventuranças. São todos os que foram mantidos prisioneiros, por longos anos, porque a palavra de Deus não os atingiu em toda a sua plenitude.

Anawim são os verdadeiros pobres que sabem perfeitamente que o são, por conhecerem tanto sua condição de criaturas como sua total dependência de Deus. Estes percebem intuitivamente, quando não intelectualmente, que tudo está em Cristo e nada existe fora dele.

Anawim são os pobres que também são santos e sábios. Neste sentido, a palavra encerra um ideal para todos nós que tanto nos apoiamos em nós mesmos e em nossos recursos terrenos; nós que definimos nossa dimensão humana pelo que podemos produzir, pelo "status" ou condição social que conseguimos montar ao nosso redor. O que, realmente, estamos fazendo é reduzir-nos à condição de coisas que podem ser pesadas e medidas e, depois de tão humilhante degradação, nós, os criadores de hoje, julgamo-nos os únicos responsáveis pelo progresso tecnológico do nosso tempo! Como o mundo de hoje precisa tornar-se *anawim*, o pobre que se "apoia" em Deus, como diz a Bíblia.

Quem de nós percebe, até as últimas conseqüências, que tudo quanto existe, quanto temos e quanto somos vem de Deus? Não se trata de mero conhecimento ideológico, mas deste que desce às raízes da vida!

Quem de nós exulta na sua pobreza, reconhecendo-a como verdadeira riqueza, porque nos dá a única oportunidade de conhecermos Deus, "aquele que é"? A pobreza nos leva a apoiar-nos neste Deus e é por isso que só ela poderá salvar o mundo, porque somente o pobre conhece profundamente a Deus e ele somente salva os pobres de coração.

A pobreza, portanto, levando o mundo ao conhecimento de Deus, trará a paz e a tranqüilidade de volta ao meio dos homens. Deus poderá, então, trabalhar no universo através de nós, sem que sejamos mais tentados pelo "eterna maçã". Já não desejaremos ser como deuses, porque o Espírito Santo, através da pobreza, nos revelará que temos todos um Deus muito amável, um Deus que nos remiu, no qual nós vivemos com Cristo ressuscitado. Saberemos que, além de vivermos nele, e de nele termos todas as raízes do nosso ser, ele também vive em nós: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Quando tudo isso se realizar, veremos o esplendor total dos *anawim*, dos pobres repletos de Deus, do Deus da criação, do Deus de amor, do Cristo ressuscitado. E, em troca, os pobres, *anawim*, haverão de restaurar o sentido maravilhoso desta palavra bíblica e entregarão o mundo, também restaurado pela pobreza, de volta ao seu eterno Criador!

Apoiar-se em Deus

Muito desta tendência, que hoje se nota no mundo, de se falar sobre a pobreza, parece ser uma das manifestações desta fome do homem por Deus e

pelo Absoluto que já mencionamos antes. Ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que os homens estão se fazendo agora uma pergunta que já deveriam ter feito há muito tempo: "Por que existe, neste mundo moderno, com todo o seu desenvolvimento tecnológico, por que existe este tremendo abismo separando nações desenvolvidas de outras subdesenvolvidas? Por que, nas próprias nações desenvolvidas, se vê este outro abismo entre ricos e pobres?"

Todas as discussões a respeito da pobreza parecem centradas sobre dois pontos essenciais: primeiro uma pesquisa a respeito de qual seja a essência das bem-aventuranças, sobretudo daquela que diz: "Bem-aventurados os que têm espírito de pobre, porque o Reino dos céus pertence a eles". Há uma busca profunda e constante, na sociedade moderna, visando a elucidar o sentido destas palavras.

O segundo ponto parece ser o seguinte: esta pesquisa se revolve em torno da terrível desigualdade reinante entre os homens, tanto no plano financeiro como intelectual, com ênfase assustadora posta na pobreza generalizada que esmaga tantos milhões entre suas garras de fome de destituição de todos os meios de vida. Este aspecto da pobreza preocupa não somente os cristãos, mas até os ateus e os simples "humanitários". Para nós, cristãos, os dois aspectos são inseparáveis.

Infelizmente, em discussões e disquisições sobre estes assuntos, passa-se, muitas vezes, ao largo da verdadeira essência da pobreza, pelo fato de se colocar o foco das atenções na *pobreza pessoal*, isto é, no abandono espontâneo de bens materiais, na

ida para favelas e bairros pobres e a conseqüente identificação com eles.

Sem dúvida alguma, aí está uma parte da resposta, mas não toda. No que tange a virtude da pobreza, a mera privação física não é mais do que um estágio de jardim de infância. É preciso ir muito além desta fase que, aliás, pode até apresentar seus aspectos "românticos".

Na tentativa de atingir o cerne da noção evangélica de pobreza, devemos começar em nós mesmos, dando-nos conta de que ela é, sobretudo e antes de tudo, um reconhecimento e uma descoberta *daquilo que somos*. Somos criaturas, o que no contexto cristão, significa que fomos feitos inteiramente por Deus e, por conseguinte, dependemos dele em tudo. Somos, como vimos antes, *anawim*, "os pobres de Deus", "os pobres das bem-aventuranças", homens e mulheres de dependência total de Deus e que nele se apoiam pela convicção de que nada podem sem ele.

Esta admissão de dependência exige grande fé e flamante caridade, nos dias de hoje. Trata-se, aqui, de caridade para consigo mesmo, porque, entre as várias maneiras de o homem amar a si mesmo, está a aceitação da sua pobreza e dependência total de Deus, o que o levará a agir sempre de acordo com sua suprema vontade.

Para chegar a uma linha de ação pautada sempre dentro da vontade divina, temos que nos esvaziar de todos os interesses pessoais e outras manifestações centrípetas do egoísmo. É preciso ter um coração pobre, inteiramente livre e em permanente escuta da

voz de Deus para segui-la.

Eis aí a essência da pobreza, fruto da fé e do amor. Se alguém for pobre nestas condições, não terá problemas com respeito a esta virtude ou, se tiver, saberá resolvê-los facilmente. No plano espiritual, temos que começar sempre conosco mesmos, e não com os outros. Se conseguirmos dar o exemplo de vivência evangélica, os outros nos seguirão.

Despojamento

Palavra estranha esta. Ela persegue e assusta muitos cristãos que estão à procura da face do Cristo. Os gregos tinham uma outra palavra para exprimir a mesma idéia: *kenosis*, esvaziamento; esvaziamento de si mesmo.

Há uma preocupação generalizada no mundo atual: os homens saem de si mesmos em busca dos outros; esvaziam-se de si mesmos, ou tentam fazê-lo, para se encherem de algum outro. Em muitas cidades, inclusive no Rio e em São Paulo, vêem-se jovens de cabeça raspada, indo pelas ruas cantando o nome de "Krishna". Outros preferem a solidão das salas fechadas, onde ficam sentados, de pernas cruzadas, à maneira de Buda. Homens e mulheres, moços e velhos, em todo o Ocidente, buscam ansiosamente experiências místicas de todos os tipos, chegando mesmo a abandonar suas posses a fim de poderem seguir suas visões.

Não é de hoje que já estamos habituados a ver jovens de todas as classes sociais, alguns até bem ricos, de ambos os sexos, peregrinando a pé pelas estradas, pobremente vestidos. Levam como

bagagem apenas a clássica mochila de lona, dentro da qual vai alguma coisa para forrar o chão, um cobertor e uma ou duas mudas de roupa. São jovens que se cansaram de ter tudo e estão descobrindo o encanto novo de não ter nada, de se despojarem das coisas. É o ideal de bom número de *hippies*.

Realmente, tem-se a impressão de que os homens de hoje não suportam mais a disparidade que existe entre ricos e pobres. E saem, então, pelo mundo a fora, nesta estranha peregrinação que se vai tornando cada dia mais comum. Pés inquietos. Corações inquietos. Almas famintas, corações famintos. Movimento perpétuo, sempre buscando... Buscando a Deus.

Sim, despojamento é, a um tempo, a palavra chave e o grito de milhares de pessoas na era atual. Andam soltos o vento e a chama do Espírito Santo. Seria aconselhável que todos nós examinássemos esta ânsia de despojamento, porque bem pode ser que ela venha do Espírito de Deus, mesmo nos *hippies*.

Basicamente nosso despojamento deve começar pelo egoísmo em todas as suas manifestações e isso não só no plano individual, mas também num âmbito coletivo, nacional e internacional. O mundo não pode mais dividir-se em dois grupos: os que têm e os que não têm! Chegou a hora em que o grupo dos que têm, deixe de ter, por algum tempo, a fim de aprender, na própria carne, o que é passar fome, estar fatigado e não ter onde dormir. É tempo de nos examinarmos seriamente e livrar-nos de qualquer coisa que nos impeça de viver como irmãos uns dos outros. No fundo é esta a meta que o homem

moderno está buscando; a isso tendem as "dores de parto" da sua ansiedade e inquietude e suas experiências de despojamento.

A necessidade de não possuir

O Evangelho é dirigido a todos: padres, freiras, leigos, casados e solteiros. S. João Crisóstomo nos lembra que o monje e o leigo têm ambos, o mesmo ideal de perfeição a atingir. Incidentalmente, a espiritualidade oriental não conhece a diferença entre mandamentos e conselhos evangélicos. O Evangelho se dirige a todos, no seu grande apelo para o absoluto e a totalidade do amor. "Quando Cristo nos ordena a seguir o caminho estreito, está se dirigindo a todos os homens", diz Crisóstomo. Assim sendo, parece-me que quaisquer considerações sobre a pobreza devem mergulhar tanto nas profundezas da alma humana como nas do Evangelho. As confusões existentes a respeito da pobreza, na hora presente, são tais e tantas que estão criando escândalo nos corações cristãos.

Há uma frase de Paulo Evdokimov, no seu livro "*Struggle with God*", que vale a pena examinar, neste esforço de nos aprofundarmos na essência da pobreza. Diz ele: "A ausência da necessidade de possuir... transforma-se em *necessidade de não possuir*". Aqui estão todos os aspectos da pobreza: espiritual, físico e emocional.

De que estamos falando, quando discutimos a respeito da pobreza? Não estaremos, talvez, expondo a *minha* e a *sua* necessidade de *sermos* amados, compreendidos e consolados? Exatamente

assim, na voz passiva? Acho que é isto mesmo: discutimos estas necessidades, expressando nosso desejo de vê-las preenchidas. É só dar uma chegada a estes milhões de cursos que por aí se fazem se quisermos comprovação.

Os homens de agora se esqueceram da fórmula de S. Francisco de Assis para alcançar a felicidade: "Ó Mestre, fazei que eu procure mais, consolar que *ser consolado*, compreender que *ser compreendido*, amar que *ser amado*; pois é dando que se recebe etc..." É precisamente por este caminho de S. Francisco que chegaremos à meta de todos os nossos desejos.

Parafraseando a citação de Evdokimov, poderíamos dizer, em forma de oração: "Senhor, concedei-me não o desejo de possuir, mas o desejo de não possuir". Agora, só resta lançar um olhar para dentro de nós e ao redor de nós para ver e aquilatar nossa situação, com referência ao que vimos dizendo. Examinar, por exemplo, se estamos limpando nossos quartos — e a nós mesmos — de todas as coisas inúteis; se buscamos, em nosso estilo de vida, as coisas simples, as paredes nuas ou se abarrotamos nosso apartamento ou casa com mil e uma bugigangas vistosas — e caras — que só servem para fazerem nossa atenção se derramar cada vez mais para fora!

A ação do fogo de Pentecostes em nós deve começar queimando e purificando-nos das coisas desnecessárias, e não me refiro apenas no plano físico ou material. Como dissemos antes, pobreza neste nível é apenas "jardim de infância", na escola desta virtude; é apenas um campo arado, pronto

para acolher a semente e os frutos maravilhosos contidos na verdadeira pobreza espiritual.

Não é de admirar que S. Francisco chamasse a pobreza de sua "Dama", considerando-a a mulher mais bela do mundo, porque quando a "necessidade de não possuir" realmente toma conta de nosso coração, então percebemos a beleza infinita da pobreza, na sua essência de privação total e total despojamento. Este é o grande mistério da pobreza que Deus gosta de revelar a todos aqueles que o pedem na oração: a pobreza evangélica é a riqueza dos cristãos.

A noiva do Mendigo Divino

Em 1970 celebramos o 40º aniversário da fundação de *Friendship House* e *Madonna House* (Casa da Amizade e Casa de Nossa Senhora). Gostaria que o leitor me acompanhasse, numa volta àquele primeiro dia em que, depois de ter dado aos pobres tudo o que tinha, comecei a maior aventura de minha vida, passando a conviver com os favelados de Toronto.

Era a aventura de partilhar a vida com Deus, com os pobres e com o mundo. Relembrando esta graça que Deus me fez, eu sinto desejo de partilhá-la, também agora, com todas as pessoas que conheço e amo, de modo que elas possam louvar a Deus comigo. Parece realmente estranho que o Senhor me tenha escolhido — eu, uma estrangeira em terra estranha — para ser a fundadora de uma obra de apostolado leigo. Meu coração está cheio de louvor e reconhecimento e é difícil expressar o que me aconteceu naquele primeiro dia em que saí para

servir o meu Senhor nos seus amados pobres.

Talvez a melhor maneira de fazer o leitor sentir algo da minha experiência, será mostrar-lhe aqui uma pequena poesia que eu escrevi, quando alguns membros da nossa equipe estavam fazendo seus votos de pobreza, castidade e obediência. Este poemeto resume minhas aspirações mais profundas e minha mais elevada exultação de espírito:

As chamas das velas
tremeluziam sobre o altar,
cantando, em silêncio, seu hino de amor,
um canto de amor a seu Deus,
morrendo, aos poucos, neste amor,
morrendo em canto e chama!

As toalhas rituais, de infinita brancura,
imaculadas e sem rugas,
se estendiam sobre a Mesa do Senhor.
Linhos puros lavados e passados
por mãos e corações queridos.

Lá em baixo, na sala comum,
havia festa em novos linhos brancos
cobrindo longas mesas,
florindo em novas velas chamejantes
e em flores cor de chama.

E presentes também havia ali,
simples mas carinhosos testemunhos
da presença do amor.

Vieram sacerdotes para o altar,
o altar do Sacrifício e ofereceram
a grande Eucaristia por aqueles
que, trazidos ali só por amor,
se ofereciam todos ao Amor.

Almas e corações entoaram cantos
com vozes juvenis: canções de Deus,
canções de amor.

Vieram muitos de longe e muitos mais de perto,
amigos e parentes
para participarem da alegria
daquelas almas desposadas com seu Rei.

Prostrada em terra, toda envolta
em respeito celeste, transportada
a que altura de céus nem sei, Deus sabe,
falei, rezei, cantei, fiz tudo o que de mim
esperava o Amor e Amor ditava.

Mas não estava ali, estava longe...
eu percorria ruas sujas de favela
num dia sombrio de outubro,
há tanto tempo... Eu me revia
de mão vazia, entrando na mansarda,
sentindo o cheiro acre da pobreza,
o cheiro de repolho e de outras coisas pobres
que apenas pobres comem.

Choramingava ao longe, um bebê,
quando subi a escada estreita
é entrei naquele quarto...

O vidro das janelas era opaco,
tanto era o pó que o recobria
e era opaco também, lá fora, o dia
de um outubro sem sol.

A velha cama de solteiro
rangeu, cedeu no meio ao assentar-me.
Duas cadeiras frágeis, solitárias,
a mesa da cozinha, engordurada,

cheia de riscos, fora de esquadro
e o linóleo do chão todo gretado...

Nenhum armário p'ra guardar minha pobreza,
apenas pregos, muitos deles, nas paredes;
uma ou duas estantes... Eis os móveis
da minha nova habitação.

E então me ajoelhei,
naquele dia cinzento de outubro,
e dei a minha vida a Deus p'ra todo sempre!

Não houve altar naquele dia
nem velas nem canções de amor e morte.
Não houve sacerdote oferecendo
a grande Eucaristia, para mim.
Eu era só, sem música, sem vozes,
jovens ou velhas, a cantar.

Nada de linhos de toalhas brancas,
passados e lavados por mãos puras,
porque eu não tinha altar que eles cobrissem.

Nenhuma mesa com presente, inda que simples,
testemunhando a presença da amizade;
era somente um quarto feio e muito pobre
e eu, lá no meio, ajoelhada
sobre o linóleo todo gretado.

No entanto, eu sei, não trocarei,
por dia algum da história, aquele dia!

Pois eu sei muito bem que aqueles votos
que, ajoelhada ali, eu fazia ao meu Deus,
eram os meus primeiros e meus últimos.

Quanta música havia pelo espaço!...

O choro dos bebês, o grito das crianças

e a voz dos biscateiros lá na rua,
a buzina dos carros, sons de tráfego,
uma mulher gritando um nome, no quintal,
uma risada jovem que ecoava
na gargalhada de algum homem.

Estes sons misturaram-se em mim
e se fundiram na maior das melodias
porque estes eram agora, finalmente,
estes eram *meu povo*.

Em cada um deles meu Amor me amava!
Sim, era ele que cantava
em choros e risadas e buzinas
uma estranha canção que apenas Deus compõe.

Havia um sacerdote ali no quarto:
o Senhor dos exércitos que é vítima
e Sacerdote, ao mesmo tempo.

O seu altar sagrado era meu quarto
e o mundo, aquele mundo pobre ao meu redor.

A mesa estava posta, com presentes
de uma beleza resplendente, indescritível
porque não eram feitos por mãos de homens,
mas sim por mãos divinas.

Presentes para mim em minha mesa!

Naquela noite eu bebi
no cálice do seu amor.

Comi em pratos de esperança
adornada com as flores da fé
e o zelo da sua casa brilhava no meu colo
como colar de gala.

Eram estes os seus presentes para mim.

Em vez das roupas pobres de antes,

agora eu me vestia de esplendor,
e a pobreza brilhava sobre mim
como mil sóis dourados.

A castidade me envolvia em brilhos de luar,
Ah! de certo, as minhas jóias,
presente eterno do meu Amor eterno,
naquele outubro cor de cinza,
deixavam pálidas as jóias deste mundo
e mudas as palavras descritivas.

E, de repente, o quarto, ali, ficou imenso
cheio de vozes aos milhões,
no meu canto de núpcias com o Rei dos reis. Estava
lá presente, sua Mãe
e Catarina a minha padroeira...

Mais eu não pude ver, porque cegou-me
meu êxtase de amor e de felicidade.

Ah! sim, repito, eu nunca trocarei
o dia destas núpcias com meu Deus,
naquele quarto velho e pobre,
naquele dia cinzento de outubro,
eu nunca o trocarei por dia algum
do passado, do presente ou do futuro,
em parte alguma deste mundo.

Louvo seu santo nome e canto a gratidão
unindo-me aos seus anjos lá do céu,
porque o Mendigo
que me levou ao seu altar
e me fez sua noiva
num quarto de favela,
era meu grande Rei, Cristo Jesus,
Cristo Senhor e eu me tornei rainha!
Aleluia, aleluia, aleluia!

Passaram já quarenta e quatro anos depois disto que aqui descrevi. O dia de hoje é diferente nas suas comemorações externas. Eu louvo o Senhor por ambos! Aleluia!

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

CAPÍTULO VI: ORAÇÃO

Oração, caminho para o amor

Há um lento despertar para a oração no cristianismo; os homens estão começando a rezar de novo! Em qualquer ponto da vastidão dos Estados Unidos e do Canadá, encontram-se pessoas à procura da solidão a fim de se entregarem à oração e ao jejum, para se unirem a Cristo. Esta união, este encontro com ele, este confronto que só se realiza pela oração, é necessário se, realmente, tentarmos mudar a ordem política e social do mundo que rola velozmente para a beira de um abismo.

Temos que encontrar a Deus, se quisermos nos encontrar com os homens, porque somente no confronto individual e coletivo de homem para homem, grupos para grupos, comunidades e sociedades é que jaz a tremenda energia capaz de unificar o mundo. Cabe a nós, Cristãos, soltar esta energia entre os povos, pelo testemunho de nossas vidas.

Dar testemunho de vida não quer dizer assumir compromisso com propagandas destinadas a converter pessoas ou, como fazem alguns grupos não-cristãos, assoprar nos homens o furor revolucionário de ódios e violências. Dar testemunho significa simplesmente viver de tal modo que se sinta e se veja que a vida não teria sentido, se Deus não existisse. O tempo para isto é agora: chegou o momento de cada cristão refletir em sua vida, como

já dissemos, o ícone ou imagem de Cristo.

Isto quer dizer o que estamos sublinhando em cada página deste livro: viver o Evangelho, uma realidade que não se atinge sem muita oração; esta, por sua vez, nos alcançará a fé, berço da caridade e da esperança. Devemos pedir a Deus que nos faça perceber que ele, o Deus Uno e Trino, vive em cada um de nós; que ele nos dê força para nos engajarmos no único tipo de violência permitida a cristãos: a violência contra nós mesmos, a que conquista o céu, como diz Cristo.

Somente a oração nos dará o verdadeiro Amor que não é destruição das estruturas, mas participação da vida e renovação destas mesmas estruturas, até restituir-lhes a pureza primitiva. A oração nos dará coragem para levarmos a caridade até as últimas conseqüências de oferecer a vida por nossos irmãos.

Nossa época atual está madura para revelar-nos que o mistério do amor de Deus nos toca e nos envolve de todos os lados e, nesta percepção, compreenderemos também que aí está a chave para o mistério do homem, com a conseqüente solução de todos os seus problemas. Tudo isto nos virá somente através da prece, das inspirações do Espírito Santo que nela nos fala e só nela, porque ouvir as manifestações do Espírito de Deus é a essência da oração. Então comecemos.

"Ensinaí-nos a rezar"

Se alguém me fizesse a pergunta: "Qual a única coisa necessária para o sucesso da missão da Igreja no mundo", a resposta seria: oração contemplativa.

Tal resposta, provavelmente, não seria compreendida, porque toda a espiritualidade do catolicismo, entre nós, está reduzida ao mínimo: à observância dos dez mandamentos. Sem dúvida, este é já um bom fundamento para a construção do edifício da santidade, mas não passa de fundamento, de primeiro passo, de campo arado à espera das sementes.

Pelo fato de muitíssimas pessoas ficarem apenas neste fundamento é que temos hoje o quadro trágico de uma sociedade secularizada e neopagã, cujo coração está cheio das sombras do materialismo. Nem podia ser de outra maneira, uma vez que ninguém pode habitar em cima de fundamentos ou alimentar-se unicamente de campos arados.

A oração deve tomar-se parte integrante de nossa vida diária, a parte mais importante dela. Só assim as paredes do templo de Deus em nós se levantarão, firmadas sobre a rocha da fé e nossas vidas serão campos férteis para as sementes do Senhor e a fome dos homens. A fim de chegarmos a esta meta ideal, toda uma doutrina sobre a oração deve ser mudada e ela deve começar a ocupar o primeiro lugar na família, na paróquia, na escola e na vida profissional.

Muita gente sabe — ou será que sabe? — que a oração é a elevação da alma a Deus. Mas existem muitas maneiras de levantar e de elevar. Uma delas é a oração vocal, universalmente conhecida e quase a única conhecida. Vem, depois, a oração mental ou meditação, já bem menos conhecida e menos praticada. Esta elevação da alma inclui também a oração do silêncio, a oração do coração, a oração contemplativa, a mais desconhecida de todas, no

nosso mundo atual, inteiramente voltado para a atividade externa.

É tremendamente trágico perceber quão poucos cristãos aprendem a rezar. Aqui jaz uma das mais sérias deficiências do nosso ensino religioso. Como seremos capazes de enfrentar bombas atômicas ou de hidrogênio, sem termos nossas próprias armas *espirituais* que constituem a principal herança de Cristo. Será impossível atingirmos a plenitude da nossa vocação cristã, por mais humilde que ela possa parecer, no ramo de vida que escolhermos, se não nos alimentarmos com este manjar forte dos santos que, também, por direito nos pertence.

Ou será que preferimos passar a vida comendo mingaus e papinhas de crianças? Estamos no crepúsculo que separa duas civilizações, uma que morre e outra que nasce; sem a herança cristã da espiritualidade e da oração, ficaremos com a primeira.

Um apelo dramático e sincero se dirige a todos vocês que foram designados por Deus como mestres em matéria de vida; pais e mães de família, professores de religião, em colégios e universidades, sacerdotes, pregadores de retiros, orientadores de encontros de todos os tipos: ensinem-nos a conhecer melhor o nosso Deus! Ensinem-nos a amar! *Ensinem-nos a rezar!*

Somente os pobres podem rezar

A primeira condição para alguém rezar e se dirigir a Deus é que conheça quem ele ou ela é, coisa tremendamente difícil. Difícil reconhecer, de maneira

profunda e prática, com repercussões em nosso comportamento, que somos criaturas, pecadores remidos, inteiramente dependentes de Deus, *anawim*, os pobres dele, os pobres das bem-aventuranças, côncios da sua condição e da sua dependência total. O princípio de toda oração é reduzir-se à condição de mendigos diante de Deus, cientes de que "nele vivemos, nos movemos e existimos" e que, sem ele, nada podemos fazer, como diz Cristo na parábola da videira (Jo 15).

Para começarmos a rezar, é imprescindível que purifiquemos o espírito de todo orgulho e arrogância, aproximando-nos, como mendigos, daquele que nos pode transformar em reis e rainhas, não de domínios terrenos, mas de reinos eternos. Depois de nos termos reduzido a esta condição de pobreza e pequenez, então sim, podemos ir a Belém para o grande encontro com esta Criança divina que se fez pobre por nosso amor.

Não creio que possa haver algum ser humano que não ceda ao apelos e ao pranto de uma criança. Pois bem, o primeiro choro de Cristo Infante foi um apelo a nós dirigido pedindo-nos que o imitássemos e nos tornássemos pobres. Somente os pobres podem ir a Belém e a Nazaré, olhar e conversar com Cristo e sua Mãe. Os ricos não vão a tais lugares. Eles são os que dizem: "De Nazaré pode vir algo que valha a pena?" Como pobres e humildes teremos a hospitalidade de Jesus e de Maria no diálogo da oração.

Sim, somente os pobres podem rezar e sabem rezar, porque somente eles se decidem a seguir aquele que "não tinha uma pedra sobre a qual reclinasse a

cabeça". A oração é o relacionamento pessoal entre pobre e pobre, entre um homem pobre e o *Homem Pobre!*

Se permanecermos pobres, seguindo os passos deste Homem Pobre de Nazaré e da vida pública, uma transformação tem que se realizar. Até certo ponto Cristo *nos* consola, mas, na medida em que a oração se aprofunda, ela penetra naquela noite de que fala S. João da Cruz, a noite da fé, uma fé fantástica pela qual temos que rezar muito. Chega, um dia, a hora em que *nós é que devemos consolar o Cristo*, porque o vemos em todo o mundo — nas favelas e nas grandes avenidas. A esta altura, quando começamos a consolar Jesus Cristo, nossa oração toma uma dimensão nova, porquanto, ao consolar o Filho do Homem que também para isto se encarnou, nós aprendemos a consolar os outros e a consolar-nos uns aos outros, a sermos bons e ternos uns para com os outros. Então nós o tomamos nos braços, como fez Maria, sua Mãe.

Seguimos Jesus Cristo até ao pé da cruz e nossa oração se transforma numa espécie de elegia ou lamentação, sem deixar de ser uma alegria interior. Nossa dor é purificada e a prece que dela sai atinge ainda outra dimensão: vem-nos o desejo de sermos crucificados para estarmos com ele que é o Amor de nossa vida. Aí sim, nossa oração se transforma numa profunda alegria e num imenso repouso no Coração de Deus.

É assim que, pelo reconhecimento de nossa dependência total, somos levados a uma oração na qual percebemos o Pai que se aproxima de nós; sentimos o toque de sua mão em nossa face que se

transforma pelos reflexos de Cristo ressuscitado. Chegamos, então, à perfeição da oração: seu repouso na união do homem com Deus. A noite da fé se ilumina em luz de pleno dia e não há mais necessidade de palavras. Existe apenas o repouso infinito da alma, a paz do Amor nos braços da Amada.

Precisamos de mais oração

Há, no mundo de hoje, uma necessidade enorme de mais oração. O povo de Deus está cansado de se ver classificado de direitista e esquerdista, de ver padres se casando — padres e bispos — de ver freiras procurando respostas para perguntas que só Deus pode responder. Este cansaço tem ressaibo de uma angústia muito grande e é ela que está levando o povo de Deus a rezar como nunca o fez antes. Pessoas sem nome, gente simples das ruas e dos bairros pobres estão buscando refúgio na prece; para si mesmas, e para os outros. À direita e à esquerda, bispos, padres e freiras estão, finalmente, se convencendo, no íntimo de suas vidas, de uma coisa que, aliás, sempre souberam: a oração pode mudar o mundo.

Os jovens estão se voltando para a prece, como já mencionamos antes, neste livro; estão buscando respostas nos sistemas de filosofia e espiritualidade da Índia, da China e de outros países antigos. Consultam Buda, Confúcio, Maomé, os Vedas e outros velhos livros da sabedoria hindu. Os moços raspam suas cabeças, procuram a solidão ou se filiam a grupos e comunidades... buscando, na

oração uma resposta sobre si mesmos, o mundo e a vida. Sim, repitamos, agora mais do que nunca, precisamos todos de muita oração interior, a única verdadeira, que sai do coração, como a de Jesus.

A tendência dos povos ocidentais é de dividir a vida em pequenos compartimentos, por assim dizer. As respostas para questões e problemas religiosos são procuradas em caixinhas ou lóculos, como estes que existem nos correios para as caixas postais. Na espiritualidade oriental, porém, existe apenas uma única e imensa oração, a liturgia que, como dizíamos há pouco, falando dos russos, se identifica com a Eucaristia.

Os russos e outros cristãos orientais acreditam que cada cristão é um contemplativo nato, pela simples razão de que, pelo Batismo, ele morreu em Cristo e em Cristo ressuscitou. Portanto, para eles, não existe esta diferença entre vida ativa e vida contemplativa. Nossa fé é um ato de amor entre homem e Deus. O homem contempla a Deus e o ama; depois olha para outro homem igual a ele, enxerga Deus neste seu companheiro e o ama também aí. Fé e caridade de mãos dadas.

Os santos da Igreja cristã russa costumavam inclinar-se diante das pessoas, antigamente, porque viam nelas o Senhor Deus. Chamavam estas pessoas, ante as quais se inclinavam, de "minha alegria" ou de outros nomes que indicavam sua profunda convicção de que, depois da encarnação, não existem mais dois tipos de relacionamento, um para os homens, outro para Deus; só existe um, porque Cristo se fez homem.

Nesta visão oriental, é tão sem sentido dizer que vamos a Deus para encontrar o homem como dizer que vamos ao homem para encontrar a Deus. Ambos são uma só coisa e encontramos-los naquela oração constante do silêncio interior que nos põe face a face com Deus e nos faz compreender que ele é Amor.

Como a essência do amor é servir, a ação se torna inseparável do amor e, assim, desaparece a velha distinção entre ação e contemplação. Sim, o mundo precisa de muita oração para ouvir o Verbo, a Palavra que Ihe fala no Evangelho, a Palavra que vive, a Palavra que reza.

Oração e ação

Jesus quer dizer Salvador. O mundo de hoje precisa de um salvador com muita urgência, ele sabe disso. Sabe que vai mal, que está em agonia e grita por socorro, de todas as formas, mesmo sem entender bem com quem está falando nem de onde a salvação pode vir. É tarefa do cristão levar auxílio e salvação a um mundo ameaçado de morte. Trata-se de uma tarefa tremendamente difícil, porque auxílio aqui significa vida, justiça, verdade e misericórdia, muito mais do que meios e socorros materiais. Entretanto, por mais difícil que seja, a tarefa deve ser enfrentada e representa o grande e maravilhoso desafio que Cristo nos faz: "Sem mim não podeis fazer nada", frase que deve ser completada com aquela outra de São Paulo: "Tudo posso naquele que me conforta".

É, portanto, uma tarefa que exige nem mais nem menos que o poder de Deus para ser realizada, e

somente a oração consegue pôr em ação, no mundo, este poder divino e salvador. *Tudo podemos* com a oração: "Pedi e recebereis!" A resposta para todos os nossos problemas, sejam eles quais forem, está nas mãos voltadas para o céu e o coração cheio de confiança nas promessas do Senhor, eternamente cheio de misericórdia e amor pelos homens. Moisés conseguiu a vitória para seu povo simplesmente rezando de braços abertos, no cume da montanha.

Se o mundo moderno imitar este gesto, realizar-se-á o milagre da verdadeira ação salvadora. Parece estranho que o silêncio da oração, a tranqüilidade e imobilidade da oração ou quaisquer outras formas de ela se possa revestir, consiga inundar o mundo todo com tanta ação. Quem volta a face para Deus, na prece humilde e sincera, desfecha um verdadeiro furacão de ação transformadora.

Este é o grande milagre: pela oração o homem se expande, se estende, se multiplica e se torna presente em centenas de lugares ao mesmo tempo. Está no alto da montanha, mas, simultaneamente, pelo poder da prece, nós o vemos caminhando na planície, de bacia e toalha nas mãos. Sua prece se transforma em ação: social, política e econômica. Cada vez que se põe de joelhos, ele se debruça sobre a humanidade, lavando os pés, trabalhando, servindo. Ninguém mais ativo do que o homem de joelhos!

Assim sendo, devemos nos esforçar por conduzir-nos uns aos outros ao topo da montanha para rezar, uma vez que a oração é santa e dinâmica, por ser contato e união com o Todo-Poderoso. Quanto mais o homem se une a Deus, neste contato maravilhoso,

mais ele compreende que toda justiça, toda paz e bondade que deseja levar aos seus irmãos se encontra em Deus e só nele.

A oração é este impulso fabuloso, vindo das profundezas do homem e da mulher, elevando-os sempre mais alto, com as forças de um amor desejoso de se comunicar com Deus e de corresponder ao seu amor. Esta oração pode assumir mil posturas externas diferentes, desde a prostração total sobre o chão até a exultação de uma verdadeira dança. Às vezes ela pode apresentar o silêncio e a imobilidade da rocha; outras ela imita a versatilidade marulhante dos riachos, a garrulice das crianças e as vozes compassadas da velhice. Oração é a conversa do povo de Deus com ele: homens e mulheres, crianças e adolescentes, moços e velhos, cada um a seu modo.

Tudo isto se transforma em canto melodioso quando chega ao céu. Não importa qual seja a forma de oração que se adote: quer rezemos o terço, quer façamos ofertas em benefício de amigos e parentes ou penitência pelas necessidades do mundo, estamos sendo todos apanhados num movimento gigantesco, num remoinho cósmico, maior do que nós mesmos. É o mundo inteiro que se curva em adoração ao Criador e, a este gesto universal, se unem todos os que rezam e amam a Deus, único caminho e única esperança de salvação. É necessário ensinar os homens a rezar e também rezar por eles, a fim de que encontrem este caminho.

Oração e totalidade

Devemos, certamente, preocupar-nos com os problemas do mundo — os pobres, os famintos, as vítimas da injustiça. A situação do sofrimento humano, mais que preocupar-nos deveria mesmo é "torturar-nos", fazendo tão nossa a condição do mundo sofredor, que nos transformemos no "outro".

Em outras palavras, isto importa numa identificação de nós mesmos com a humanidade; identificação total e profunda, como se a encarnássemos em nós. Existe já muito engajamento, muito interesse real pelos problemas humanos. São muitos os que falam de justiça e procuram assegurá-la para si e para os outros. Entretanto, a despeito de todo este interesse, existe muita confusão, muita maneira de pensar errada, caótica. Poucos se lembram, ao que parece, de que a justiça é filha do amor e, sem amor, ela se torna amarga e fria, incapaz de sanar quaisquer sofrimentos ou restaurar coisa alguma; sem amor a justiça torna-se cruel, mesmo quando tem a verdade de seu lado.

Nós, às vezes, tentamos dividir Deus em partes. Ele é Amor, já o dissemos e onde ele está, o amor também aí se encontra. Mas como ele é também infinitamente justo, nós o dividimos em partes iguais: justiça e amor, quando, na realidade, as duas virtudes vão juntas como dois aspectos de uma só.

No mundo de hoje é mais do que evidente que se está procurando fazer justiça sem amor, como se ela fosse uma verdade abstrata existente apenas nos livros ou nas mentes humanas. Em outras palavras, estamos levantando um muro entre a cabeça e o

coração. É urgente destruir este muro da vergonha e ajuntar novamente justiça e amor, de modo que os homens possam receber o que lhes é devido, em plena justiça, com infinito amor, repassado de humildade, sinônimo de verdade. Para conseguir esta união os homens precisam rezar.

Muito se tem escrito, atualmente, sobre oração. Uns dizem que só podemos rezar "horizontalmente", enquanto outros falam, sobretudo, da oração "vertical". E cá estamos de novo ante o mesmo eterno problema de querermos analisar o mistério; sim, porque a oração é um mistério, uma vez que nos relaciona com o próprio mistério de Deus. O que nos importa fazer é unir a horizontal com a vertical e parar de analisá-las. Estas duas dimensões se encontram e se entrecruzam em todas as coisas.

De fato, estas foram as duas dimensões da oração de Jesus, durante toda a sua vida. O Evangelho nos diz que ele, às vezes, deixava as multidões e subia à montanha para rezar sozinho. Estas várias ocasiões de sua vida são manifestações de sua oração "vertical", dirigida ao Pai e são muito freqüentes, a ponto da expressão se tornar quase repetitiva.

Quanto à sua oração "horizontal", era a que fazia com as ferramentas na mão, como carpinteiro, pregando, serrando e aplainando a madeira. Desta forma é que ele rezava como membro da comunidade de Nazaré, constituída pela sua família, com Maria e José. Assim também é que ele rezava com a comunidade mais vasta de toda a Palestina, na qual se integrou, durante os anos de sua vida pública, pregando e ensinando. Tudo isto foi oração "horizontal", através da qual Cristo conduzia os

homens a seu eterno Pai e via a face do Pai em cada homem. Portanto, na vida de Cristo, como na nossa, oração vertical e horizontal se misturam e se encontram constantemente.

Uma casa é construída horizontal e verticalmente. O mesmo acontece com o Corpo Místico de Cristo e com esta casa interior da alma e do coração que todos nós temos a tarefa importante de construir, enquanto vivemos neste mundo. Tudo isto deve lembrar-nos que Deus desceu até nós verticalmente, viveu conosco horizontalmente a fim de nos elevar ao Pai de novo verticalmente.

É evidente que devemos nos preocupar e até mesmo sentir-nos "torturados" pelos problemas e sofrimentos do mundo, com desejos apaixonados de levar aos homens as soluções e os remédios do amor, da verdade, da justiça e da paz. Mas para conseguir tudo isto não nos esqueçamos da necessidade da fé naquele que é o Príncipe da Paz, que se definiu como a Verdade, que é o próprio Amor e nossa reconciliação com o Pai. Se não rezarmos a ele "verticalmente", nunca saberemos nem teremos força para orar "horizontalmente" com a perfeição que ele nos mostrou.

Contemplação e renovação

Os católicos de hoje parecem viver com um mundo de perguntas na cabeça. São perguntas que vêm de longe, muitas delas e que, durante muito tempo, ficaram latentes no fundo escuro do nosso passado e de nossas almas; agora, explodem aos gritos ou fervilham em vozes sussurrantes, exigindo

respostas, atormentando-nos até os limites do suportável.

Que faremos? Tudo parece estar num fluxo perpétuo. Defrontamo-nos com incertezas e mudanças de todos os lados. Parecemos canoas sem remos, ao leu das águas, joguete de mil e uma correntezas de cuja existência nunca suspentávamos sequer.

No meio de todo este torvelinho de mentes, almas e corações, por que, simplesmente, não nos voltamos para aquelas verdades primordiais, simples e fundamentais da nossa fé? Não será chegada a hora de nos dirigirmos ao Senhor, com fé profunda, pedindo-lhe que caminhe, mais uma vez, sobre as águas revoltas que se levantam em tempestades, ao nosso redor?

Sim, aí está a solução; mas precisamos preparar-nos para um tal tipo de fé. Em toda a Bíblia, tanto no Antigo como Novo Testamento, esta preparação sempre toma a forma de oração e de jejum. Eis, pois, os dois braços que devemos levantar. É tempo de irmos para o deserto, como fizeram os Profetas e o próprio Cristo.

Seria interessante perguntar como poderá o homem moderno ir ao deserto, uma vez que, para começar, são bem poucos os que ainda existem por aí! Mas, eu creio que ainda podemos encontrar um ou outro, mesmo nesta nossa complicada era tecnológica tão culta, em que as cidades se espraiam, esmagando, com cimento e asfalto, todos os recantos de solidão e beleza que tanto convidam à oração. Seria, realmente, muito benéfico, para todos os cristãos, se

cada um deles pudesse passar algum tempo em algum lugar deserto e tranqüilo. Mas, por incrível que pareça, está ficando muito difícil encontrar um quilômetro quadrado de solidão, no burburinho dos nossos dias.

Só há, pois, uma solução: procurar o único deserto que ninguém pode invadir, se nós não quisermos; a solidão do silêncio e da paz do nosso próprio coração. Há uma frase russa que diz: "Cada cristão deve ser um contemplativo, mesmo vivendo em pleno barulho e atividade do mundo". Alguns dos nossos contemporâneos, filhos típicos do bulício moderno, talvez se sintam inclinados a rir-se desta sugestão, julgando-a trivial e infantil. Entretanto, quem parar a fim de refletir sobre o assunto, verá que é somente nesta solidão interior de nós mesmos que podemos encontrar abrigo contra todas as poluições morais da hora presente; somente assim poderemos estar preparados para estender as mãos ao céu, suplicando a Deus que venha caminhar sobre nossas tempestades e amainá-las.

Temos possibilidades de criar silêncio dentro de nós e é nosso dever fazê-lo, porque só no silêncio da meditação, lograremos entender que a contemplação é simplesmente uma questão de amor. Ninguém põe em dúvida o fato de ser o amor a base de toda a religião e de todo o relacionamento triangular homem-Deus-próximo.

Ora, este amor pode ser uma constante interior, mesmo a despeito de toda atividade e bulício externo. As pessoas podem se manter normalmente ocupadas em seus afazeres e, não obstante, conservar a imagem do homem ou mulher que

amam, sempre viva e presente em seu coração. Uma mulher pode ser enfermeira e debruçar-se eficiente e carinhosa sobre seus pacientes, sem deixar de estar profundamente unida a seu marido. Ela pode também ser uma datilógrafa concentrada em sua máquina de escrever e no texto que copia; mas, nem por isso, apesar do matracar dos tipos sobre o papel, estará apagada, por um momento sequer, em sua mente, a imagem do seu amado.

O que os homens e mulheres podem fazer com respeito às pessoas que amam, o cristão pode também conseguir com relação ao Tremendo Amante que é o Senhor. Eis aí o que chamamos de deserto interior ao qual devemos ir a fim de ouvir de Deus as respostas para milhões de perguntas cruciantes que nos assediam na hora presente. De fato, porém, o que acontece é que, a partir do momento em que Deus entra em nosso coração, esquecemo-nos de todas as perguntas porque, com sua presença, ficamos conhecendo a verdade. Ele é a verdade e a verdade nos liberta.

Portanto, eliminemos todo o barulho da mente e do coração; vamos a este nosso deserto interior e aí preparemos a alma para sua vinda.

Poustinia

Mencionamos várias vezes a fome de Deus que tortura o homem moderno e os inúmeros caminhos nos quais ele procura hoje saciá-la. Falamos dos gurus e sua tremenda influência em todo o mundo. Que estamos fazendo nós, cristãos, para ajudar os homens a resolver este problema?

Até mesmo aqui em *Madonna House*, Combermere, sentimos os efeitos desta fome espiritual, nas milhares de pessoas que nos visitam anualmente. Para este problema da fome de Deus só encontramos uma resposta; uma palavrinha estrangeira cujo conteúdo pode vir a ser uma das soluções para a crise espiritual e religiosa do mundo: *Poustinia*⁵.

Poustinia é uma palavra russa que significa deserto, eremitério. Eu fiz construir uma cabana de troncos de árvore para meu uso pessoal, sem jamais pensar que ela pudesse conter uma resposta para coisa alguma. Fi-la construir porque muito do meu trabalho era fora de casa e eu sentia necessidade de "ir ao deserto" de vez em quando. Hoje temos 14 destas cabanas e, se continuar crescendo o fluxo de pessoas que nos procuram, com desejo de lá se recolherem, teremos que construir outras mais. Aí poderão nossos hóspedes satisfazer sua necessidade de silêncio, de solidão e de união com Deus, através da oração e do jejum. Esta tem sido nossa resposta cristã aos gurus e a nossa maneira de saciar a fome de Deus. Não podemos, evidentemente, construir aqui centenas de cabanas para todas as pessoas que desejam escapar do bulício das cidades em busca do silêncio de Deus, mas nossos *poustinias* podem ser uma sementinha lançada ao vento, uma sugestão que poderá germinar em outras terras. A Igreja tem suas respostas, estamos certos disso. Esta é apenas uma delas.

⁵ Ver o livro de Catarina de Hueck Doherty: *POUSTINIA*. Ver também: Pé. Héber Salvador de Lima: *Apresento-Ihes a Baronesa*, Edições Paulinas, sobretudo o capítulo V: *Como é feliz o meu deserto*, Pg. 69, na 3ª ed. (Nota do Tradutor)

A voz do silêncio

O movimento carismático atual trouxe de volta ao cristianismo o dom das línguas, um dos dons do Espírito Santo mencionado no Novo Testamento; mas pouca gente sabe que, em todas as línguas, quem mais fala é o silêncio. Para concordar com esta afirmação é necessário ter olhado, alguma vez, bem dentro dos olhos de uma pessoa que, por sua vez, olhou bem dentro dos olhos de Deus. Como falam estes olhos, sem palavra alguma e como a gente se entende bem com eles. São muito profundos os poços do silêncio dos quais surgem águas de vida, necessárias para nossa paz. O silêncio comunica não somente idéias mas, sobretudo, paz.

Existe inquietude em nosso coração, porque há muito barulho dentro dele, muito vozerio, pela razão de não o termos ainda elevado a Deus. Não estabelecemos ainda a comunicação direta do silêncio entre Cristo e o coração, na união do amor que nos predispõe a ouvir as vozes do céu: "Levá-la-ei ao silêncio da solidão e aí falarei ao seu coração".

São poucas as pessoas que se calam e se aquietam para ouvir os outros; entretanto, a paz é certa maneira de escutar os outros. Enquanto a gente escuta o outro, a gente está recebendo e, ao mesmo tempo estamos nos entendendo. Quem não sabe escutar é porque não tem paz interior, nem silêncio de alma e coração. O silêncio flui do amor e leva à paz. Nada disso é fácil de conseguir-se.

Cristo disse que seu Pai, com ele e o Espírito Santo virão fazer em nós sua moradia. Na oração do

silêncio o homem começa esta pequena e imensa viagem para dentro de si mesmo a fim de se encontrar com a Trindade. É pequena esta viagem porque o coração está muito perto; é imensa porque dura a vida inteira. Depois de seu encontro com as Três Pessoas Divinas, o homem se transforma, pouco a pouco, em sua imagem, sobretudo em imagem de Cristo, através da muda contemplação. E aí vem também o descanso da alma, a grande aspiração de todo o ser humano, como diz Sto. Agostinho: "Nosso coração está inquieto enquanto não descansa em ti".

O verdadeiro silêncio é sempre repousante; é uma espécie de berço. Ele foi o berço da encarnação: havia um silêncio imenso e impressionante quando Deus se fez homem. Também nós podemos nos tornar berços de Deus se continuarmos nessa viagem para dentro de nós mesmos; depois ofereceremos nossas almas a todos quantos queiram vir repousar em nós como crianças. O silêncio nos prepara como berços para o homem, nosso irmão, cansado das lutas da existência.

O silêncio é mais do que um berço; é uma verdadeira hospedaria. Aquela do bom Samaritano, lembram-se? Um homem foi atacado pelos ladrões... Quem de nós nunca foi assaltado por ladrões, de algum modo? Há ladrões de todos os tipos; há os que roubam a inocência, a alegria, a paz e até a fé. Quem não precisa, às vezes, caído e machucado, de ser apanhado por algum bom samaritano e ser levado a uma boa estalagem? Pois é isto que o nosso silêncio interior pode fazer para os outros. Ele é a maior e mais eficiente forma de expressão, o mais

alto grau de comunicação, o mais rápido caminho para a paz, um berço para meus irmãos, hospedagem para o homem cansado e ferido. Tudo isto será nosso silêncio, a partir do momento em que nos apaixonarmos por Deus.

Quando eu era pequena, perguntei, certo dia, à minha mãe: "Mamãe, como posso tocar em Jesus?" Ela respondeu: "Toque em mim". No meu silêncio interior e no silêncio dos meus irmãos eu percebo que estou tocando Jesus.

CAPÍTULO VII: DONS E VIRTUDES

A fé

O que é a fé? Há os que dizem terem-na perdido; alguns sentem fome profunda e sincera de saboreá-la pela primeira vez; outros se dizem indiferentes a seu respeito e muitos a combatem, odeiam-na e procuram destruí-la nos outros.

Um católico bem formado poderá facilmente responder à pergunta acima formulada dizendo, com um catecismo na mão, que a fé é um dom que Deus dá, no Batismo, a quem ele quer e que ninguém pode conquistar com seus próprios esforços.

Realmente, a fé consiste neste dom imerecido de Deus para o homem; uma espécie de berço do amor e da esperança. Recebida no Batismo, em semente, por assim dizer, ela pode crescer, crescer sempre até encarnar-se em nossas vidas, até se transformar em uma parte integrante de nosso ser, algo indispensável à nossa vida, como o ar que respiramos.

Para chegar a ser tudo isto, a fé deve ser cultivada — como as sementes o são — cultivada pela prece. A oração alimenta a fé e a faz crescer, dá-lhe raízes no coração e na vida, robustece-a e a torna adulta.

Nossa fé cresce na medida em que a vivemos; ela é a nossa viagem rumo ao Absoluto. Ela nos fornece sandálias e bordão de peregrinos e manda que nos levantemos e caminhemos em busca de Deus.

Parece cega, às vezes, mas, na realidade, a fé tem

vista muito aguda, enxerga longe e vê profundamente. Somente ela é capaz de caminhar na escuridão total; ela somente pode dobrar as asas da inteligência, quando necessário ou abri-las quando quiser. Precipícios, abismos, íngremes montanhas, nada disso é problema para a fé; pelo contrário, as dores, sofrimentos e tristezas brincar com Deus.

Ninguém pode guardar ou esconder a fé para si mesmo; ela sempre escapa e transborda para os outros. A fé nunca anda só; vai sempre em companhia da esperança e da caridade. Pode ser comunicada com palavras, mas se transmite muito melhor pelas ações. De fato ela pede, aos gritos, para ser vivida e se encarnar no amor.

A fé chega sempre com as mãos cheias de presentes para todos os que a recebem: dons de paz, amor, alegria e força. A coragem e o sorriso adornam os que a abraçam. Ela é uma criança que sorri para os teólogos e para a sabedoria dos homens, convidando-os a virem brincar com Deus.

Tocando o Cristo

A fé se acolhe sempre de joelhos e é preciso pedi-la sempre, porque a que temos é pequena demais, quer o percebamos quer não. A maioria dos homens não acredita, realmente, que Deus os fez à sua imagem e semelhança, herdeiros da eternidade com seu Filho! "Não pode ser, pensam, consigo mesmos, ele não sabe quem eu sou ou de que tramas de miséria sou tecido!" Há quem pense e diga tolices como estas, porque se valoriza pouco demais e

nunca se olhou dentro dos olhos paternos e misericordiosos de Deus. É por isso que muitos homens, muitos de nós cristãos, caminhamos estradas escuras de desespero: a estrela da fé perde seu brilho e, não raras vezes, desaparece completamente porque não somos capazes de perceber que Deus está conosco e em nós!

O Pai nos deu a graça de crer nele; mas para reforçar em nós este dom fantástico, enviou-nos seu Filho com a missão de no-lo revelar melhor, de modo passemos de uma fé vacilante para uma fé inabalável. Parecemos demais com as crianças e gostamos de tocar as coisas. Foi para satisfazer este nosso desejo de crianças, que a segunda Pessoa da Santíssima Trindade caminhou neste mundo, vestida de carne humana igual à nossa; sofreu e morreu por nós, deu-nos uma nova aliança de amor com o Pai e voltou de novo a ele, depois de ressuscitar dos mortos. Foi aí que houve, no mundo, uma explosão, igual à de milhões de estrelas e de sóis e, ao brilho fabuloso dessa explosão, surgiu o Amor trazendo aos homens, numa salva de ouro, o dom da fé!

Muitas vezes o homem tenta enfrentar os mistérios da fé com a pequenez do seu cérebro e procura levantar, com dedos bem manicurados, o véu destes mistérios. Pensa que pode pesá-la, medi-la e defini-la. A fé, entretanto, escapa de todo aquele que se aproxima dela desta forma. Ela se comunica apenas ao homem que dobra os joelhos e reza. Há uma coisa que Deus Pai jamais recusa a quem quer que seja: aumento de fé. E o nosso tempo é para isso: para pedir grandes doses de fé!

Devemos pedir não somente a fé em Deus como

também no homem. Todo homem sem fé é um suicida. Quem não crê nem em Deus nem nos homens só pode levar uma vida de desespero. O coração do homem que crê é maior, pulsa mais forte e é muito mais quente.

Bem no fundo do coração da fé está a maravilhosa revelação da nossa própria identidade; quem crê sabe muito melhor e mais luminosamente quem ele é. Perguntemos à fé quem somos nós, e ela nos dirá que somos o povo da *toalha* e da *bacia*, servidores dos filhos de Deus.

A fé liberta. Se sou livre para amar e livre para esperar, que mais preciso desejar da vida? A fé nos une a Cristo, fazendo-nos agir como ele e ser ele, no que consiste o grande ideal do cristianismo conforme a frase de S. Paulo, tão citada neste livro: "É Cristo que vive em mim!"

A fé nos faz pegar a mão de Cristo como a de um amigo; ao fazê-lo, porém, notamos o furo do cravo e uma voz me lembra que estou com Ele na subida para o Calvário, onde — e só aí — posso atingir a plenitude da minha crença, da minha semelhança com ele, como novamente lembra S. Paulo: "Estou pregado na cruz com Cristo" (Gl 2,19).

A partir do momento em que aceito a cruz e me torno "cruciforme", ela, repentinamente, me cai dos ombros, por assim dizer, porque já não sinto seu peso e acolho a dor e o sofrimento como se fosse uma canção. Aceito tudo o que a vida me oferece com uma alegria que não tem explicação humana. Os homens se tornam todos meus irmãos e minha alegria. Tudo isso acontece quando a Trindade se

inclina sobre nós no Batismo, momento sagrado em que entramos na morte e ressurreição de Cristo.

Sim, rezemos e pecamos fé, sempre de joelhos, mesmo sabendo que, um dia, ela terá seu fim, junto com a esperança; será o dia em que, nascendo de ambas e pelas mãos delas, entraremos no reino do eterno Amor.

A fé em diáspora

Nossa era é uma era de fé; não como a grande fé da Idade Média, mas uma fé dispersa, uma fé que se afasta, que vagueia, que procura. Como já insistimos muito, nas páginas anteriores, o papel de todos os que cremos na Trindade e em Cristo ressuscitado é dar testemunho de fé viva a todos os que andam em busca de Deus.

Talvez os tempos modernos exijam de nós também o martírio, não tanto o martírio vermelho do sangue derramado, mas o martírio branco, sem sangue a correr, pelo menos por fora, visivelmente. É o martírio da incompreensão e até mesmo do desprezo claro, por parte de nossos contemporâneos.

Agora mais do que nunca a fé deve ser semeada aos quatro ventos. Isto quer dizer literalmente *diáspora* em grego: semeado ao longe!

Presenciamos hoje o triunfo da inteligência humana que levou o homem, tanto às imensidões do espaço, na exploração da lua e de outros planetas, como também ao microcosmo do átomo, com a descoberta da incomparável energia nuclear. O homem sente-se ufano por suas realizações, correndo o risco de se

julgar senhor dos mundos.

Por outro lado, há outro perigo não melhor: o de querer tratar tudo cientificamente, medindo, pesando, programando e classificando. É neste ambiente que precisamos semear a fé nos espíritos humanos, vendo em cada um deles um campo fértil, ansioso por um cultivo diferente, sobrenatural.

Bem no fundo de si mesmo, homem algum quer ser considerado material científico para ser pesado e classificado; ele gosta dos espaços livres e abertos onde possa ser "ele mesmo" e respirar à vontade. Tais espaços não são outros senão os do seu próprio espírito, no qual Deus habita.

É preciso que mostremos isto aos homens. Esta é a semente! E, aqui, merecem uma atenção especial aqueles que perderam a fé; aqueles que de tal modo a complicaram e misturaram com tantas preocupações, cálculos, teorias, dúvidas, ansiedades e desejos terrenos que já nem sabem mais onde a deixaram, perdida e sepultada nalgum canto da sua própria barafunda interior.

A missão de cada cristão é dizer a essa gente que Deus está lá, no fundo deles mesmos, e faremos isto mostrando, com nossas vidas, que Deus está em nós. Desta forma seremos a luz que os guiará de volta aos caminhos abandonados da fé, aos caminhos da oração, esta grande lanterna dos peregrinos que marcham para Deus, com Jesus Cristo.

Teologia

Talvez eu não devesse procurar explicar minhas relações com a teologia... mas, há momentos em que sinto grande vontade de fazê-lo. Acho que devo começar dizendo que amo a teologia, porque amo a Deus e, por conseguinte, não posso deixar de amar tudo o que sobre ele se tem dito e publicado. Nunca me canso de ler nem de conversar a respeito de Deus. Devo dizer que fiz cursos de filosofia, de ética e, sobretudo, que estudei teologia escolástica durante quatro anos.

Na teologia gostei imensamente do meu encontro com Sto. Tomás de Aquino e impressionou-me a frase, a ele atribuída, no sentido de que sentiu vontade de queimar seus livros depois que "viu Deus". Sim, no fim de sua vida, este santo realmente *sabia...* sabia muito a respeito de Deus, porque o próprio Deus lhe ensinara.

Isto me traz à lembrança a seguinte estória: Um monjé hindu pediu a um padre católico que lhe desse umas instruções sobre a fé da nossa Igreja. O bom monjé ouviu o padre durante duas horas e, no fim, inclinou-se profundamente diante dele e disse: "Padre, o senhor encheu-me a cabeça de lindas noções e belos pensamentos, mas deixou meu coração vazio".

Esta estória me faz lembrar minhas próprias reações, durante meus estudos de teologia. Comecei a compreender que, na perspectiva da Igreja oriental, teologia é, essencialmente, uma *experiência*. "Uma experiência é um conhecimento que nos vem de um mundo que está para além de quaisquer conceitos.

Este é o conhecimento contemplativo, por participação, que os Padres da Igreja chamavam de *teognose*, conhecimento de Deus.

“Teologia é uma comunicação com a vida de Deus, um conhecimento que flui para o homem, através da participação que ele tem de Deus, como sua imagem. Ser teólogo significa concordar com viver á verdade revelada (sem necessariamente falar sobre ela) e, se é preciso falar, tentar expressar a todo custo, o conteúdo (muitas vezes inexprimível) desta comunhão com Deus.

Se alguém reza verdadeiramente, este é um teólogo e todo aquele que é verdadeiro teólogo reza de verdade! Esta definição da teologia, feita por Evagrio do Ponto, expressa a realidade que se encontra na vida da Igreja Oriental e em alguns dos grandes Mestres do Ocidente”.

Eu penso exatamente como esta longa citação. Parece-me que teólogo é aquele que sabe fazer silêncio para que Deus lhe fale; é aquele que vai até a presença inefável de Deus, para tornar-se capaz de enunciá-la e traduzi-la em formas deste mundo; é aquele que manifesta essa presença num amor operante pelo homem e trabalha, em união com os outros, pela vinda e realização do Reino de Deus.

“*Fazer teologia*, para a Igreja Oriental, significa sair à procura de Deus, uma busca que leva, inevitavelmente, ao encontro e descoberta do homem; uma busca que, embora usando a razão, leva a um encontro com o outro lado da razão, porque os conceitos criam ídolos e somente a admiração consegue segurar alguma coisa (S.

Gregório de Nyssa). Deus não está em cima, disse Sto. Isac, o Sírio, ele está na frente, na antecipação do encontro.

Fazer teologia é participar da realidade viva de Cristo que, pelo Espírito Santo, se oferece a nós, na conversa íntima da oração, na celebração da Eucaristia, nas palavras da Bíblia, na assembléia dos irmãos e em cada homem que ele nos convida a servir.

*Fazer teologia é, numa análise final, o envolvimento de amor entre Deus e o homem. É também admitir que, para o cristão, a verdadeira revolução que deve vir antes de quaisquer outras, justificar e dar sentido a todas elas, é a *metanóia* do Evangelho (mudança e purificação da nossa visão da vida)."*

Estas citações, tiradas de um artigo, prenderam minha atenção quando, certo dia, eu meditava sobre a teologia, e o conteúdo delas pareceu-me expressar bem tudo quanto eu mesma sinto e penso a respeito desta grande ciência. Verdadeiramente, eu vejo na teologia uma busca de Deus e quanto mais longe eu me aventuro nesta busca, mais pessoas encontro no caminho, cada qual mais querida que a outra. Quando rezo, os rostos de toda esta gente se transformam no seu rosto divino. No fundo, portanto, teologia é muito simples e quase nem deveria ser necessário fazer cursos para aprendê-la ou ler e analisar grandes volumes de sábios teólogos que, algumas vezes, parecem contradizer-se uns aos outros. Basta sair pela vida "à procura de Deus".

A Teologia Pastoral

Certa vez, eu conversava com alguns sacerdotes e freiras que acabavam de vir de um curso de teologia pastoral. Havia grande animação entre eles, mas, ao mesmo tempo, deixavam transparecer uma interrogação no olhar. Depois de terem bebido tanto conhecimento, tinha-se a impressão de que sentiam a ausência de algo que não conseguiam definir. Eu, por minha vez, fiquei um tanto perplexa ante a atitude deles, tanto mais que, pouco antes de virem procurar-me, eu estivera rezando o salmo 22 que, a meu ver, contém a essência da teologia pastoral.

Os homens do nosso tempo não estão muito familiarizados com a idéia nem com a realidade dos pastores, porque eles já quase não existem na nossa civilização.

O Evangelho está cheio deles, e se a gente o abrisse, com mais freqüência, teria toda a teologia pastoral na palma da mão.

"O Senhor é meu Pastor, nada me falta." A primeira coisa que os pastores devem ter bem presente ante seus olhos é que eles são pobres, são os *anawim* do Senhor que lhes dá tudo quanto necessitam. Aí está a essência da teologia pastoral. Quando o padre-pastor chega à compreensão vivencial desta verdade, ele se transforma. Quando um Pastor conhece seu nada e sua conseqüente dependência total de Deus, até o timbre de sua voz se transforma e as ovelhas o ouvem sem dificuldade e o seguem por onde quer que vá.

"Leva-me a descansar em planícies de pastagens verdejantes; conduz-me às águas repousantes e

alegra minha alma". As pastagens verdejantes são o próprio mistério de Deus, e quando o Senhor conduz alguém para este mundo inefável, esta pessoa não se preocupa muito com o que lhe possa acontecer na vida, porque está imersa na fé total, absorvida e envolvida nela e na mais perfeita confiança em Deus. Quanto tempo dure este repouso do Pastor nas planícies verdejantes do mistério de Deus e junto as águas salvíficas do seu Coração, não há quem possa dizer; mas este é ou deve ser seu noviciado para a grande missão de Pastor.

"Ele me guia pelas sendas da virtude, por causa do Seu nome." Conduzido por Deus por caminhos de bondade e de pureza, o Pastor leva seu rebanho pelas mesmas veredas; conduz por elas seu rebanho de pobres (porque o rebanho de Deus não pode ser rico), enquanto lhe anuncia a Boa Nova. É através do Evangelho e de Jesus Cristo, nele revelado, que o sacerdote deve levar seus irmãos aos braços do Pai, em caminhos de virtude.

Aqui o mistério se aprofunda, porque tanto o pastor-padre como os que o seguem são homens, mulheres e crianças que se perdem nas profundezas de Deus como numa névoa branca e pura de mistério. A Trindade mora em cada homem, mas no Pastor ela habita de modo especial; sua missão é revelar esta Trindade ao seu rebanho. O padre-pastor deve saber conduzir-nos por caminhos tais, na montanha do Senhor, que, a cada curva do caminho, se tornem cada vez mais luminosas para nós as dimensões do Amor de Deus Uno e Trino.

Eu sou um caminho... você é um caminho. Agora, pela graça do Senhor e com o auxílio do seu pastor,

eu sou capaz de levantar os braços para trabalhar na construção de um caminho, dentro de mim mesmo, que me conduza, sem curvas nem desvios, às alturas do meu Deus.

"Preparas para mim uma mesa, na presença dos meus adversários." O Senhor não é apenas um Pastor; ele é também um hospedeiro que põe mesa farta para todo o seu rebanho. Seus padres-pastores são os únicos que podem transformar o pão e o vinho em iguarias divinas desta mesa, para, com elas, alimentar o rebanho na sua longa jornada rumo à eternidade.

Estas foram as idéias por mim expostas aos meus amigos, padres e freiras, que voltavam do curso. Quando parei de falar, eu tinha compreendido o sentido de teologia pastoral. Cheguei à conclusão de que a preparação para ela deve ser a Eucaristia, a oração da Bíblia e a do silêncio. Foi curioso ver como, insensivelmente, todos acabamos ficando em silêncio; depois de feitas todas as perguntas, percebemos que Deus, nosso Pastor, estava ali no nosso meio. Foi um momento quase perfeito. De repente, quase todos nós nos esquecemos da teologia pastoral, porque tínhamos encontrado o Pastor.

O tremendo dom da profecia

A profecia é um dos dons do Espírito Santo e, como tal, é um dom do qual nos devemos aproximar como Moisés se achegou da sarça ardente, isto é, sem sapatos, porque o lugar é santo. Como em todos os dons de Deus para o ser humano, é Deus quem

escolhe tanto o dom como o homem.

Há pessoas que possuem mais dons do que as outras; mas estas, geralmente são poucas, porque os dons de Deus são pesados devido à carga de responsabilidade que em si levam. Para começar, eles nunca representam um benefício somente para a pessoa que os recebe e sempre devem ser usados em benefício dos outros.

O dom da profecia pode ser concedido a qualquer pessoa, se Deus assim quiser; é sempre do alto que ele vem e nenhum de nós pode suscitá-lo. De todos os dons do Espírito, talvez a profecia seja o que mais pesa sobre os ombros de quem a tem. O profeta é como um bloco de argila nas mãos de Deus e sua oração deve ser intensa e contínua, a fim de poder conservar puras e transmitir inalteradas as palavras que Deus põe nos seus lábios. A "pressão" exercida pela inspiração divina se tornaria insuportável sem oração. O profeta é como uma árvore dobrada pelo vento a ponto de quebrar-se. Há também fogo em sua boca.

Quem receber este dom deve estar preparado para ser considerado o lixo deste mundo, porque a verdadeira profecia não é bem aceita em nossos tempos. O homem atual faz o que ele quer, quando quer e como quer. Quando encontra pela frente uma verdade que lhe desagrada, sua reação será provavelmente violenta: seu primeiro gesto é ferir a pessoa que lhe traz a verdade.

Não se deve considerar com leveza, como algo insignificante, o dom da profecia e, por causa das infinitas contradições em que vive o cristão de hoje,

é bom que tenha seu diretor espiritual todo aquele que julgue possuí-lo. Ele é perigoso porque, muitas vezes, a pessoa pode ser tentada a atribuir a Deus tudo o que diz; neste caso, evidentemente, ela não é mais profeta de Deus, mas sim das trevas.

A língua do homem que possui palavras de Deus a transmitir é como uma ponte entre o céu e a humanidade e toda a sua pessoa se torna empregnada de Deus a ponto de quase desaparecer.

Os profetas antigos tinham medo do seu dom tremendo; Jeremias, por exemplo, dizia: "Ah, ah, ah, Senhor Deus, eu não sei falar; sou apenas um homem ainda jovem" (Jr 1,6).

Releiamos, algum dia, o Antigo Testamento ou mesmo o Novo para vermos o que aconteceu àqueles que foram escolhidos como profetas. A maioria deles foi martirizada. Hoje, como o espraiar do Movimento Pentecostal ou Carismático, tem-se a impressão de que não se está indo muito a fundo, na seriedade tremenda deste dom de profecia. Não há convicção real de que seja Deus quem nos está compelindo a dizer sua verdade em nossas línguas modernas, e ninguém percebe o sofrimento do profeta. Não há verdadeiro profeta que não sofra verdadeiras agonias.

A profecia é a palavra de Deus dada a um homem a fim de ser transmitida a outros homens; ora, como a palavra de Deus, o Verbo, é o próprio Cristo, o profeta, de certa forma o traz em si, tornando-se outro Cristo. Somente quem foi escolhido para esta missão poderá dizer quão leve ou quão pesada seja a palavra do Senhor. Mas a "sarça ardente" de

Moisés ainda está no meio de nós e sempre estará. A palavra de Deus continua ressoando nos ouvidos dos que ele escolheu. Se ouvirmos esta palavra, tiremos os sapatos porque é santo o lugar e também santo o tempo.

Perdão

Perdão é uma das necessidades espirituais mais urgentes da hora atual e não é preciso recorrer a muito raciocínio nem argumentação para chegar-se a esta conclusão. Realmente este é um tempo que precisa de perdão e todos temos que saber perdoar tanto os outros como a nós mesmos. O mundo ocidental leva na consciência uma tremenda carga de culpa e, devido a isso, temos a tendência de acusar e acusamos especialmente aqueles ante os quais deveríamos sentir-nos culpados.

Como vimos atrás, devemos amar os outros como a nós mesmos, donde se infere que existe, na lei de Deus, certo amor de nós mesmos, na nossa aceitação de tudo o que somos e na nossa apreciação pessoal como imagem de Deus. Agora segue-se também que temos que saber perdoar-nos, porque ninguém pode amar um inimigo que traz dentro de si mesmo.

Em outras palavras, devemos reconhecer nossos pecados no julgamento interior da nossa própria mente, com sinceridade e humildade. Para tanto importa descer até os mais íntimos refolhos do espírito e do coração para trazer nossas faltas à luz e, depois de as vermos perdoadas por Deus, as perdoaremos também a nós mesmos.

Quantas vezes vamos ao tribunal da penitência, fazemos nossa confissão e, mesmo depois de perdoados por Deus, continuamos inquietos, levando ainda o sentimento de culpa de todos os pecados que entregamos à misericórdia de Deus, na confissão. Isto é sinal de que não temos inteira confiança ou no seu perdão ou no seu amor.

Pode parecer estranho que, em se falando do mandamento do amor, alguém nos diga que se deva começar pelo perdão. Contudo, não existe outra alternativa neste mundo de violências, traições e crueldades; neste mundo em que se rompem todas as barragens, e as águas pútridas do mal e do ódio avançam cada vez mais impetuosas e ameaçadoras sobre nossas cidades! Este é o mundo, este é o "outro" que devemos amar.

E é preciso começar pelo perdão e pela misericórdia: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia". O perdão e a misericórdia acabarão levando cada um de nós à perfeição do amor, resumida naquela outra frase de Cristo: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos". Mas, mesmo para quem não chega à perfeição da caridade, é maravilhoso morrer perdoando. Pecamos a Maria, Mãe de Deus e dos homens, que tão bem amou e perdoou a raça que matou seu Filho, peçamos-lhe que nos ensine a rezar, amar e perdoar.

Pecado coletivo

Geralmente se fala do pecado como uma ocorrência individual, mas hoje se menciona também o "pecado

coletivo". Seria ele possível? Se lançarmos um olhar retrospectivo pela história, encontraremos muitos exemplos de pecados, más ações e abomináveis massacres, nos quais participaram grupos de pessoas e até nações inteiras. Em tais circunstâncias o indivíduo que estava agindo no meio da massa, colhido na avalanche, até poderia parecer inocente, mas tendo participado livremente da ação de todos, tornou-se culpado porque sufocou em si o sentido do bem e do mal.

Todos os que, de alguma forma, colaboraram coletivamente com a loucura de Hitler, tornaram-se réus de um crime muito maior do que seus próprios pecados pessoais. Individualmente, com suas mãos, não mataram ninguém e nem roubaram, mas concordaram, aceitaram e se envolveram no extermínio de seis milhões de judeus. Estamos falando, evidentemente dos que deram uma colaboração ativa, sabendo e vendo o rumo dos acontecimentos.

Este foi um pecado coletivo pelo qual toda uma nação teve de pagar e está pagando. Há quem diga, em defesa dos subalternos e oficiais menores, que eles estavam obedecendo ordens superiores, o que os liberta de qualquer responsabilidade moral; o militar é treinado para obedecer. Sim, para obedecer até o ponto em que não esteja envolvida a violação da lei de Deus e da caridade! O cristão deve estar preparado para obedecer primeiro a Deus, depois aos homens, como disse S. Pedro. (At 5,29) A desobediência a uma lei pecaminosa é um ato de virtude heróica que o cristão deve praticar, mesmo a custo da própria vida, se necessário. Portanto, o

massacre dos judeus e outros horrores foi um pecado coletivo.

Cada uma das pessoas envolvidas no escândalo Watergate, aparentemente não pensou estar cometendo um pecado pessoal, individual. O dinheiro por elas recolhido era para o partido, e toda aquela ação imoral de gravar conversas particulares e secretas foi considerada como necessária para a "causa". Nada disso; a atmosfera de escândalo em que se viu envolvida toda uma nação foi um pecado coletivo. Já é tempo de reconhecermos a realidade e a gravidade deste pecado, especialmente na esfera política e governamental. Não se pode ignorá-lo, e quem o aceita deve agüentar também as conseqüências.

A ira justa

Em que ponto oculto das profundezas de um espírito humano a ira deve começar, e o cristão se vê justificado a tomar nas mãos as cordas da indignação, para expulsar, do templo, os comerciantes profanadores? Há uma linha-limite, além da qual o homem tenha permissão para gritar palavras de fogo e de verdade aos poderosos deste mundo?

Sim, existe a ira santa, como no-lo atesta o Evangelho, relatando a ação de Cristo contra os vendilhões do templo e suas palavras tremendamente violentas contra a hipocrisia dos fariseus que ele chama de "raça de víboras", "sepulcros caiados" etc.

Eu pessoalmente sei muito bem que tormentas de

angústia podem abater-se sobre alguém, quando uma ira justificada o inflama como uma febre ou fá-lo tremer como um vento gelado. Experimentei isso nas favelas de Toronto, nos anos da depressão, ao ver longas filas de homens e mulheres famintas, esperando sua vez, diante de um armazém.

Naquela época, também eu estava sem comida e o que eu mendigava não era suficiente para partilhar com eles. Entretanto, certa noite, depois de um dia em que presenciei tanta miséria, fui convidada a fazer uma conferência para ouvintes católicos, no salão de um hotel luxuoso, onde homens e mulheres comiam à tripa forra.

Experimentei a mesma sensação em Harlem, Nova Iorque, onde passei dez anos. Aí, meu único desejo era ter também eu a pele negra. Viajei por toda a vastidão do continente americano, expondo, quase aos gritos, os indizíveis sofrimentos dos negros e obtendo, como única reação, a incompreensível e gélida indiferença dos brancos. Mas não foi só indiferença. Quase me lincharam, certa vez, num dos estados do Sul e não me incomodei com isso. Tampouco liguei para os tomates, ovos e outras coisas que, em várias ocasiões, me atirarem certas audiências. E a perseguição aberta e violenta que moveram contra mim? Minha raiva era grande demais para dar lugar a preocupações. Eu rezava, pedindo a Deus a graça de poder morrer pelos meus irmãos negros, mas, obviamente, não fui digna do martírio. Era justa e santa, sem dúvida, a ira que, naqueles tempos, me sacudia toda por dentro.

Não posso negar que usei, então, muitas vezes, palavras violentas como chicotadas e, não raro, ao

voltar para dormir em minha cama, infestada de percevejos, em Harlem, passou-me pela cabeça a tentação de usar meus poucos talentos, na linha de ação e comunicação, a fim de açular os negros numa revolução vingativa.

Ainda hoje, por onde quer que eu vá, defronto-me com o rosto emaciado da pobreza, fruto da injustiça do homem contra o homem e, então, mais uma vez e muitas vezes, o fogo desta ira corre liquêfeito em minhas veias. Em que ponto esta indignação que sinto, este sofrimento que me queima por dentro, em que fronteira imaginária esta ira pode saltar fora e explodir nalguma forma de violência? Quem me responde com uma orientação? Eu que me considero apóstola da paz e da resistência pacífica, sinto-me confusa. A resposta de Cristo é sempre paradoxal e bem gostaria eu que alguém me elucidasse este enigma. O mesmo Cristo que diz: "Quem fere com a espada perecerá com ela" e "Se alguém te fere numa das faces, apresenta a outra", mais adiante toma um feixe de cordas, expulsa os vendilhões e, contra os fariseus, usa a palavra como se fosse uma espada!

Pergunto-me angustiada até quando é possível para um cristão observar, em silêncio, o rosto dos pobres sendo esmagado contra o pó pelos ricos e ver as nações ricas enviando punhadinhos de trigo para os países pobres, enquanto gastam milhões em propagandas espaciais e bombas atômicas. Até que ponto se pode ficar calado, sem manifestação alguma de violência, vendo os ricos se empanturrando de alimento e, depois, pagando altíssimos preços aos médicos para que os ajudem a reduzir o peso e conservar a forma, enquanto a

metade do mundo está passando fome? Quem me dará uma resposta para tanta angustia e para toda a indignação que consome, por dentro, milhares de corações cristãos?

A mim só me fica uma resposta: a oração ininterrupta, reforçada pelo jejum; o *fiat* de uma resignação, dizendo a Deus que aceito permanecer crucificada na cruz desta ira eternamente tensa e justa. Sinto-me mais segura nesta cruz e, enquanto estou cravada nela, não me vence a tentação da violência. A missão de um crucificado é pender da sua cruz e lá morrer aos poucos por todos aqueles que ama. Sim, talvez seja esta a única resposta possível: morrer na cruz para que a esperança possa nascer no coração dos outros, dos infelizes e dos pobres. Morrer para que o amor ainda consiga florescer nos corações dos ricos e fazer com que eles se debrucem sobre a pobreza dos seus irmãos.

A castidade e o Evangelho

Não há dúvida de que, sob vários aspectos, já nos esquecemos de qual seja o sentido da palavra castidade. Jesus Cristo se fez homem mas não se casou, estabelecendo, desta maneira, um modelo e um ideal. Há pessoas que observam a castidade conjugal e outras que abraçam o celibato por amor ao reino do céu. Para todos, entretanto, permanece válido o mandamento do Evangelho: "Qualquer um que olhe, com luxúria, para uma pessoa do sexo oposto, já pecou por adultério, em seu coração".

Cristo colocou toda a questão da castidade no contexto do coração. Nós podemos passar dias,

semanas e meses racionalizando as coisas, mas o Evangelho não racionaliza; vai direto ao núcleo, ao coração. Ninguém impõe o celibato que é sempre uma opção livre, mas o Evangelho exige que o relacionamento entre pessoas do sexo oposto se estabeleça numa base de amor. E vai mais longe ainda; a castidade pede pureza de coração, porque só os puros verão a Deus.

Quando alguém "vê Deus", seu respeito e amor pelo próximo se assemelham aos mesmos sentimentos que em si abrigava o coração de Cristo. No casamento, marido e mulher se lançam na mais gloriosa aventura que dois seres humanos podem empreender, desde que haja *amor* entre ambos, desde que a razão de sua aproximação e sua vida comum não seja a *luxúria* ou mero instinto sexual. O amor está no coração e não nas funções biológicas.

Quando o Evangelho diz que os puros verão a Deus, quer dizer também que o verão em todos os seus irmãos. Quando reconheço a presença de Deus nos outros, eu os respeito e os amo; não usarei ou abusarei deles para meus próprios fins, isto é, para satisfazer-me física ou emocionalmente, largando-os depois ou jogando-os fora, como bagaços que já não tenham coisa alguma a oferecer-me.

O que falta no relacionamento entre os homens e as mulheres de hoje é *profundidade*. A atitude mais encontrada é: "que coisa posso obter" da outra pessoa, em vez de "que coisa posso *dar*". Mas até mesmo a nobre ação de dar pode apresentar-se manchada, quando pensamos que, unindo-nos a alguém, nos tornamos dons de Deus para ele ou ela; talvez sejamos mesmo, mas só no caso de estarmos

pensando mais na outra pessoa do que em nós mesmos.

Altíssimas são as palavras de Deus a respeito da pureza e, ao mesmo tempo, também, muito profundas. Quem de nós nunca se viu frente a frente com uma pessoa pura? Quando isto acontece, experimentamos uma sensação que não se pode definir. Diante de uma alma pura, a gente pensa irresistivelmente em Deus. Tais pessoas assemelham-se a estes sinais de beira de estrada, apontando o caminho da vinda do Senhor, da parüsia.

Celibato é a ausência de relações sexuais entre o homem e a mulher; é a renúncia de um dos aspectos mais preciosos da vida humana: o poder de procriar e formar uma família. Talvez o jovem sacerdote tenha visualizado, na noite que precedeu sua ordenação, os filhos que nunca dele nascerão e a mulher que nunca estará a seu lado. Talvez a freira tenha tido a mesma sensação. Pelo menos aqui, em *Madonna House*, temos certeza de que isto acontece. Mas olhamos este dom maravilhoso frente a frente, bem nos olhos e o oferecemos ao Senhor, como quem levanta um cálice, na elevação do altar.

Vamos celebrar!

Celebração é o canto festivo de louvor que se eleva do coração do homem até o coração de Deus.

Celebração é o baile místico do homem, a dança da sua fé, que vai do nascimento à morte, sempre, maravilhosa e imensamente variada em forma externa, ritmo e compasso, ora bastante simples ora

mais elaborada e mais difícil.

Celebração é a expressão da esperança enquanto caminhamos entre as trevas; uma esperança que, aparentemente, nada possui para nutri-la além da fé, sempre em ritmo festivo.

Celebração é o grande Amor que traz à terra as canções do Louvor, os sons dos pés dançantes.

Celebração é a estrela da esperança brilhando sobre as sombras do caminho.

É extremamente importante que saibamos expandir nossos corações para abarcar novas dimensões da celebração. Ordinariamente, o verbo celebrar nos traz à mente o canto, salas profusamente iluminadas e muito movimento e muita dança. As imaginações mais ricas terão ainda outras maneiras de dar forma à idéia de celebração, mas não nos esqueçamos de que estamos no mundo do espírito e, aqui, existem outras profundidades insondáveis. É preciso ir mais longe, pois, e procurar algo mais, muito mais belo. É preciso subir a montanha do Senhor, onde, a cada passo, o espírito vislumbra novos horizontes, descobre dimensões de vida nunca imaginadas.

Afinal, a vida espiritual nada mais é do que esta bela peregrinação, montanha de Deus acima, galgando alturas em que o homem, a exemplo de Moisés, contempla quase face a face o seu Senhor ou mesmo sem o quase, quando chega a morte. Sim, é importante que mergulhemos nossa vida interior na realidade desta palavra feliz — celebração —, pois ela contém muito mais sentido e mais mensagem do que lhe atribuímos.

Celebração é realmente canto, dança e luz; é tudo

isso e mais, num tumulto festivo a transbordar do coração do homem, quando ele se vê totalmente preparado para entregar-se à vontade de Deus. Então ele compreende que sua entrega é motivo especial para alegria e festa, mesmo sabendo que este abandono pode levá-lo não só às alegrias mas também às dores, privações, doenças e tristezas.

Celebrar, para o cristão, significa vivificar, com a alegria, cada passo de sua vida. Ao entender isto, sua existência adquire aspectos novos, novas dimensões: descobrimos então, bem dentro de nós e no próprio desenrolar-se cotidiano das ações, maneiras novas de ajudar nossos irmãos e de servi-los. Celebrando, neste sentido descrito acima, todos os acontecimentos que a vontade de Deus introduz em nossas vidas, nós infundimos coragem a todos os que encontramos em nosso caminho e nos tornamos verdadeiras bênçãos para eles.

Quem já visitou uma alma santa, nos seus últimos dias de vida, entende o que tenciono dizer. Como impressiona o fluxo contínuo de visitantes que chegam e se debruçam sobre seu leito de morte a fim de receberem lições de vida, a fim de ouvirem as canções finais de uma existência, cantos de fé e de louvor a Deus.

A alma da gente parece acender-se na chama de esperança que brilha nos olhos do moribundo; olhos que, antes de se apagarem para a luz deste mundo, já estão acesos na luz da eternidade. Seus pés inertes parecem reanimar-se para o ritmo das celebrações celestes e nós sentimos, em nossos próprios pés, um vigor novo para as caminhadas da fé e as celebrações do amor e da esperança. Sim, a

gente sai, de uma visita destas, completamente iluminada e volta à vida repetindo a grande e linda frase da Bíblia: "É preciosa ante os olhos do Senhor, a morte dos seus santos" (SI 115).

O coração do homem que celebra, dia a dia, hora a hora, a vontade do Senhor é, realmente, um coro em contínua entoação de glórias e aleluias. Este coro deveria ser um toque de chamada e de alento para todos aqueles que procuram e não estão encontrando, para todos os que, há muito, já deixaram de cantar e não sabem mais dançar.

Venham! Vamos juntos, mão na mão, subir a montanha do Senhor, para melhor compreendermos o sentido da celebração cristã.

E comecemos logo a celebrar!

Livros por Catarina de Hueck Doherty
em português

Disponíveis somente no Internet:

Alma da Minha Vida
O Evangelho sem Restrições
O Silêncio de Deus
União na Fraternidade

Disponíveis no Internet e também impressos:

Deserto Vivo (Poustinia)
Em Parábolas

Para comprar livros impressos, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

português@madonnahouse.org

Biografia de Catarina de Hueck Doherty
por Héber Salvador de Lima, S.J.

Apresento-lhes a Baronesa

Para comprar, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá